


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

JOÃO PAULO ZERBINATI

DESVELANDO A VIVÊNCIA TRANSEXUAL: gênero, criação e constituição de si-mesmo



ARARAQUARA – S.P.
2017

JOÃO PAULO ZERBINATI

DESVELANDO A VIVÊNCIA TRANSEXUAL: gênero, criação e constituição de si-mesmo

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Alves de Toledo Bruns

ARARAQUARA – SP
2017

Zerbinati, João Paulo

DESVELANDO A VIVÊNCIA TRANSEXUAL: gênero, criação e constituição de si-mesmo / João Paulo Zerbinati – 2017

137 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Maria Alves de Toledo Bruns

1. Sexualidade. 2. Gênero. 3. Transexualidade. 4. Psicanálise. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JOÃO PAULO ZERBINATI

DESVELANDO A VIVÊNCIA TRANSEXUAL: gênero, criação e constituição de si-mesmo

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

Data de defesa: 04/12/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, Doutora em Psicologia Educacional

Docente e pesquisadora, Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto-SP), e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara-SP).

Membro Titular: Profa. Dra. Ana Paula Leivar Brancaleoni, Doutora em Psicologia

Docente e pesquisadora, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Araraquara-SP).

Membro Titular: Profa. Dra. Célia Regina Vieira de Souza-Leite, Doutora em Psicologia

Docente e pesquisadora, Centro Universitário Moura Lacerda (Ribeirão Preto-SP).

Local: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

À **Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns**, grande pesquisadora, orientadora e amiga, que em tantos momentos, tantas horas de trabalho e produções acadêmicas, sempre foi extremamente dedicada, potencializando cada detalhe ainda cru de minhas elaborações técnicas e teóricas, acreditando e legitimando de modo delicado e honesto cada palavra construída neste trabalho.

À minha mãe, **Maria de Lourdes Bolfe Zerbinati**, e ao meu pai, **João Zerbinati Filho**, que mesmo não entendendo muito bem o significado de uma dissertação ou um mestrado, souberam como ninguém acolher, reconhecer e valorizar os desejos de um filho.

Ao meu companheiro **Jhohann Richard de Lima Benzi**, que me instiga ao amadurecimento científico e afetivo, me fazendo compreender além de qualquer teoria acerca da necessidade e grandiosidade do vínculo amoroso.

À **Patrícia Bolfe**, minha querida prima, amiga e primeiro modelo profissional de psicóloga e psicanalista, que me instiga como ninguém ao estudo da psicanálise e acima de tudo acolhe e devolve minhas angustias, me fazendo compreendê-las como um elemento básico e inerente ao processo de amadurecimento.

Aos **colegas da Pós-graduação em Educação Sexual da FCL/UNESP**, pela rica e diversa experiência afetiva e reflexiva.

Aos **colegas do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida - USP/CNPq**, pelo incentivo e companheirismo no caminhar acadêmico e científico.

Aos **professores e professoras da Pós-graduação em Educação Sexual da FCL/UNESP-Araraquara**, pelo conhecimento compartilhado e pela oportunidade de crescimento teórico, profissional e pessoal.

Às professoras **Dra. Ana Paula Leivar Brancaleoni e Dra. Célia Regina Vieira de Souza-Leite**, pela generosa e intensa contribuição nas bancas de qualificação e defesa, assim como em todos os momentos anteriores e posteriores a elas.

Aos **funcionários e funcionárias da FCL/UNESP-Araraquara**, pela elegante disponibilidade e atenção durante todo o tempo do mestrado.

Aos meus **grandes amigos e amigas**, pela contribuição e ajuda em todo o viver.

Ao **João Nery**, pela disponibilidade em compartilhar sua história de vida, oferecendo a matéria prima para a elaboração desta dissertação.

Por fim, aos meus **pacientes**, pela oportunidade ao crescimento profissional e pessoal através do contato com tantos mundos vividos, sofridos, sonhados e desejados.

Sou grato a todos e a todas vocês pela conquista deste trabalho. Continuemos a caminhada.

Muito obrigado!

Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...

e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Cecília Meireles (1990).

Resumo

A transexualidade é um aspecto da sexualidade que intima e instiga o avanço compreensivo da própria sexualidade para além da naturalização dos modelos binários para o sexo e gênero. Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi compreender a vivência do primeiro transexual operado no Brasil, João W. Nery, de modo crítico aos determinismos psicopatológicos que partem de lógicas cisheteronormativas. Trata-se de um estudo documental, realizado por intermédio da análise da trajetória de vida de João, disponível em sua mais recente autobiografia intitulada “Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois” e artigo publicado em revista científica: “João W. Nery – A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista”. Foi utilizado o método psicanalítico na atitude de desvelar a vivência transexual, assim como buscar eleger categorias para organizar a análise, que foram: (1) “Tons de rosa: infância e tempo de desencontros”, (2) “Tons de azul: puberdade e tempo de inseguranças, sofrimentos e a descoberta de novos matizes”, (3) “Tons de transgressão: adultez” e (4) “O abraço do tempo em cores do arco-íris: tons de amadurecimento”. A análise foi mediada teoricamente pela escola britânica de psicanálise, sobretudo de paradigma winnicottiano, em diálogo com a teoria *queer*. Foi possível compreender a expressão do gênero não binário, não rígido, enquanto aspecto original e criativo, um caminho para a constituição e reconhecimento de si-mesmo, a expressão genuína de um verdadeiro *self*. É na impossibilidade de integrar tais aspectos, assim como o acolhimento de sua originalidade para o sexo e gênero, que o sofrimento e a expressão de um falso *self* se manifestam. Compreender a vivência transexual sem compará-la aos modelos normativos ao sexo e ao gênero é desafio contemporâneo e necessário para tornar menos rígidos os saberes da psicologia, psiquiatria e principalmente da psicanálise, assim como demais áreas da saúde e educação cuja práxis emerge ao contato com aspectos da pluralidade afetiva e sexual humana. Cabe à psicanálise, a partir das novas demandas e possibilidades de um si-mesmo contemporâneo, se movimentar e avançar enquanto campo do saber humano, de vida e pensamento, potente a compreender, despatologizar, cuidar, reconhecer, desvelar a vivência transexual e os seus caminhos para a constituição de si-mesmo.

Palavras-chave: Sexualidade, Gênero, Transexualidade, Psicanálise.

Abstract

Transsexuality is an aspect of sexuality that intimates and instigates the comprehensive advancement of own sexuality beyond the naturalization of binary models for sex and gender. In this perspective, the objective of this study was to understand the experience of the first transsexual operated in Brazil, João W. Nery, in a critical way to the psychopathological determinisms that depart from logics cis-heteronormativity. A documentary study, was performed through the analysis of João life trajectory, available in his most recent autobiography entitled "Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois" and an article published in a scientific journal: "João W. Nery – A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista". The psychoanalytic method was used with the purpose of unveiling the transsexual experience and to select categories to organize the analysis, which were: (1) "Tones of rose: childhood and time of mismatch", (2) "Tones of blue: puberty and time of insecurities, sufferings and the discovery of new shades", (3) "Tones of transgression: adulthood" and (4) "The embrace of time in rainbow colors: ripening tones". The analysis was mediated theoretically by the British School of Psychoanalysis, mainly of Winnicottian paradigm, in dialogue with queer theory. It was possible to understand the expression of the non-binary, non-rigid genre as an original and creative aspect, a path to the constitution and recognition of self, the genuine expression of a true self. It is impossible to integrate such aspects, as well as the reception of their originality for sex and gender, that the suffering and the expression of a false self are manifested. Understanding the transsexual experience without comparing it to normative models to sex and gender is a contemporary and necessary challenge to improve the knowledge of psychology and psychiatry, and especially of psychoanalysis. And also for other areas of health and education, whose praxis emerges from contact with such aspects of human affective and sexual plurality. It is up to psychoanalysis, based on the new demands and possibilities of a contemporary self, advance as a field of human knowledge, life and thought, powerful enough to understand, depathologize, care, recognize, unveil the transsexual experience and its ways for the constitution of self.

Keywords: Sexuality, Gender, Transsexuality, Psychoanalysis.

SUMÁRIO

1 AS TONALIDADES NA TRAJETÓRIA DO AUTOR: apresentação pré-reflexiva...	10
2 MUDANÇA DE SEXO E SEUS MATIZES: da mitologia à psicanálise contemporânea, do patológico ao compreensivo.....	17
2.1 Construção das cores afetivas e sexuais na mitologia e nas antigas civilizações.	17
2.2 A matiz da mudança de sexo na modernidade.....	22
2.3 A transexualidade em perspectiva.....	28
2.5 Contemporaneidade e transexualidade: ampliando com tonalidades humanas.	35
2.6 A psicanálise em foco.....	45
3 A ESCOLHA DOS PINCÉIS: instrumentos para a pesquisa psicanalítica.....	65
3.1 Exegese, hermenêutica e interpretação em psicanálise	65
3.2 Acesso aos tons da vivência de João W. Nery.....	69
3.3 Eleição das categorias de análise para o pintar	71
4 O PINTAR: nos horizontes da análise	74
4.1 Categoria I - Tons de rosa: infância e tempo de desencontros	75
4.2 Categoria II - Tons de azul: puberdade e tempo de inseguranças, sofrimento e a descoberta de novos tons	85
4.3 Categoria III - Tons de transgressão: adulez.....	92
4.4 Categoria IV - O abraço do tempo em cores do arco-íris: tons de amadurecimento.....	110
5 GÊNERO, CRIAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE SI-MESMO: compreendendo a vivência transexual.....	120
6 NOVAS PINTURAS: horizontes	124
REFERÊNCIAS.....	126

1 AS TONALIDADES NA TRAJETÓRIA DO AUTOR: apresentação pré-reflexiva

O desejo de compreender a vivência transexual conduziu-me até a elaboração desta dissertação de mestrado. Entretanto, o nascente deste estudo, assim como seu trajeto de elaboração, é um pouco além do tempo cronológico acadêmico e transcende aos limites de minha construção profissional e pessoal. Assim, se faz necessário esta pré-reflexão na qual me apresento enquanto sujeito e pesquisador.

O início desejante dessa dissertação aconteceu muito antes do início na pós-graduação ou prática clínica, antes mesmo de eu descobrir a psicologia como uma área do conhecimento humano e científico, mas ainda enquanto “cientista” na infância. Lembro-me que nunca compreendi muito bem as diferenças de gênero definidas por questões rasas de comportamentos, com pouca abertura para autonomia criativa na construção da identidade. Entretanto, aspecto muito comum na cultura na qual nasci e cresci, sem muita oportunidade para levar a diante minhas indagações nesse contexto inicial.

Até que, algum tempo depois, já como aluno/estagiário da graduação em psicologia pela Faculdade da Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC, 2009-2014), eu comecei a ter contato profissionalmente com as queixas relacionadas à sexualidade e as questões de gênero que se aproximavam de mim a partir de diferentes olhares e diferentes campos nos estágios curriculares: na clínica, através de sujeitos que sofriam por não se encontrar nos padrões heteronormativos; no âmbito escolar, por meio de pais e seus filhos, crianças e adolescentes que começavam desde muito cedo apresentar comportamentos que destoavam do modelo de gênero padrão, e por professores que não sabiam como lidar com tais demandas dentro da sala de aula, no âmbito educacional. Pessoas que buscavam no conhecimento da Psicologia uma palavra de acolhimento e a esperança de respostas potentes para aliviar suas angústias e seus conflitos.

Minha primeira reação foi a de buscar possíveis respostas na literatura científica especializada, concomitante à supervisão dos professores/orientadores da graduação. Diferente do que imaginava encontrar, descobri distintos olhares à sexualidade e mais ainda no que se relacionava à transexualidade e identidade de gênero. De um lado, saberes que discutiam as transexualidades como uma dentre tantas outras expressões possíveis para a expressão afetiva e sexual construída na complexa relação entre o sujeito e seu ambiente. Por outro lado, modelos com um viés patologizante, com uma conotação de doença e estigma para a identidade de gênero que se opusesse a lógica binária de sexo e gênero, apontando momentos na constituição subjetiva ou biológica que desencadeariam vivências enquanto um “transtorno sexual”.

Com tais buscas, me percebi permeado por dúvidas que aumentavam e se incrementavam ao passo de cada leitura realizada e refletida. Qual critério científico para normatizar a sexualidade? Haveria um modelo puramente saudável ou puramente patológico da sexualidade? Seria possível uma compreensão crítica à lógica naturalizante e binária da sexualidade, uma compreensão que não negligenciasse a vivência e subjetividade humana?

Penso que para tais reflexões, foi fundamental minha vivência e a oportunidade de uma educação emancipatória em psicologia e psicopatologia, influenciada pelos pressupostos da psicopatologia fundamental e da psicanálise compreendendo a vivência humana muito além de um sintoma ou quadro diagnóstico¹. Tais bagagens pessoais, teóricas e práticas

¹ Destaco aqui os trabalhos elaborados no final de minha graduação, enquanto monitor das disciplinas de Psicopatologia e Pesquisa no curso de Psicologia na Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas, com a Prof^ª Dr^ª Marly Fernandes e Prof^ª Dr^ª Isabel Cristina Dib Bariani, respectivamente. As monitorias foram experiências singulares de aprendizagem, possibilitando a reflexão acerca da subjetividade humana e a relação entre a psicologia enquanto ciência e profissão, o entendimento de que o pesquisador é um forte instrumento para ressoar mudanças e avançar o próprio modelo científico, assim como a sociedade como um todo. Tais vínculos originaram publicações que acima de qualquer questão metodológica ou teórica, representam o início de minha caminhada profissional e acadêmica, dentre as quais, destaco o trabalho intitulado “Monitoria no ensino das paixões: acolhimento ao aluno no primeiro contato com a psicopatologia” (Fernandes, Zerbinati, Cantares, & Germano, 2015).

foram fundamentais para eu refletir a possibilidade de compreender as questões de gênero além do simples enquadramento normal ou patológico, mas enquanto questão humana.

Logo após a graduação em Psicologia, avançando em análise individual, já atuando como psicólogo clínico e aproveitando desse incrível laboratório que é a clínica e a oportunidade para reflexão ao escutar o sofrimento humano, e meu próprio sofrimento despertado pela contratransferência, tive a oportunidade de cruzar com as profundas e originais produções acadêmicas da Prof^a Dr^a Maria Alves de Toledo Bruns, ancoradas na Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto-SP e do programa de pós-graduação em Educação Sexual na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Araraquara-SP, ambas com um enfoque na compreensão qualitativa da vivência afetiva-sexual a partir do *ethos* sócio-histórico-psico-cultural e espiritual do sujeito na contemporaneidade. Foi então que me deparei com a oportunidade para acrescentar minha formação e tornar minhas indagações pré-conscientes em conscientes e científicas, através deste estudo que hora apresento ao leitor. Uma possibilidade para contribuir cientificamente, na formação principalmente de psicólogos, mas também psicanalistas, psiquiatras, pedagogos, assim como demais profissionais entre as áreas da saúde e educação cujas práticas emergem ao contato com a diversidade de sexo e gênero, acarretando em práxis com uma percepção ampla, inclusiva e acolhedora da diversidade humana.

A partir da aprovação na seleção do Programa de Pós-graduação *stricto sensu*, Mestrado em Educação Sexual, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/Araraquara-SP em agosto de 2015, na linha de pesquisa “Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores”, com o pré-projeto “Transexualidade: analisando o novo corpo, construindo um novo olhar”, orientado e inspirado no trajeto da Prof^a Dr^a Maria Alves de

Toledo Bruns, iniciei o movimento de repensar, trazer a tona discussões teóricas e metodológicas, me disponibilizando seriamente à elaboração científica acerca da temática transexualidade. Desde a aprovação do projeto foram inúmeros trabalhos publicados e apresentados em coautoria com a Prof^a Dr^a Maria Alves², frutos de reflexões teóricas e internas para a compreensão da sexualidade, a partir de diferentes teias afetivas e sexuais de casos clínicos, textos psicanalíticos, filmes e demais produções intelectuais tendo a sexualidade como pano de fundo ou locomotiva para constituição de si-mesmo.

A interface entre às áreas da educação e da saúde, proporcionada pela pós-graduação em Educação Sexual, foi aspecto essencial para a elaboração deste estudo. A visão intercientífica e humana, potencializou, enriqueceu e proporcionou as reflexões necessárias para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Por todo esse trajeto, é importante destacar que esta dissertação foi construída em conjunto, no plural, ligada pelo nó(s) do amor ao conhecimento. Agora, ao seu término, após diversas reelaborações metodológicas e teóricas, tendo como resultado esta versão que apresentamos e submetemos para avaliação à banca de defesa, é que consigo traçar com mais clareza a importância do meu próprio desejo e percurso vivido, assim como o nascimento desta pesquisa antes mesmo de poder ser nomeada.

Já com uma ideia de pesquisa delimitada, por intermédio de notícias veiculadas pela mídia me deparei com algumas entrevistas do primeiro transexual masculino operado no Brasil, João W. Nery, e me mobilizei na procura de mais informações relacionadas a ele. Ao ter acesso às suas autobiográficas, nas quais apresenta detalhes de sua história, descrevendo

² Trabalhos enquanto primeiro autor durante o período de 2015-2017:

Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. T. (2017). Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. *Revista Travessias*, 1(11),76-92;

Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. T. (2016). A sexualidade feminina contextualizada no filme “The Witch”. *Leitura Flutuante*, 8(1),77-81;

Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. T. (2016). Pluralidade sexual: caminhos para subjetivação na transexualidade. In: IV Congresso Brasileiro de Educação Sexual;

Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. T. (2015). A transexualidade na interface com a psicanálise. In: Anais do X Encontro Ibero-Americano de Educação;

Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. T. (2015). Feminilidade, Masculinidade e Transexualidade: discutindo identidade de gênero em Psicanálise. In: Livro de Resumos do XV Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana & I Encontro Luso-brasileiro de Sexualidade Humana.

sua vivência da infância até tempos de maturidade de modo muito distante ao nível do espetáculo, mas uma complexa rede de encontros e desencontros para a constituição de si-mesmo, surgiu a proposta de desenvolver esta dissertação analisando os processos de amadurecimento humano, a constituição de si-mesmo, relações vinculares, desejos, paixões, sofrimentos, enfim, a vivência de um transexual, um ser humano, filho, pai, esposo, psicólogo, professor, chofer, pedreiro, em muitos momentos sem nome, mas corajoso e transgressor para assumir e lutar por seu desejo.

Para a compreensão da vivência de um ser humano não enquadrado na cisheteronormativa socialmente predominante, no nível máximo das possibilidades até então interrogadas à norma sexual, que é a transexualidade, compreendemos após muito caminhar que nenhum campo do conhecimento poderia oferecer sozinho, subsídios teóricos e metodológicos para a elaboração desta pesquisa em área tão diversa, sendo somente a partir de um olhar acerca da diversidade teórica que conseguiríamos alcançar respostas aos objetivos e indagações desta pesquisa.

Após o exame de qualificação, realizado em 22 de maio de 2017, intenso momento de reflexão em que pudemos contar com a colaboração das professoras Dr^a Ana Paula Leivar Brancaleoni, Dr^a Célia Regina Vieira de Souza-Leite e Dr^a Maria Alves de Toledo Bruns, chegamos à conclusão que esta dissertação seria ancorada em um campo de interlocução entre a psicanálise, sobretudo de paradigma winnicottiano, e a teoria *queer*. O intuito foi ampliar e produzir um saber que se aproximasse da complexidade da vivência transexual, tendo enquanto enigma de pesquisa a proposta de compreender a vivência transexual sem lhe reduzir precipitadamente a um diagnóstico que pouco pudesse compreender sua subjetividade e potencialidade para uma vida criativa, para a expressão genuína de um verdadeiro *self*.

Cada palavra presente nesta dissertação foi fruto de elaboração interna, construída em pesquisas, estudos, leituras, análise pessoal e orientação a fim de compreender o fenômeno

proposto, complexo e contemporâneo. Não obtivemos a pretensão de esgotar as possibilidades compreensivas, mas provocar reflexões críticas e estimular o pensamento científico, compreensivo e despatologizante acerca da transexualidade ao compreendê-la qualitativamente a partir de uma posição intercientífica, sobretudo psicanalítica, em defesa de uma dimensão humana transexual.

A fim de tornar nossa escrita e pensamento mais livre e possibilitar uma melhor compreensão ao leitor, elaboramos essa dissertação tendo como estratégia a metáfora com a criação, com a arte, a beleza dos tons, das cores, suas delicadas nuances, por fim matizes, que assim como a vivência afetiva e sexual, possibilitam diversas expressões, significados, compreensões e representações. Algo em que não cabe nor(matiz)ação.

Nesse sentido, no **Capítulo 2. Mudança de sexo e seus matizes: da mitologia à psicanálise contemporânea, do patológico ao compreensivo**, apresentamos as construções históricas, sociais, políticas, médicas, filosóficas e psicanalíticas que envolvem o campo de conhecimento acerca do gênero, da mudança de sexo e da transgeneridade, partindo desde a era clássica, até o momento histórico atual, correlacionando tais discursos, integrando-os à temática principal deste trabalho a partir de um referencial intercientífico, tendo como princípio norteador a escola britânica de psicanálise e diálogos possíveis com a teoria *queer*.

Capítulo 3. A escolha dos pincéis: instrumentos para a investigação psicanalítica, discutimos o método de pesquisa documental utilizado por esta dissertação, seus limites epistemológicos que possibilitaram a compreensão do mundo vivido de um sujeito transexual e delimitamos o caminho de acesso à história de sua vida, bem como os passos para as categorias de análise psicanalítica.

Capítulo 4. O pintar: nos horizontes da análise, foi o momento de apresentar detalhadamente a história documental do sujeito estudado, compreendendo e analisando sua vivência da infância até tempos de maturidade a partir da teoria do amadurecimento humano

proposto por Winnicott, em diálogo com a teoria *queer*, de modo a integrar e fornecer amparo teórico para cumprir com os objetivos desta pesquisa.

No **Capítulo 5. Gênero, criação e constituição de si-mesmo: desvelando a vivência transexual**, houve a integração teórica de toda análise do percurso vivido, investindo na compreensão do gênero enquanto um potente aspecto para criação e constituição de si-mesmo.

Por fim, refletimos no **Capítulo 6. Novas pinturas: horizontes**, os possíveis próximos passos para pesquisas e reflexões teóricas, técnicas, clínicas, educacionais e institucionais a partir da história de vida analisada. Finalizando então com os aportes bibliográficos que forneceram arcabouço teórico para elaborarmos os alicerces e a compreensão dos tons do matiz transexual de João Nery.

2 MUDANÇA DE SEXO E SEUS MATIZES: da mitologia à psicanálise contemporânea, do patológico ao compreensivo

Vivenciar comportamentos que borram os modelos de gêneros rígidos e binários é elemento presente na cultura humana desde, ao menos, a antiguidade clássica, em registros que perpassam diversas fontes literárias, antropológicas e artísticas. É vivência tão antiga quanto qualquer outra expressão da sexualidade (Bruns & Pinto, 2003; Bento, 2006; Cossi, 2011; Ceccarelli, 2013). É aspecto que demonstra a pluralidade da expressão afetiva e sexual, assim como a possibilidade de seu acolhimento enquanto característica humana.

Recuar para tais registros e explorar a temporalidade desse fenômeno, especialmente dentro das áreas da saúde e das ciências humanas, é um percurso importante na busca de introduzir, esclarecer, contextualizar, refletir sobre a vivência afetiva e sexual humana e avançar sua compreensão na contemporaneidade.

Este capítulo teórico se debruçou sobre o fenômeno da diversidade de sexo e gênero, especialmente o transexual, na tentativa de apresentar e refletir através de seu registro histórico e avanço compreensivo de seu discurso em constante refinamento e com mudanças significativas observadas nos últimos anos tanto nas áreas da saúde quanto nas ciências humanas.

2.1 Construção das cores afetivas e sexuais na mitologia e nas antigas civilizações

Desde a era clássica já era possível encontrar a presença da experiência do transitar por entre os gêneros e sexos. No substrato das relações, subjetividade e desenvolvimento humano que é a mitologia, vivência e saber que representa a origem de nossa civilização (Foucault, 1973/2002), havia Tirésias.

Tirésias foi um célebre adivinho de Tebas que, em algumas versões de sua estória mítica, passou pela experiência de permanecer por sete anos transformado em mulher. Isso aconteceu um dia em que indo orar no monte Citorão, encontrou um casal de cobras peçonhentas copulando. As cobras se voltaram contra ele, que ao tentar separá-las acabou matando a serpente fêmea, momento em que foi “punido” e transformado em mulher. Sete anos mais tarde, vivenciou a mesma situação descrita anteriormente, mas com uma diferença: Tirésias matou a cobra macho e então, retornou para seu corpo masculino correspondente ao modelo normativo historicamente construído (Mucci, 2010).

Por possuir a vivência dos correspondentes modelos do “ser homem” e “ser mulher”, Tirésias foi chamado para se posicionar diante de uma indagação de Zeus e Hera. Hera dizia que o homem obtinha um maior prazer sexual que a mulher e Zeus acreditava no oposto. O embate entre os sexos e gêneros existe desde os deuses do Olimpo, e Tirésias por fim, delineou que era a mulher quem possuía mais prazer na relação sexual. Hera, furiosa por ter seu pensamento contrariado, cegou Tirésias como forma de vingança. Mas Zeus, condoído e em gratificação por Tirésias ter lhe dado a vitória, concedeu-lhe o dom da previsão (Mucci, 2010).

Tirésias foi um importante adivinho que aparece em outros mitos, como o próprio mito de Édipo. Tirésias transita pelo mito de Édipo se identificando e instigando a profecia edípica (Salles, 2013; Cassorla, 2016). Entretanto, ele não é o único personagem clássico relacionado à mudança de sexo ou gênero. Ainda na literatura greco-romana encontramos uma divindade que diferente de Tirésias apresentava características andrógenas e hermafroditas. Seu nome é Príapo, deus da fertilidade, com registros em III séculos a.C. Filho de Dionísio e Afrodite, ou ainda segundos certas versões, filho do próprio Zeus com Afrodite. Príapo era representado por seu imenso pênis, desproporcional ao corpo. Essa peculiar característica trazia um significado de vida, fertilidade humana e abundância agrícola.

Príapo era considerado o protetor das lavouras e dos rebanhos, e também, condutor à boa morte. Com seu imenso pênis ereto, tal como uma flecha, indicava o caminho do bom presságio após a morte. Príapo se presenciava em diversos contextos: na arquitetura, em obras de arte, utensílios domésticos e na poesia tanto grega quanto latina. Em algumas de suas representações, Príapo possuía características tanto masculinas quanto femininas, brincando dentre os sexos na tentativa de englobar em um as diversas possibilidades da sexualidade, “exibindo a totalidade cósmica do culto orgiástico dionisíaco de que Príapo teve origem”, garantindo proteção, fecundidade e identificação ao povo (Oliveira Neto, 2006, p.18).

No período da antiguidade grega clássica até aproximadamente o século XVII, ser homem ou mulher fazia parte de um todo envolvendo a posição social, desejos, roupas, comportamentos e espiritualidade. A diferença genital não era o principal atributo para a distinção. No modelo antigo, as explicações sobre o próprio corpo eram conceituadas a partir das leis do universo. O mundo era explicado como correspondente às leis da natureza, como compreende Leite Junior (2008):

Havia um princípio de circularidade e extensão entre o microcosmo e o macrocosmo, o corpo humano e o universo, ambos sendo tomados como constantes referências de si mesmos e de suas relações, representadas desde o clima da natureza até as roupas usadas no cotidiano (p.20).

Platão, em *O Banquete*, conta o mito grego demonstrando que a natureza humana clássica era dividida por três seres: os machos (filhos do sol), as fêmeas (filhas da terra) e os andróginos (filhos da lua). A diferença entre eles era relacionada ao sexo, sendo os andróginos possuidores de ambos, tanto o masculino quanto o feminino. Por tentarem fazer

guerra contra os deuses, Zeus castiga os andróginos dividindo seus corpos, separando os sexos para então lhes enfraquecer (Leite Junior, 2008).

Nesse mito é possível observar ao menos dois elementos, o primeiro diz respeito ao entendimento de certa superioridade da condição “hermafrodita”, o que leva a necessidade de uma intervenção divina para que essa “raça potencialmente superior” não tomasse o poder, o que leva ao segundo ponto, o castigo para voltar a forma “original” de apenas um sexo.

O castigo está presente também no mito de Tirésias, provocando a sutil mensagem de que ser transformado em mulher seria algo ruim. Em ambos os casos, corrobora-se a compreensão de Leite Junior (2008, p.24) de que “através do mito, uma desqualificação do feminino e da mulher é apresentada e a ideia de ambiguidade sexual mostra-se um mau augúrio, um triste destino a ser evitado”.

Além dos mitos, as diferentes maneiras de expressar e explicar a sexualidade também estiveram presentes em registros nas antigas civilizações. Nos relatos históricos no império romano, encontramos imperadores que se travestiam ou apresentavam comportamentos e características tipicamente relacionadas ao feminino, ou mesmo que se beneficiaram de algo como uma cirurgia de redesignação sexual rudimentar (Green, 1998; Bruns & Pinto, 2003; Saadeh, 2004).

Temos como exemplo o imperador César (100- 44 a.C.), que durante um acesso de raiva teria matado sua esposa que estava grávida. Por arrependimento e vergonha, exigiu que fosse realizada uma operação de mudança de sexo em um de seus escravos que era muito parecido com sua falecida esposa, se casando com ele em seguida (Bruns & Pinto, 2003). Outro célebre imperador, Nero (37- 68 d.C.), apresenta uma vivência de algo não muito diferente de César. Segundo Saadeh (2004), Nero também haveria se casado com um de seus escravos, após a transformação cirúrgica dele em mulher.

Outro imperador foi Heliogábalo, ele queria a mudança do próprio sexo, chegando a oferecer metade do Império Romano ao médico que pudesse realizar tal façanha para que pudesse assumir a condição de mulher após seu casamento com um escravo (Green, 1998; Bruns & Pinto, 2003).

A sociedade romana foi uma sociedade que se organizava pela hierarquia e normas sociais; o casamento, por exemplo, visava à negociação, com a finalidade de acúmulo dos bens materiais e geração de cidadãos romanos. O sexo era classificado por passividade e atividade, sendo o ativo aquele que comandava. As relações sociais romanas eram regidas pelo princípio da atividade x passividade. Ponto interessante para este estudo histórico é compreender que na sociedade romana não havia a questão moral para a normalização do sexo ou gênero, nem às relações afetivas ou sexuais. A relação homoerótica, por exemplo, não era condenada, nem mesmo ocultada, entretanto havia a norma em que o passivo deveria advir de estrato social inferior (Gonini & Ribeiro, 2014).

A literatura do período clássico possibilita a compreensão dos costumes sexuais, sociais e familiares. Entretanto, a história da civilização clássica é densa, também com períodos ainda pouco compreendidos e com mudanças e diferenças entre regiões. Em Roma, por exemplo, as mulheres eram consideradas as mensageiras de prenúncios e fatos sobrenaturais, entretanto não obtinham o dom da interpretação. A racionalidade era considerada como um aspecto em que apenas os homens poderiam desempenhar com maestria (Leite Junior, 2008).

Já em Atenas, a submissão das mulheres aos maridos pode ser observada de modo marcante. Elas não podiam sair sozinhas e havia normas para a vestimenta feminina, garantindo que as partes do corpo feminino fossem cobertas. A hierarquização aos sexos denota uma posição de falta à mulher, um jogo do poder já em evidencia nas relações imperadas pelas normas sexuais clássicas (Gonini & Ribeiro, 2014).

Em outro contexto, nas tribos primitivas da América do Norte, há relatos etnográficos, como descritos por Chiland (2008), que apontam a presença de um terceiro sexo como possibilidade de identidade sexual. Tais tribos permitiam que seus integrantes fizessem parte de algo além do binarismo masculino/feminino. Eles eram chamados *berdaches* e faziam uso de vestimentas características a ambos os sexos. Este comportamento fazia relação a uma função xamânica, como um ritual dessa tribo.

Dentro dos rituais, havia nas regiões árticas do Canadá, do Alasca e da Groelândia, uma tribo esquimó chamada *inuítes*. Nativos em que algumas crianças, as *sipnitt*, mudavam de sexo no nascimento. Tais crianças eram consideradas tendo um contato espiritual privilegiado e costumeiramente se tornavam xamãs (Chiland, 2008). Entretanto, segundo Eliade (2001), o flexibilizar do sexo e gênero era permitido apenas aos xamãs ou feiticeiros, estritamente em um contexto ritualístico e espiritual, o que posteriormente foi elemento religioso proibido na tradição judaico-cristã como demonstra Leite Junior (2008).

Na Europa, segundo Farina (1982), havia tribos cujas meninas tinham suas glândulas mamárias destruídas, principalmente a mama correspondente ao seio direito. Fazia-se isso para que ao amadurecer e se tornar mulher, esta pudesse praticar a montaria em cavalos de modo mais ágil e habilidoso, incluindo o uso do arco e flecha. Essas mulheres eram chamadas de “amazonas” (*a* = sem; *mazos* = mamas)”, mulheres sem mamas, guerreiras virgens que se mantinham nessa condição até assassinares três inimigos e só então poderiam se casar. Ao se casar, renunciavam a montaria, mas não se submetiam aos afazeres domésticos ou de cuidado, essas funções ficavam a cargo de seus respectivos companheiros (Bruns & Pinto, 2003).

2.2 A matiz da mudança de sexo na modernidade

Dos mitos, passando pelos embrionários elementos sociais e espirituais, a presença em algum nível da vivência livre das barreiras entre os sexos era uma prática que aos poucos foi se aproximando dos aspectos de sexo e gênero descritos na contemporaneidade, modificados conforme possibilidade discursiva e tecnológica. Notemos, entretanto, que o fenômeno de mudança de sexo e gênero é algo presente em muitas culturas e povos antigos sem conotação pejorativa. Como compreende Saadeh (2004), não havia ainda a marca de erro, doença ou pecado. Príapo, Nero ou mesmo as amazonas não eram punidos ou pejorativamente documentados. Pelo contrário, Príapo era considerado um importante deus, Nero um grande imperador e as amazonas representadas como mulheres poderosas. O horror causado à Príapo ou à mudança de sexo, aos padrões de comportamento não definidos pelo sexo, ou ainda, em última análise, a sexualidade de modo geral, se insere principalmente num momento posterior, em um tempo cristão. É então que contra o desejo ergue-se a cruz.

Como vimos, havia algumas regras sexuais anteriores ao cristianismo, como no Império Romano a relação entre passividade e atividade para o sexo, que mesmo enquanto normas sociais demarcam aspectos de uma normalização dos papéis sexuais e aspectos de desvalorização para a passividade ou ao feminino. Entretanto, segundo Gonini & Ribeiro (2014), a sexualidade clássica não era submetida a qualquer restrição moral, tudo era uma questão social. É principalmente a partir do cristianismo que a questão passa a obter uma marca moral muito bem delimitada por meio da conotação do pecado:

O Império Romano implementou todo um aparato para regular a vida sexual de homens e mulheres, cidadãos e escravos, mas sempre sob a ótica social, sempre a partir do papel social atribuído a cada um. Com o advento do cristianismo, essa regulação se pautará no misticismo religioso, no pecado e na culpa (que era

desconhecida anteriormente), deixando a esfera social e criando a esfera religiosa para justificar os interditos e as proibições (Gonini & Ribeiro, 2014, p.275).

No contexto do início do cristianismo até a Revolução Francesa, os comportamentos sexuais foram padronizados e tudo que contrariava a norma estabelecida era considerado pecado (Foucault, 1984; 1988). Na Europa medieval, a possibilidade de mudar ou transitar por entre os sexos continuava, mas apenas enquanto lenda e para essa mudança seria necessário a intervenção do demônio, assim como de bruxas e feiticeiras. Todo desencadeante sexual foi reduzido ao patamar de ameaça e símbolo satânico (Bruns & Pinto, 2003; Leite Junior, 2008; Zerbinati & Bruns, 2016).

Na Idade Média, o descumprimento aos códigos divinos era compreendido como tamanha heresia que seu castigo era a morte eterna. Permitir ser seduzido pelos pecados da carne significava se aproximar do desejo de autoria demoníaca e impossibilitaria o alcance de um coração divino e uma alma pura: distanciava o homem de deus (Brown, 1990; Costa, 1998).

Em uma compreensão foucaultiana da questão sexual, Santo Agostinho é destacado como um dos grandes precursores de uma “virada sexual”. Seus ensinamentos cristãos contribuíram para instauração de uma moral que trouxe ao sexo a relação direta com o pecado cometido por Adão e Eva. O controle dos impulsos sexuais libidinosos se tornou uma necessidade, para não desagradar a vontade de Deus (Costa, 1998, p.133).

No século V, Santo Agostinho uniu esta visão médico-filosófica à tradição judaico-cristã que já pregava a inferioridade “original” da mulher em relação ao homem. Conclui assim que a mulher é um “macho falido”, um homem que não deu certo, desta vez tendendo mais pelas fraquezas espirituais. Um ser “incompleto”,

como a mulher, o é em todos os sentidos: orgânicos e morais, pois, novamente lembrando, era no corpo, em suas formas e sinais que se manifestava a alma da pessoa (Leite Junior, 2008, p.42).

A partir da Idade Média, quando o cristianismo torna-se a religião oficial do Império Romano, a figura da mulher foi sendo cada vez mais associada a uma falta. Eva era a cópia de Adão, e ele: a imagem e semelhança de deus. O teor simbólico da criação do mundo apresentada pela bíblia acabou sendo interpretado de modo rígido, taxativo e persecutório. Os limites e diferenças entre o que é ser homem e mulher, assim como o papel do ser humano na terra, foram colocados com regras, determinações divinas inflexíveis: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou; criou-os macho e fêmea. Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos e prolíficos, enchei a terra e dominai-a” (Gênesis, 1:27-28).

Foucault (1984; 1988) compreende que a herança naturalista do pensamento médico até o século XIX advém da tradição do cristianismo medieval que colocou o prazer no campo da moral, da morte e do mal. A partir dessa naturalização, com a Revolução Francesa e o crescimento cientificista do século XVIII, houve o início da definição anatômica e fisiológica dos corpos humanos, assim como a diferenciação entre pessoas que possuíam vagina e as que possuíam pênis.

A sexualidade passou a ser uma questão biológica, envolvendo principalmente a fisiologia. O discurso científico, além de uma importância política, foi construído como verdade irrefutável até o século XIX (Bento, 2006). Houve uma mudança na lógica dominante, que passou a conotar o sentido de doença ou desvio ao que era antes considerado pecado. Do rompimento com o pensamento proposto pelo cristianismo, surge o discurso cientificista, assim como sua proposta de classificar, normalizar e curar.

O olhar do médico, do especialista, “com suas técnicas de escuta, classificação e registro”, foi substituído ao pai e aos tribunais populares. O fenômeno sexual naturalizante e normativo foi cada vez mais sendo associado a uma etiologia médica e fortalecendo seu enfoque binário, em decorrência do próprio avanço da medicina e da tecnologia a partir da segunda guerra mundial (Bento, 2006, p.111).

Os resultados dos esforços da medicina e das ciências de um modo geral, interessados em descobrir as verdades fundamentais dos corpos humanos, tiveram a necessidade de criar definições para as práticas sexuais e identidades sexuais. Produzindo rótulos e demarcando o território entre o normal e o anormal, definindo, na sexualidade, perversões sexuais como problemas de patologia individual (Porchat, 2014b).

Ao longo das décadas de 1960 e 1970, os discursos médicos foram se articulando às práticas de regulação dos corpos e ganharam visibilidade com o surgimento de associações internacionais organizadas para produzir conhecimento e construir diagnósticos diferenciados para gays, lésbicas, travestis e transexuais (Bento, 2006).

Distinguiram-se primeiramente os transexuais dos travestis e homossexuais masculinos. Nesses dois últimos, mesmo havendo a presença de características femininas, o discurso médico compreende que características também masculinas podem ser observadas, já o transexual “é permanente e vive de fato como um sujeito do sexo oposto – não se trata de imitação, caricatura ou exibição” (Cossi, 2011, p.49).

Existe ainda a categoria das *Drag Queens* ou performistas, algo diferente da travestilidade ou transexualidade, pois o uso do gênero feminino e suas características são empregados nessa expressão de maneira estereotipada, exacerbada e teatral. Sua finalidade é

artística, utilizada em apresentações e shows, no âmbito profissional e não enquanto identidade de gênero³ (Jesus, 2012, p.10).

Por fim, segundo Spizzirri, Pereira, e Abdo (2014, p.44): “transgênero refere-se ao amplo espectro de indivíduos que transitoriamente ou persistentemente não se identificam com o seu sexo de nascimento”. Nessas perspectivas mais atuais é possível compreender que o termo transgênero corresponde apenas aos modelos subjetivos em que a questão da identidade de gênero e mudança de gênero está presente.

Há também os sujeitos categorizados como intersexos, eles foram os primeiros que passaram pelas cirurgias de reconstrução genital ou cirurgias reparadoras, sendo deslocado posteriormente aos transexuais (Ramsey, 1998). Para Ceccarelli (2013) os estudos com intersexuais foram de grande importância para compreender a relação entre o gênero atribuindo à criança e seu sexo cromossômico nem sempre correspondente, proporcionando ampliar os conhecimentos em sexualidade e transexualidade, foco principal deste estudo.

Além de tais aspectos, foi a partir dos sujeitos com ambiguidade genital que Foucault (1982, p.14) discutiu e problematizou a naturalização binária da sexualidade e da compreensão de que há “um sexo verdadeiro”, modelos rígidos sejam biológicos ou sociais, correspondentes ao sexo ou ao gênero e aos papéis de gênero. Os hermafroditas ou intersexos, assim com os transexuais, homens afeminados e mulheres viris, borram as regras rígidas binárias e naturalizantes da sexualidade, mostrando que não há apenas um modo afetivo ou sexual de ser ou existir, mas sim diferentes matizes, modos plurais da expressão do desejo.

Assim como considera Leite Junior (2008), a diferenciação entre homens e mulheres se mostra antes de qualquer outro elemento uma questão de poder, “uma divisão entre uma parcela de pessoas que detém a maior parte do controle e coerção social e outra que não o

³ Identidade de gênero se refere ao modo como o sujeito se identifica enquanto homem, mulher, não binário, ou qualquer outra manifestação do gênero.

possui, estando assim mais vulnerável aos mandos e desmandos do primeiro grupo” (p.55). Se até o século XVII essa diferença era conceituada a partir da filosofia e da religião, a nova ordem política e epistemológica, a *scientia sexualis* como considera Foucault (1988), criou um discurso científico para abordar a sexualidade, práticas do controle social sobre a sexualidade, demonstrando procedimentos claros de exercícios do poder.

É nesse contexto que “identidades serão construídas, ideias e comportamentos serão naturalizados e/ou patologizado, e a busca pelo “verdadeiro sexo” terá um lugar de destaque na formação desta nova maneira de pensar, lidar, sentir, organizar, vivenciar, ou mesmo discutir o sexo” (Leite Junior, 2008, p.57).

2.3 A transexualidade em perspectiva

Transexualidade é um matiz da sexualidade em que o sujeito não se identifica com o gênero lhe atribuído no nascimento, tendo como referência o modelo binário, cisgênero⁴, para o sexo e gênero. O desejo de transitar por entre os papéis e expressões dos gêneros, bem delimitados pela norma de gênero enquanto feminino ou masculino, como vimos, parece estar presente na história da humanidade desde o mundo antigo. Assim como relata Bruns & Pinto (2003), seria, portanto, equivocado acreditar que tal fenômeno é próprio somente da contemporaneidade, entretanto o recente é a possibilidade de atuar concretamente a mudança de sexo por vias hormonocirúrgicas, assim como a problematização quanto às relações afetivas e sexuais ancoradas a partir de regras binárias para o sexo e gênero.

O início do debate científico quanto a manifestação de uma expressão de gênero em trânsito aconteceu pela primeira na medicina, por Cauldwell, em 1949, quando usou a palavra *trans-sexualism* em um artigo apresentando um caso clínico de uma “menina que queria ser

⁴ Cisgênero é um conceito que abrange os sujeitos que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero determinado no nascimento a partir do sexo biológico.

menino” (MpH)⁵. A primeira redesignação sexual ocorreu em 1952, na Dinamarca. Foi a primeira vez em que se associou a cirurgia a tratamentos hormonais e acompanhamento médico prolongado, de maneira juridicamente legal para um transexual (Ceccarelli, 2013).

Pouco depois, em 1953, transexualismo⁶ aparece na literatura de Benjamin, um endocrinologista Alemão radicado nos Estados Unidos, que retornou ao termo utilizado por Cauldwell e compreendeu o transexualismo como um “hermafroditismo psíquico”, sendo a cirurgia de mudança sexual a única e melhor possibilidade interventiva e inclusive atacando qualquer outro tipo de tratamento, sobretudo o psicoterapêutico e psicanalítico (Bento, 2006).

Em 1975, em Genebra, na 29ª Assembleia Mundial de Saúde, foi adotada a classificação sob o código F.64, “Transtornos de Identidade Sexual”. Em 1980, Transexualismo apareceu no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), como “Distúrbios de Identidade de Gênero”, junto com “Distúrbios de Identidade de Gênero na Infância” e “Distúrbio de Identidade de Gênero Atípica” (Bento, 2006, p.48).

Em 1994, o termo foi substituído por “Transtorno de Identidade de Gênero” e atualmente como “Disforia de gênero” (American Psychiatric Association, 2013), conotando não mais um transtorno, mas um estado psicológico de agudo sofrimento que necessita de intervenção, acima de tudo médica. Para Ceccarelli (2013), a partir da década de 1970, “o transexualismo tornou-se definitivamente, aos olhos de especialistas, mas também do público geral, um problema de ordem médica” (p.40).

Segundo o dicionário da língua portuguesa Aurélio⁷, o prefixo *trans*, tem sua origem no latim e exprime a ideia de “além de, para além de, em troca de, através, para trás, e

⁵ Nesta dissertação foi eleita a nomenclatura tal como a proposta da Associação Internacional Harry Benjamin de Disforia de Gênero, traduzida para o português. Sendo assim, para o transexual nascido com genitália masculina utilizaremos HpM (Homem para Mulher) e MpH (Mulher para Homem) para o transexual nascido com genitália feminina, ou seja, “mulher transexual” e “homem transexual” respectivamente.

⁶ O sufixo “*ismo*” remete a conotação de doença, “*esmo*” é denotativo de condutas sexuais perversas. Transexualismo aparece primeiramente denotando tais representações, sendo “a nomenclatura oficial para definir as pessoas que vivem uma contradição entre corpo e subjetividade” (Bento, 2006, p.44).

⁷ Recuperado de: <https://dicionariodoaurelio.com/trans>

aparece também com as formas tra-, tras- e três-”. No termo “transexualidade” há a junção do prefixo *trans* com sexualidade, sexo. O transexual é o sujeito que transita por entre os sexos, não se identificando com o gênero lhe atribuído no nascimento a partir de seu sexo biológico. Na transexualidade observam-se elementos de transgressão à lógica cisheteronormativa⁸.

A classificação médica da transexualidade compreende que a impossibilidade da expressão do gênero diferente ao modelo cisgênero não se apresentam como um simples desejo. Algumas vezes o transexual tem o sentimento de uma total inadequação entre sua anatomia e sua identidade de gênero. Tal conflitiva chega ao ponto de interditar a presença de estímulos sexuais, seja um simples toque erótico ou qualquer forma de obtenção de prazer sexual a partir de seus órgãos sexuais de nascimento (Ceccarelli, 2013; Bruns & Pinto, 2003).

Nesse sentido, em 1997, no Brasil, há a aprovação pelo Conselho Federal de Medicina de uma Resolução autorizando a realização da cirurgia de transgenitalização, em nível experimental, podendo ser realizada somente em universidades. Em 2002, a Resolução 1.652⁹ “revogou a anterior, e estabeleceu, em detalhes os procedimentos mínimos para que a cirurgia de transgenitalização e\ou processos complementares fossem realizados”. A transexualidade volta a ser considerada como um desvio psicológico permanente de identidade sexual, assim como pontuava Benjamin no início do conceito médico para a transexualidade. A intervenção indicada como fundamental ainda é a cirurgia (Ceccarelli, 2013, p.43).

Em julho de 2008, o Ministério da Saúde brasileiro, reconhece o sofrimento e adoecimento transexual, principalmente pelo preconceito, discriminação e exclusão social que tal população está sujeito. Com isso garante que a cirurgia de mudança sexual seja realizada de modo gratuito no Brasil, via Sistema Único de Saúde (SUS) (Ceccarelli, 2013).

⁸ Normas relacionadas à determinação e naturalização da existência de uma coerência entre o sexo de nascimento, a identidade de gênero e o desejo afetivossexual. Ao trazer o termo cisheteronormativo, a proposta é, assim como discutido por Jardim (2016), ampliar o termo heteronormatividade de modo a englobar também a cisnormatividade.

⁹ Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalização e revoga a Resolução CFM nº 1.482/97. Recuperado de https://www.cremesp.org.br/library/modulos/legislacao/versao_impressao.php?id=3114

O processo de transexualização envolve corriqueiramente como tratamento inicial o endocrinológico, um tratamento que deve ser realizado durante toda a vida do transexual, com interrupção somente para a realização da cirurgia. Ele tem como objetivo “induzir o aparecimento de caracteres sexuais secundários compatíveis com a identificação de gênero” (Arán & Murta, 2009, p.19).

A cirurgia de redesignação sexual propriamente dita, no caso HpM, se utiliza da técnica cirúrgica de transgenitalização, em que ocorre:

A retirada ou desmembramento do pênis, a retirada parcial do escroto, orquiectomia bilateral¹⁰, uretroplastia¹¹, construção da neovagina, neoclitoroplastia e neovulvoplastia. No que se refere à tática para modificação dos caracteres sexuais secundários, utiliza-se mamoplastia, cricotireoplastia, cirurgia de cordas vocais, cirurgia feminilizante de face e contorno corporal e realização de depilação definitiva (Arán & Murta, 2009, p.20).

Ainda segundo as autoras, para a redesignação sexual MpH, são utilizadas como táticas cirúrgicas de transgenitalização a histerossalpingo-ooforectomia¹², a colpectomia¹³, a neofaloplastia¹⁴ e a escrotoplastia¹⁵.

Em 2010, a Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1955¹⁶ revogou a anterior e definiu detalhados critérios acerca da “cirurgia de transgenitalismo”, considerando o transexual como um paciente “portador de desvio psicológico permanente de identidade

¹⁰ Remoção cirúrgica dos testículos;

¹¹ Reconstrução da uretra peniana;

¹² Retirada dos ovários

¹³ Obliteração vaginal

¹⁴ Construção do pênis

¹⁵ Construção do saco escrotal

¹⁶ Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1652/02. Diário Oficial da União: Brasília. Recuperado de http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010.htm

sexual, com rejeição do fenótipo e tendência a automutilação e/ou autoextermínio”. A partir da obtenção de bons resultados das neocolpovulvoplastias¹⁷, nos casos de transexuais HpM, resolveram como sendo experimental a cirurgia do tipo neofaloplastia, para os transexuais MpH.

Em 2013, após intensas campanhas internacionais pela despatologização das identidades trans (travestis, transexuais e transgêneros), o Ministério da Saúde reconheceu o direito ao nome social, ao invés do nome de registro de nascimento, impresso no cartão Nacional de Saúde (Ceccarelli, 2013). Aos poucos, a partir de pressão e luta por parte da população trans e LGBT¹⁸, o nome social vem sendo reconhecido legalmente. Em 2016, houve um decreto civil para seu uso no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e funcional (Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016)¹⁹, movimento repetido por outras instâncias estaduais e federais, entretanto o nome social apenas não é suficiente. Mais recentemente, em julho de 2017, a Receita Federal autorizou o uso do nome social no Cadastro de Pessoa Física (CPF)²⁰.

São medidas necessárias, que levam a complexa temática da mudança do nome dos transexuais para a pauta política, entretanto, estão longe de atingir os resultados esperados de combate a exclusão e estigma do sujeito transexual. Como esclarece Alves, Silva e Moreira (2016):

O nome social como dispositivo de transição entre corpo/sexo/gênero é um paliativo, pois tem de ser usado como a apresentação de outro documento com foto e com o nome civil. Ou seja, o nome social não garante um processo de identificação

¹⁷ Construção da vagina

¹⁸ LGBT é o acrônimo para lésbicas, gays, bissexuais, e transgêneros.

¹⁹ Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/D8727.htm

²⁰ Normativa RFB Nº1718, de 18 de julho de 2017, disponível em: <http://normas.receita.fazenda.gov.br/sijut2consulta/link.action?visao=anotado&idAto=84588>

legal, pois sempre haverá uma lacuna entre o texto prescrito e a imagem do sujeito em sua singularidade (p.338).

Uma alternativa de destaque positivo seria o debate e aprovação do projeto de lei 5002/13 com o nome de “Lei João W. Nery”, a “Lei de Identidade de Gênero” (Wyllys & Kokay, 2013). Protocolada na Câmara desde 2013 pelo deputado federal Jean Wyllys e a deputada federal Érika Kokay, o projeto de lei é importante, pois pretende garantir, assim que aprovado, o direito do reconhecimento o total direito da identidade de gênero à população trans, sem a necessidade de autorização judicial, médica, ou psicológica. Enquanto a “Lei de Identidade de Gênero” não é aprovada, nem mesmo debatida na Câmara, o nome social atual como um dispositivo transitório.

Se por um lado as conquistas apresentadas até aqui devem ser recebidas e comemoradas, por outro há muito a ser feito para o legítimo e permanente reconhecimento dos direitos legais e inclusão de fato da população trans, avançando em nível de direitos humanos e cidadania, problematizando o binarismo de sexo e gênero, assim como categorizações fechadas acerca do sexo e do gênero, sem negligenciar ou reduzir tal fenômeno também no âmbito científico e acadêmico.

A ciência contemporânea exige que existam códigos, é algo que faz parte de sua constituição enquanto discurso técnico. Entretanto algumas vezes extrapola na criação de subcategorias infinitas na tentativa de oferecer um melhor diagnóstico e cuidado, fazendo com que, no aspecto da mudança de sexo e identidade sexual, a construção dos corpos recaia sobre a lógica binária de uma sexualidade ilusória de perfeição e pouco significado.

É importante destacar a complexidade do fenômeno transexual, assim como todo fenômeno humano e qualquer intervenção cirúrgica. Não se pode haver uma prática reducionista dessa vivência, simplificando-a a totalidade médica, tendo o bisturi como única e

suprema ferramenta interventiva. Até porque, para Green (2016), há ainda poucos médicos no mundo preparados para cuidar da saúde transexual, seja na atenção primária ou nas salas de cirurgia.

Assim como dispõe as resoluções do Conselho Federal de Medicina, o acompanhamento psicológico deve fazer parte do processo transexualizador, entretanto, como defende Porchat (2013; 2014a) a intervenção psicológica deve oferecer ferramentas para além de diagnósticos, laudos, pareceres, avaliações psicodiagnósticas, mas auxiliar o sujeito trans pra que possa enfrentar as dificuldades de sua expressão sexual não binária em uma sociedade binária. Não buscando uma lógica de adaptação, mas “uma singularidade para o indivíduo que chega com todos os seus atravessados (do discurso, do imaginário social, daquilo que emana de seu corpo e em relação ao qual ele não sabe o que faz)” (Porchat, 2013, p. 201).

É importante compreender a vivência da diversidade de sexo e de gênero, assim como a sexualidade de um modo geral, propondo reflexão crítica, analisando o discurso, inclusive o subjetivo, como pontua o Conselho Federal de Psicologia (2013) ao emitir “notas técnicas sobre o processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans” e inovar ao considerar que “a transexualidade e a travestilidade não constituem condição psicopatológica, ainda que não reproduzam a concepção normativa de que deve haver uma coerência entre sexo biológico/gênero/desejo sexual”.

O Conselho Federal de Psicologia (2013) orienta os psicólogos a atuarem tendo como base de qualquer técnica o respeito pela diversidade subjetiva, pautando-se na integralidade do atendimento psicológico e na humanização do cuidado, não se restringindo ou estando centrado ao procedimento cirúrgico de transgenitalização. Ou seja, propõe um cuidado subjetivo à população transexual que deseja a intervenção cirúrgica, uma prática psicológica

além dos limites observados até então, com “a necessidade de se ter certeza sobre a decisão da realização de modificações corporais” (Arán & Murta, 2009, p.21).

O Conselho Federal de Psicologia está em sintonia aos artigos científicos atuais em nível internacional e multiprofissional (Robles, et al.,2016; Winter et al., 2016) que compreendem como adequadas e contemporâneas as propostas de abandono de modelos patologizantes para a transexualidade na pretensão de emanar práticas acolhedoras e preocupadas aos cuidados da saúde da população transexual, permitindo uma maior autonomia e qualidade de vida para as pessoas transexuais.

É contemporânea e abrangente a compreensão de Arán e Murta (2009) de que:

O grande desafio na regulação da transexualidade consiste em transitar entre a importância da normatização do acesso à saúde e o reconhecimento do sofrimento psíquico - implícitos no diagnóstico de transtorno de identidade de gênero - e a necessidade da problematização da restrição da compreensão da vivência da transexualidade a partir deste diagnóstico psiquiátrico – implícito na noção de saúde integral (p.23).

2.5 Contemporaneidade e transexualidade: ampliando com tonalidades humanas

O caminho que se segue na atualidade é de questionamentos, dissociando o conceito gênero ao sexo biológico, interrogando o gênero como característica individual ou parte do corpo ou algo fundamentalmente classificatório (Spizzirri, Pereira, & Abdo, 2014). Há uma crítica e a reflexão quanto à adequação em classificar a transexualidade como doença por entender que dessa maneira há uma naturalização dos corpos e padrões que fundamentam os gêneros a partir do dimorfismo entre os sexos.

Da necessidade de classificar e apontar o pecado, presente a era clássica da humanidade, chega-se em tempos contemporâneos com saberes que definem, assim como coloca Bento (2006, p.46) “as características dos transexuais, universalizando-as, determinando padrões para a avaliação da verdade, gerando hierarquias que se estruturam a partir de exclusões”. Seja pelo prisma religioso ou científico, a sexualidade continua presa a determinismos e regras repressivas.

Tais críticas acerca do enfoque binário e naturalizante do gênero e também do sexo, estão arraigadas, principalmente, nas produções de Foucault (1954-1984), com destaque para os estudos feministas sobre o gênero e sexualidade de Butler (1990/2003), que além do interesse por Foucault, bebe da filosofia de Simone de Beauvoir (1942-1986), fontes filosóficas fenomenológicas como Hegel (1770-1831), Merleau-Ponty (1908-1961), Deleuze (1925-1995) e também da psicanálise de Freud (1856-1939) e Lacan (1901-1981) (Porchat, 2014b).

Com seu estudo acerca do gênero, Butler é intitulada precursora da teoria *queer*. Louro (2008) revela que a tradução para *queer* é “estranho”, “anormal”, assim, a teoria *queer* tem como proposta a reflexão sobre a lógica dominante da heterossexualidade que se institui e reitera-se a ordem compulsória do sexo/gênero/desejo, estabelecendo um padrão de “normalidade”, que vai produzir efeitos sociais de hierarquia, classificação, dominação e exclusão. Por meio da reflexão acerca de características como a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, a teoria *queer* propõe compreensões além das normas afetivas e sexuais para pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação, de maneira a possibilitar a dissolução das fronteiras e categorizações para o combate à homofobia, exclusão, preconceito e à intolerância contra toda população LGBT.

Butler (1990/2003) demonstra que se o gênero ou o sexo são rígidos ou plurais, é em função de “um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou

salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero” (p.27). Esse discurso se presencia em todas as relações e ciências, que buscam sempre reforçar a tese de uma existência binária de sexo e gênero, se articulando a partir de fórmulas gramaticais de sujeito, o que para a autora é uma ilusão do “Ser” e da “Substância”. Ilusão, pois, ainda segundo Butler (1990/2003), em nenhum sentido eles revelam uma ordem verdadeira das coisas, mas corroboram com o discurso articulado a partir de uma fórmula gramatical de sujeito, algo como a “metafísica da substância”, expressão associada a Nietzsche. “Essa crítica nietzschiana torna-se instrutiva quando aplicada às categorias filosóficas que governam uma parte apreciável do pensamento teórico e popular sobre identidade de gênero” (p.43), atribuindo a uma substância constitutiva para a pessoa subjetiva.

Esse ato da linguagem científica é “uma das mais refinadas tecnologias de produção de corpos-sexuados”. Compreender o corpo como um significado subjetivo, plural, ou fluante, é algo distante nesse contexto. O que se compreende, são “manequins científicos” do que é ser homem e do que é ser mulher. “E aqui se opera uma inversão: os corpos-sexuados que foram inventados pelos interesses de gênero ganharam o estatuto de fato originário” (Bento, 2006, p.116).

Não existe um processo específico para a constituição das identidades de gênero, o que parece existir são “tecnologias precisas e sofisticadas que têm como um dos mais poderosos resultados, nas subjetividades, a crença de que a determinação das identidades está inscrita em alguma parte dos corpos”, o que não parece ser verdade (Bento, 2006, p.228). “Ser homem” ou “ser mulher” é fruto subjetivo e é definido pelo modo como o sujeito:

[...] se autopercebe no decorrer de seu processo de subjetivação e identificação com os papéis e identidade de gênero – iniciados pelas e nas expectativas e

idealizações de genitores juntamente com os processos de socialização, construção de códigos sociais, modelos sociais de masculinidades e feminilidades, entre outras (Bruns, 2013, s/p).

Lembrando novamente de Butler (1990/2003, p.37):

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor.

Butler (1990/2003) se aproxima a crítica científica de Merleau-Ponty (2006), que compreende que tudo o que sabemos do mundo, mesmo pela ciência, sabemos a partir de uma visão subjetiva ou de “uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (p.3). Para a fenomenologia merleau-pontyana, a ciência é também uma expressão da experiência, construído sobre o mundo vivido. O processo de sua compreensão implica na compreensão do discurso, ou na forma específica de descrição do fenômeno em sua existência.

Todo universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a expressão segunda (Merleau-Ponty, 2006, p. 3).

Assim, como destaca Porchat (2014b), na concepção de um corpo constituído pelas experiências e vivências, construído historicamente e socialmente, Merleau-Ponty propõe que a existência biológica está intimamente ligada à existência humana e nem um, nem outro, obtém a marca do original, já que são dependentes entre si.

Tudo é contingência no homem, no sentido em que a maneira humana de existir não está garantida a qualquer criança por alguma essência que ela teria recebido em seu nascimento, e em que ela deve constantemente refazer-se nela através dos acasos do corpo objetivo (Merleau-Ponty, 2006, p. 236).

A corporeidade em Merleau-Ponty se torna elemento primordial para a compreensão da experiência do ser no mundo e implica também ao afastamento de explicações reducionistas e dicotômicas entre mente e corpo, pois essa perspectiva o mundo existe na medida em que se torna efetivo em nível sensível, embora também não seja redutível aos dados sensíveis. O corpo “transforma as ideias em coisas, minha mímica do sono em sono efetivo. Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua atualidade” (Merleau-Ponty, 2006, p. 227).

O corpo para Merleau-Ponty (2006) não se reduz, nem mesmo à sexualidade, mas é reflexo do ser-no-mundo de cada existir, um modo de existência na qual a sexualidade se inclui. O corpo não é apenas uma construção que se modifica conforme o sujeito se modifica e se constrói, não há uma separação ou dicotomia entre sujeito e corpo, ou entre mente e corpo, mas o sujeito é seu corpo. Butler (1990/2003, p.198) retoma tal compreensão ao dizer que o corpo não é um “ser”, mas é “uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada, uma prática significativa dentro de um campo cultural de hierarquia do gênero e heterossexualidade compulsória”.

Butler (1990/2003) segue tais raciocínios e considera o gênero como um ato performativo, sugerindo uma construção dramática e contingente:

Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua ignificação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória (p.200).

A consequência da performatividade do gênero é que nenhum homem ou mulher representaria uma categoria original, mas seriam tão cópias quanto qualquer *drag queen*. A originalidade se perde ao ter que assumir um gênero modelo e único, por intermédio de reiteração de atos, construindo sentidos de homens e mulheres de “verdade”, repetindo apenas sedimentações de normas de gênero, construído por complexos discursos religiosos, científicos, médicos, jurídicos, etc. (Butler, 1990/2003).

Travestis e transexuais, assim como gays feminizados e lésbicas masculinizadas, rompem em certo sentido essa ordem hegemônica, apagando na medida do possível o caráter performativo do gênero e sua representação binária assumida como original e universal (Brancaleoni, 2016). A travestilidade é uma paródia de uma identidade de gênero originária,

natural ou primária. A travesti desvela o caráter performativo e artificial do gênero, falsamente naturalizado por meio de uma ficção reguladora da coerência heterossexual. “A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original” (Butler, 1990/2003, p.197).

A história da sexualidade e a crítica quanto ao discurso científico foram fundamentais para a compreensão de que o gênero é uma categoria social, elemento construído socialmente e historicamente. Nesse sentido, patologizar a diversidade de sexo e gênero deixa de ser elemento lógico e traz à sexualidade contemporânea a necessidade de uma compreensão histórica e discursiva, de difícil reducionismo normativo. Mesmo com enérgicas tentativas de enquadrar todo e qualquer ato criativo de gênero, não há como chegar a uma classificação única. Correlacionando aos transexuais, assim como aponta Ceccarelli (2013), encontra-se transexuais de diversas organizações psíquicas e em todas as faixas etárias: crianças, adolescentes, adultos, pessoas maduras, atualmente não há nem mesmo a necessidade que a descoberta transexual ou a mudança transexual ocorra enquanto jovem. Para Bento (2006, p.229), “dentro do que se nomeia "transexual" há uma considerável pluralidade de articulações dos níveis constitutivos das posições dos sujeitos”, desde modo, para a autora, é muito difícil sustentar o diagnóstico certo e universal.

Ceccarelli (2013, p. 24-27) concorda “que não se pode isolar as transexualidades como entidades nosográficas bem definidas”, e acredita que “as transexualidades sejam manifestações da sexualidade como qualquer outra. E, como em toda dinâmica psicosssexual, existem transexuais neuróticos, psicóticos e perversos”. A cirurgia de redesignação sexual, entretanto, para o autor, não poderia ser cedida aos transexuais psicologicamente organizados pelas duas últimas estruturas, assim como também não poderiam obter nenhum outro diagnóstico ou distúrbio psíquico. Aos que passam por esta peneira se dá o nome de

“transexuais verdadeiros”. Termo discutível, assim como pontuado pelo próprio autor em questão.

O “transexual verdadeiro” seria, assim como resume criticamente Porchat (2014), o que tem “ojeriza a seus genitais, não aceita seu corpo, não se masturba, é assexuado e espera a cirurgia de transgenitalização para poder se relacionar sexualmente” (p.109). Foucault (2007) indaga a necessidade da verdade no que diz respeito ao sexo e ao gênero. Butler (2004, p.58) problematiza a possibilidade de estabelecer a essência do que é considerado um gênero coerente, ou o que qualifica alguém enquanto pessoa ou cidadão e o que acontece quando alguém se torna aquilo para o qual não há um lugar dentro do regime de verdade determinado.

A definição rígida do que seriam “transexuais verdadeiros” evidenciam certos aspectos que foram discutidos por Porchat e Silva (2010). O primeiro diz respeito à permanência da transexualidade no campo do diagnóstico, da psicopatologia, pautando em uma compreensão fixa, impossibilitando problematizações e compreensões para além de uma matriz cisheteronormativa. Se apenas quem segue o perfil estabelecido é considerado “transexual verdadeiro” e os transexuais que não buscam realizar todos os procedimentos previstos? Este é o segundo problema, estes sujeitos não poderão usufruir dos serviços públicos destinados à população trans.

A regra social produz exclusão social, violência e sofrimento aos que ficam de fora da identificação cisheteronormativa. Não corresponder às categorias sexuais descritas, em nenhuma categoria os torna seres abjetos, “expulsos ou excluídos da sociedade como sendo o próprio detrito desta sociedade” (Porchat 2010, p.119).

Abjeto é um conceito que Butler (1990/2003) discute a partir da psicanalista Kristeva (1982). Abjeto em Kristeva (1982) diz respeito aos excessos do corpo, o que é expelido,

descartado, como as fezes, urina, lágrimas, etc. O corpo abjeto e o corpo abjeto social são aquilo e aqueles que o sujeito e a sociedade não querem perceber em si-mesmo.

Butler (1990/2003) utiliza o conceito de corpo abjeto para pensar o gênero e a vulnerabilidade dos sujeitos abjetos, como os transexuais.

O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (Butler, 2000, p. 155).

O abjeto se traduz por aquilo que é jogado fora, excluído, produzindo um campo de ação a partir do qual se estabelece a diferença. Essa zona de exclusão delimita o campo do sujeito e o campo das identificações temidas. Esse exterior que constitui o sujeito é também seu “interior”, enquanto uma exclusão de si próprio que o funda. Sem este repúdio o sujeito não poderia emergir (Porchat 2014b, p.103).

É nesse sentido que Brancaloni (2016, s/p) esclarece que: “estar fora da ordem hegemônica é assumido como um estado sórdido e desordenado da natureza, na medida em que se apaga o caráter performativo do gênero e se atribui ao mesmo uma estabilidade representada por um binarismo assumido como originário e universal”.

O desejo de determinar o sexo conclusivamente e de determina-lo como um sexo em vez de outro, parece assim advir da organização social da reprodução sexual, através da construção de identidades e posições claras e inequívocas dos corpos

sexuados em relação uns aos outros. É este o desejo que vai alimentar a demanda de alguns transexuais pela cirurgia (Porchat, 2014b, p.108).

Assim como a marca do sexo/gênero/desejo conclusivo, a marca diagnóstica das transexualidades pode “fixar uma posição subjetiva que responde à demanda de um tipo específico de relação entre o sujeito e seu corpo, pautado pelo desejo de adequação a uma matriz binária heteronormativa” (Porchat & Silva, 2010, p.421). O que pode ir ao encontro de reforçar o próprio discurso binário do gênero e a posição de abjeto aos sujeitos fora desse padrão, como demonstra Bento (2006):

Os discursos das/os transexuais revelam, entre outros aspectos, a eficácia do processo de interiorização de um discurso assumido como verdade, o que lhes provoca sofrimentos, uma vez que interpretam suas dores como problema individual. No entanto, e contraditoriamente, esses sentimentos também revelam os limites discursivos do modelo dimórfico. Para os/as transexuais, esses conflitos são inexplicáveis e muitos/as dizem que alimentam a esperança de que algum dia se descobrirá uma causa biológica para explicar suas condutas. Quais as práticas que levam o sujeito a se perceber e a se pensar como um "anormal", uma "aberração", sem direito à existência? (p.123).

Assim como compreendido por Butler (1990/2003, p.48), gênero é um conjunto flutuante de atributos, performativamente produzido por práticas reguladoras. A identidade de gênero é “performativamente construída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultantes” (p.48). A expressão afetiva e sexual pode, assim, assumir diferentes maneiras de identificação e expressão afetivossexual, tal como as cores, muitas vezes não podem ser

observadas enquanto pigmento puro, pois acabam tendo interferência das demais cores que estão ao seu redor na régua cromática. Pelo que parece, a sexualidade também é assim, não existe um modo de expressar a sexualidade ou a identidade de gênero que seja puro, é empobrecedor ficarmos na rigidez do “isto ou aquilo”, bem como sugere em linguagem poética Cecília Meireles (1990). O que existe são complexas possibilidades de constituição enquanto ser humano. O transitar por entre os modelos de sexo e gênero expressa mais uma possibilidade: algo como um matiz transexual.

A problematização da “verdade” para o sexo e gênero, a crítica aos modelos naturalizantes do sexo e do gênero que excluem e desencadeiam sofrimento aos grupos não-inteligíveis ao gênero e ao sexo, ou seja, que não estão de acordo com as normas sociais estabelecidas, é compreendida e bem aceita pela filosofia e ciências sociais, que corroboram com princípios despatologizantes, legitimando a humanidade aos travestis, transexuais e intersexuais, retirando-os de categorias estigmatizantes, de excremento ou de monstruosidade como aponta Leite Junior (2012). Entretanto, para a medicina e dentre as ciências humanas principalmente para determinadas perspectivas psicanalíticas, ainda são contribuições que enfrentam certa resistência, mas possíveis, como compreenderemos no próximo item deste capítulo.

2.6 A psicanálise em foco

A psicanálise teve seu passo inicial com o livro “Estudos sobre a histeria”, uma publicação analisando um caso do médico vienense Josef Breuer (1856- 1925) em colaboração com Freud. Breuer descobriu o procedimento e o método catártico para lidar com os sintomas histéricos, entretanto foi Freud quem sistematizou e se debruçou nesse novo

conhecimento, criando o que conhecemos hoje como psicanálise, “a ciência dos processos psíquicos inconscientes” Freud (1929/2014, p. 313).

A obra de Freud é uma obra densa, complexa, com rearranjos, modificações, construções e reconstruções metodológicas, técnicas e teóricas. Freud era um pesquisador que almejava a busca pela “verdade” e em vários momentos é possível observar que a psicanálise foi constituída a partir de um constante posicionamento reflexivo, crítico e transformador, colocando em parênteses todos os conhecimentos, sejam médicos ou filosóficos, questionando e desafiando crenças estabelecidas na tentativa de “revelar os elementos inconscientes que emprestam paixão e distorção às opções sociais, políticas, culturais e religiosas” (McDougall, 1995/1997, p.236), se aprofundando no que poderia ser compreendido de mais essencial do ser humano, como a sexualidade.

Não se pode negar que nos textos introdutórios é fácil perceber que Freud (1895/2016; 1905/1996), às vezes, relaciona certos comportamentos sexuais como atos desviantes ao alvo sexual, casos em que acabou classificando como perversos:

As perversões são ou (a) *transgressões* anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas à união sexual, ou (b) *demoras* nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final (Freud, 1905/1996, p.142).

Freud ainda relacionou a perversão como a negativa da neurose (Freud 1905/1996, p.157), sujeitos que atuam sua fantasia ao invés de reprimir, ainda ligada aos desvios do alvo sexual, ao prazer a partir das pulsões parciais. Entretanto, ainda nesse contexto teórico, o criador da psicanálise admite que mesmo no processo sexual mais “normal” também há rudimentos da perversão na sexualidade: “Assim, a extraordinária difusão das perversões

força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal” (p.162).

A partir da concepção freudiana de pulsão, a teoria psicanalítica assume novas possibilidades para uma compreensão além do estrutural. Freud (1920/2010) iniciou a compreensão dos sistemas inconscientes enquanto processos de dualismos pulsionais, que levariam o sujeito à criação ou destruição, a vida ou a morte. A princípio, o conceito de pulsão foi entendido como “apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do “estímulo”, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora” (Freud, 1905/1996, p.159). Mais a frente, Freud (1930/2010), compreende que mesmo nas pulsões de morte, a pulsão de vida não está ausente, pelo contrário, há um confronto constante de Thanatos com Eros, sendo da ação conjunta das pulsões que surge a manifestação da vida.

Para Roudinesco (1998) e Laplanche (2000), a concepção freudiana da pulsão, que surge com a noção de instinto, colocou inicialmente a ideia de que a pulsão sexual existiria em primeiro lugar no estado polimorfo, em pulsões parciais que visariam suprimir a tensão corporal, mas mesmo antes da elaboração da pulsão vida e morte, segundo Laplanche (2000, p.396):

Freud, longe de postular, por trás de cada tipo de atividade, uma força biológica correspondente (ao que são facilmente levados os teóricos do instinto) faz entrar o conjunto das manifestações pulsionais numa grande oposição fundamental, tirada, aliás, da tradição mítica; oposição da Fome e do Amor e, depois, do Amor e da Discórdia.

A noção de pulsão leva em consideração os caminhos subjetivamente trilhados, pois a pulsão se liga na história do sujeito e parte para especificações pulsionais quanto ao objeto e modo de satisfação (Laplanche, 2000). A discussão freudiana quanto às bases estruturais e pulsionais da sexualidade nos seres humanos - demarcadas às devidas definições e possibilidades históricas de compreensão - possibilitam uma reflexão à pluralidade da sexualidade e convidam o leitor/psicanalista ao avanço da psicanálise para uma compreensão desde a vivência infantil.

De um modo ou de outro, Freud (1905/1996) revolucionou o entendimento acerca da mente humana. Além disso, alertou e demonstrou o quão significativo e importante é a sexualidade para a humanidade, entretanto também correlacionou como a sociedade nunca conseguiu lidar bem com suas questões sexuais, obtendo em certos sintomas a parca possibilidade da expressão sexual reprimida.

O deus do desejo está sempre presente e a sexualidade parece estar relacionada como o cosmos que não se limita, seja ao feminino ou ao masculino, como aponta Chnaiderman (2016). Normalizar a sexualidade, a partir de uma leitura descontextualizada de Freud, ou ainda enquanto aspecto unicamente biológico ou mesmo psicológico é retirar “sua significação humana, estética, social, inclusive espiritual, redundando numa afirmação materialista, biologista e reducionista” (Nunes, 2011, p.15).

Abordando a normalidade e anormalidade, McDougall (1983, p.181-182) compreende que o sujeito “normal” coloca sua normalidade em posição discutível na medida em que se distancia de seu desejo “para orientar-se unicamente em direção à realidade externa, factual e desafetada, podendo assim criar um obstáculo para a função simbólica” e desencadeando respostas menos saudáveis, inclusive somáticas.

A compreensão do sujeito requer um distanciamento crítico e a capacidade para atenção flutuante, em um exercício de abster-se de preconceito e manter a competência da

escuta e acolhimento acima de qualquer outra. Limitar a sexualidade, assim como a transexualidade a primeira leitura de qualquer teoria ou analisá-lo a partir do referencial heterossexual em uma análise teórica superegoica, parece ser reducionista, empobrecedor de qualquer subjetividade, o que impossibilita o avanço para a compreensão da sexualidade. Assim como considera McDougall (1999) e Ceccarelli (2013), é necessário atentar-se às dificuldades internas, fantasias bissexuais e traumas infantis recalcadas que contratransferencialmente, em uma contratransferência heterossexista, são despertados no analista quando se pretende analisar aspectos da sexualidade fora dos cominhos cisheteronormativos.

Compreende-se que a proposta de uma aproximação sensível do sujeito analisado não é simples, até porque ninguém escapa da dominação social em relação à sexualidade. Há uma “mescla de concupiscência e hipocrisia que governa a conduta da maioria dos “homens civilizados” em matéria de sexualidade” (Freud, 1910/2013, p.265). O ser humano, seja psicanalista ou não, tem uma relação muito forte com o engessamento sexual imposto pela sociedade. Cada psicanalista consegue ir apenas até onde permitem seus próprios complexos e suas próprias resistências internas, sendo o avanço da psicanálise dependente do avanço interno dos próprios psicanalistas, como bem destacou Freud (1930/2010; 1910/2013).

McDougall (1995/1997, p.235) indaga até que ponto a teoria e a prática psicanalítica são afetados pelos juízos de valores do analista, de modo que “é o olho do analista que observa e então cria os rótulos que definem o que é e o que não é perverso na sexualidade humana e na vida cotidiana”. A resistência do analista, em especial a relacionada com a sexualidade, tem uma profunda relação com a pressão cultural e fonte religiosa como já discutimos neste capítulo. O ambiente enlameado por uma moral sexual, inevitavelmente, repercute na relação com o interno desde seu mais primitivo desenvolvimento psíquico.

Estes pontos, não devem, porém, paralisar o estudo da subjetividade, pelo contrário, deve ser um sinal de alerta, cabendo ao psicanalista, assim como assinala McDougall (1995/1997) avançar a novos caminhos, acompanhando o desenvolvimento das demais ciências, dando voz ao sujeito e a sua história de vida.

Freud (1856-1939) escancarou a angústia psíquica compreendendo seu sintoma como uma resposta à impossibilidade do sentido, da fala, pela repressão sexual. No que se relaciona à sexualidade, do ponto de vista psicanalítico, a compreensão da subjetividade além da heterossexualidade enquanto suposição de desenvolvimento ideal, campo interrogado pela vivência e subjetividade contemporânea desviante da norma, é uma possibilidade para avanços e insights teóricos e metodológicos.

Portanto, ir além das compreensões normativas é uma possibilidade com relação íntima aos caminhos propostos por Freud quando buscou nas palavras de seus pacientes muito mais que uma norma de adaptação à moral, mas pela sexualidade, a fala do inconsciente em signos que demandavam uma nova qualidade de escuta e compreensão (Macedo & Falcão, 2005).

Contudo, há ainda certa resistência ao rompimento com determinações e regulações opostas à sexualidade destoante da norma heterossexual, como novas formas de conjugalidade, de modo especialmente contemporâneo, o movimento transgênero, compreendido por Birman (2016) como o tempo terceiro e atual da desconstrução da família nuclear burguesa, tradição do patriarcado. Nesse contexto, a resistência continua arraigada enquanto moral sexual e elementos de um controle ao processo civilizatório para desenvolvimento cultural, que tende a frutificar cada vez mais elementos de controle e de interdito:

Não é arriscado supor que sob o regime de uma moral sexual civilizada a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais (Freud, 1908/1976, p.99).

Freud (1908/1976) ao criticar a normalização e moralização no campo do erotismo, compreendeu seu contexto moderno de repressão enquanto sintoma em nome da civilização. No contexto histórico em que a psicanálise foi originada, havia o que Ferenczi (1908/1991, p.39), chamou de uma “educação moral edificada sobre o recalçamento”, propagando o “esmagamento tirânico da vontade individual”, negligenciando a “verdadeira psicologia do homem”. A psicanálise, assim, deveria promover ao homem o reconhecimento do próprio desejo.

O remédio para essa doença da sociedade só pode ser a exploração da personalidade verdadeira e completa do indivíduo, em particular do laboratório da vida psíquica inconsciente que hoje deixou de ser totalmente inacessível; e o meio preventivo: uma pedagogia fundada, isto é, a ser fundada na compreensão e na eficácia, e não em dogmas (Ferenczi, 1908/1991, p.40).

Assim como compreende Roudinesco (2000), a psicanálise deve se fazer presente enquanto núcleo do saber da vivência humana, sendo um ponto a favor do homem trágico contemporâneo, um sujeito subjetivo, complexo, não simplesmente orgânico, tampouco reduzido ao cérebro-máquina. É esse o papel da psicanálise que na contemporaneidade

necessita ser reafirmado constantemente, um papel fundamental a fim de valorizar e legitimar a própria humanidade que, às vezes, é propositalmente esquecida e desvalorizada.

Existem algumas concepções psicanalíticas que consideram que a repressão nem sempre é danosa ao desenvolvimento, Freud (1930/2010) compreende que por vias necessárias, em certa medida, “a civilização é construída sobre a renúncia instintual” (p.60). Sem excessos, há soluções menos danosas, defesas mais elevadas ao indivíduo frente a renúncia instintual, como a sublimação. A sublimação é “um certo tipo de modificação da meta e mudança de objeto, em que nossos valores sociais entram em consideração” (Freud, 1930/2010, p.244). Assim como destaca Laplanche (2000, p.494), o termo sublimação introduzido por Freud na psicanálise evoca a conotação do “sublime”, designando uma “produção que sugira a grandeza, a elevação”. É uma “capacidade de trocar seu objeto sexual original por outro, não mais sexual, mais psiquicamente relacionado com o primeiro” (Freud, 1908/1976, p.174).

A sublimação do instinto é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na vida civilizada (Freud, 1930/2010, p.60).

Por intermédio do aprimoramento gradual de tais conceitos, assim como diversos outros importantes para a criação da psicanálise, Freud analisou o desenvolvimento psicosssexual, assim como o processo de “ser homem” ou “ser mulher” como fatos complexos, além do sexo biológico, entretanto, por outro lado, quando Freud (1905/1996) discute o complexo de Édipo, “as incoerências entre gênero e sexualidade são tomadas de modo a serem desvalorizadas e “patologizadas”” (Porchat, 2014b, p.48).

Embora o termo “identidade de gênero” não esteja presente na obra do Freud, já era possível observar a presença de algo correspondente quando Freud analisa o desenvolvimento da feminilidade e masculinidade (Porchat, 2014b). Freud (1929/2014, p.318) diz: “é errado acreditar que a sexualidade coincide com a “genitalidade”. Os instintos sexuais perfazem um desenvolvimento complicado e apenas no final dele há o primado das zonas genitais. Nem o desenvolvimento da masculinidade, tampouco da feminilidade são processos simples e/ou naturais.

Para Ceccarelli (2010):

[...] é possível dizer que, em Freud, existe uma classificação segundo o gênero; uma distinção que começa em uma etapa anterior à castração, sem levar em conta a anatomia, cuja base é à diferenciação pai/mãe. A apreensão dos gêneros, nessa etapa, se faz sem levar em conta o órgão sexual (p. 274).

Ainda segundo o autor, a presença ou a ausência do órgão sexual masculino ou feminino não constituem garantia de que o sujeito se identifique com a identidade de gênero, assim como todo arsenal construído culturalmente sobre o que corresponderia ser “homem” ou “mulher”. As transexualidades são o maior exemplo disso. A distinção do gênero enquanto uma categoria binária a partir do sexo de nascimento é dada à criança desde cedo, sem levar em conta o pulsional.

Já em Freud (1930/2010) havia a original compreensão de que a vivência sexual humana não dispõe apenas do que chamou de aspecto natural:

A sexualidade é um fato biológico que, embora de significação extraordinária para a vida psíquica, é psicologicamente difícil de apreende. Estamos habituados a

dizer que cada pessoa mostra impulsos instintuais, necessidades, características tanto masculinas como femininas; a natureza do masculino ou feminino, porém, pode ser indicada pela anatomia, mas não pela psicologia. Para esta, a oposição dos sexos empalidece ante aquela entre atividade e passividade, na qual identificamos precipitadamente a atividade como a masculinidade e a passividade como a feminilidade, o que de maneira nenhuma se configura invariavelmente no reino animal (p.70-71).

Posteriormente a Freud, gênero foi inaugurado enquanto termo na psicanálise por Stoller (1968), que o compreendeu enquanto um fenômeno psíquico independente da anatomia. A partir de estudos acerca da transexualidade, Stoller (1982) estabeleceu a clara distinção entre sexo e identificação enquanto masculino ou feminino. Desenvolvendo tais conceitos, ele compreendeu gênero como uma identidade genérica, anterior ao complexo de Édipo, construída a partir da relação entre o psicológico, social, histórico, biológico. “A coerência entre o sexo e a identidade de gênero, para Stoller, era um pressuposto de saúde, e a incoerência entre ambos representava, pois, uma patologia” (Bulamah & Kupermann, 2016, p.75). Assim como argumenta Cossi (2011), na obra de Stoller a transexualidade é considerada como um distúrbio em nível ego-corporal, com uma problemática quanto ao registro imaginário do corpo.

A naturalização da cisgeneridade enquanto norma ao desenvolvimento psicosssexual, assim como destaca Bulamah e Kupermann (2016), é uma realidade muito presente na psicanálise. É possível observar em diversos artigos psicanalíticos contemporâneos (Argentieri, 2009; Rinaldi, 2011; Westphal, 2015), que mesmo críticos a uma análise regulatória e autoritária da psicanálise, com notório e oportuno movimento de investigar o campo subjetivo e simbólico das transexualidades, acabam analisando o desejo da mudança

de sexo ou gênero enquanto um sintoma, de etiologia psicopatológica a partir de uma lógica naturalizante, normativa e binária do gênero e do sexo.

Por outro lado, produções como as de Arán (2006; 2009); Arán, Murta e Lionço (2009); Peres e Toledo (2011); Cossi (2011); Almeida e Murta (2013); Ceccarelli (2013); Porchat, (2014a; 2014b); Oliveira (2014); Ambra (2016); Brancaleoni (2016); Bulamah e Kupermann (2016), entre outras, propõem reflexões, sobretudo a partir das produções de Foucault e Butler, em que problematizam a naturalização do sexo e do gênero, defendendo de modo mais enfático a despatologização das transexualidades como um caminho para o cuidado e inclusão dessa população.

Do ponto de vista psicológico as divergências acerca do sexo e gênero ainda hoje são muitas, não havendo uma unanimidade quanto sua etiologia (Ceccarelli, 2003; Ambra, 2016). Vários autores psicanalíticos (Stoller, 1982; McDougall, 1995/1997; Ceccarelli, 2013; Porchat, 2014b) propuseram diferentes compreensões a respeito da transexualidade. Novas leituras se fazem presentes e a psicanálise, como uma ciência em franco desenvolvimento, tem o desafio de ampliar suas perspectivas relacionadas à identidade de gênero e assim, às transexualidades.

Desde meados do século XIX até os dias atuais, a diversidade de sexo, gênero e afetividade vem conquistando espaço histórico, social e científico. Novas tecnologias se fazem cada vez mais presentes, modificando as relações humanas e seu modo de vida. Novas expressões abrem a possibilidade de se pensar em diferentes modelos, transcendendo as normas de até então.

A partir da filosofia, compreendemos que sexo e gênero são produções discursivas, performáticas, subjetivas, e não só sexo e gênero, mas a ciência e todo o constructo social que normaliza as relações humanas e a própria identidade a partir de regras e papéis de gênero. Portanto, a psicanálise também pode ser considerada como uma formação discursiva, “uma

prática de si que se constitui na modernidade, mas que se manteve na modernidade avançada e na contemporaneidade” (Birman, 2014, p. 39), uma discursividade, uma obra que produz “a possibilidade e a regra de formação de outros textos” (Foucault, 1969/1992, p.58), sendo necessário o retorno e articulação do discurso teórico a partir do autor que lhe desenvolveu. Sendo assim, que a psicanálise possa retornar Freud, mas que avance criticamente no diálogo com outros saberes, como os filosóficos para além dos discursos de controle sexual.

A partir da crítica de Foucault (1988), alegando que o sucesso e aceitação da teoria psicanalítica estiveram ligados à possibilidade de estar dentro do dispositivo de controle da sexualidade e não fora ou contra ele, um dos principais desafios da psicanálise contemporânea é o rompimento com paradigmas naturalizantes e universais, para avançar na compreensão de algo como uma análise potente para libertar o sujeito ao lhe desvelar os imperativos do poder de sua própria cultura, bem como suas respostas singulares frente a tais mecanismos.

A psicanálise deve se inserir como uma prática e um discurso inscrito na prática da subjetivação, uma forma de cuidado que ajude o sujeito a lidar com o “mal-estar produzido pelos imperativos da normalização e da biopolítica” (Birman, 2014, p.39). Propor um debate crítico, teórico e clínico através da psicanálise enquanto teoria e técnica podem fornecer, assim como compreende Porchat (2014a) “ferramentas potentes para levantar questões acerca dos processos de corporificação sem normalizar, patologizar, e ainda garantir a liberdade necessária para considerar alternativas para as pessoas transexuais” (p.124).

Segundo Birman (2014), o avanço a partir de Freud, na contemporaneidade, se liga principalmente ao paradigma proposto por Winnicott (1896-1971), possibilitando justamente a compreensão do mal-estar e da biopolítica na atualidade, com potencialidade ao diálogo com outros saberes. Winnicott é considerado por Fulgencio (2014, p.146) como uma proposta de integração, entre os preceitos filosóficos e os da psicanálise.

Winnicott (1988/2012) propõe o investimento na relação humana para o cuidado e compreensão muito além de sintomas, diagnósticos e aspectos físicos. Para o autor, já nas primeiras relações do bebê com seu cuidador principal, na maioria das vezes a mãe, aspectos únicos, criativos, tanto do bebê quanto do cuidador devem ser respeitados.

Em minha longa experiência tive a oportunidade de conhecer muitos médicos, enfermeiras e professores que imaginavam poder dizer às mães o que elas deveriam fazer, e que passavam a maior parte do tempo dando instruções aos pais; observei-os, depois, quando também se tornaram pais e mães e tive com eles longas conversas sobre as suas dificuldades, descobri que muitos precisavam esquecer tudo o que pensavam saber, e, até mesmo, tudo aquilo que vinham ensinando. Frequentemente descobriam que as coisas que sabiam desta forma interferiam tanto, no início, que não conseguiam agir naturalmente com seu próprio primeiro filho. Aos poucos, conseguiam desprender-se desta camada inútil de conhecimentos ligados às palavras, e só então eram capazes de se envolver com aquele bebê (Winnicott, 1988/2012, p.53).

Donald Woods Winnicott nasceu em Plymouth (Inglaterra), em 1896 e faleceu em Londres, em 1971. Depois de exercer a pediatria por mais de quarenta anos, especializou-se em psicanálise infantil, foi um importante psicanalista e pediatra (Winnicott, 1988/2012).

De formação originalmente kleiniana, aos poucos Winnicott foi se distanciando dela e criou concepções originais que trouxeram uma grande contribuição para a compreensão do desenvolvimento emocional da criança, a partir do estabelecimento suficientemente-bom dos vínculos primários (Zimmerman, 2004a).

Segundo Dias (2008), a teoria do amadurecimento é a espinha dorsal do trabalho teórico e clínico de Winnicott, assim como ele próprio caracteriza, e se baseia na ideia de que todo indivíduo humano é dotado de uma tendência ao amadurecimento, à integração da personalidade numa unidade. Para que essa tendência venha a realizar-se, o ser humano necessita, principalmente nos estágios iniciais do desenvolvimento, que o ambiente forneça os cuidados básicos até a constituição de si-mesmo²¹.

Para Winnicott, a psique não é uma estrutura pré-existente, mas algo que vai se constituindo a partir da relação humana, a partir da função materna que exerça três funções fundamentais: o *holding*, *handling* e o apresentar dos objetos. O *holding* diz respeito a capacidade de cuidar e satisfazer as necessidades vitais do bebê, permitindo sua integração no tempo e no espaço. Já o *handling*, o manejar, irá facilitar a formação de uma parceria psique-soma²² na criança, e a apresentação de objetos ou realização: tornar real o impulso criativo da criança (Winnicott, 1965/2011; 1972/2010).

O desenvolvimento, em poucas palavras, é uma função da herança de um *processo de maturação*, e da acumulação de experiências de vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num *ambiente propiciador*. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no início, e a seguir relativa; o processo de

²¹ O conceito de si-mesmo pode ser considerado, de modo geral, como um termo descritivo, tendo sido usado de duas maneiras distintas por Winnicott, como considera Busnardo (2012): “A conquista do chamado estado unitário, ou a chegada ao estágio conhecido por EU-SOU, diz respeito a uma das maneiras; a segunda, utilizada com mais frequência em momentos mais tardios de sua obra, refere-se a qualquer tipo de experiência integrativa. De certo modo, pode-se considerar que, ao se pensar em saúde, termos como “integração”, ou “pessoa inteira” (neste sentido, afastando-se de termos como “dissociação” ou até mesmo “cisão”) são lembrados. Em contrapartida, a quebra da personalidade, ou o desenvolvimento de um *sel* falso, separado do verdadeiro, remete a uma condição patológica. Sobre a etiologia desta condição de separação, Winnicott a atribui às falhas ambientais que impediam o desenvolvimento saudável pessoal” (p.42).

Winnicott (1979/2007) utiliza o termo ego para “descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis, a se integrar em uma unidade” (p.55), já o termo sí-mesmo, segundo Marchesini (2010), “é usado para descrever o resultado dessa tendência integrativa” (p.60).

²² “Soma é o corpo vivo”. Psique abrange a mente e todas as suas funções mentais que possibilitam o “estar vivo” (Dias, 2003, pp.104-105).

desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência (Winnicott, 1965/2011, p.27).

A criança pequena apresenta desde o início de vida todo um arsenal biológico inato que na relação com o mundo demonstra suas potencialidades. Entretanto, o bebê não tem consciência disso. Para ele, nesse início da vida psíquica, é como se nada existe além dele próprio e, portanto, sua mãe é uma parte dele (Winnicott, 1971/1975).

Essa fusão ilusória é quebrada a partir da frustração e então, aos poucos, surge a possibilidade de si-mesmo que vai se estruturando na medida em que é possível suportar a separação. É nesse momento em que surgem os objetos transicionais associados à natureza tátil, ao calor, enfim ao corpo do cuidador principal (McDougall, 2013).

O estágio inicial, do pré-natal, nascimento e primeiros meses de vida que diz respeito à dependência absoluta, é um estágio no qual o ambiente deve fornecer ao bebê a experiência inicial de onipotência, para que, posteriormente, o bebê possa suportar o sentimento da frustração. A onipotência, como esclarece Newman (2003), não é rígida ou paranoide, mas necessária e permite que a seguinte mensagem seja passada ao bebê: “venha ao mundo criativamente, crie o mundo. Somente aquilo que crias é que terá sentido para ti” (p.389).

Para Dias (2003), a frustração leva o bebê ao estágio de desilusão, ao estágio do EU SOU, momento em que a criança se dá conta de que é uma existência unitária, começa a se diferenciar dos cuidadores principais, o estágio em que ocorre a conquista de um eu integrado, fundamental para seguir ao contínuo processo de desenvolvimento do ser humano.

Quando tudo isso acontece, um verdadeiro *self* (ou verdadeiro si-mesmo) surge. O verdadeiro *self* é o lugar de onde o gesto espontâneo se origina: “O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real” (Winnicott, 1979/2007, p.135).

Entretanto, às vezes, os cuidadores principais não conseguem exercer tal função de modo suficientemente-bom e a falha repetida de não acolher a espontaneidade do bebê coloca em risco seu próprio gesto criativo, é o início do falso *self* (ou falso si-mesmo). O falso *self* tem, assim como destaca Newman (2003), também uma função importante, a de ocultar o verdadeiro *self* até que seja possível este assumir o lugar daquele, até que o ambiente ofereça as condições básicas para isso.

Se as condições ambientais forem adequadas, suficientemente-boas, o indivíduo pode avançar em seu desenvolvimento emocional em direção à maturidade. O conceito de maturidade assume na obra de Winnicott um leque de diversos significados como “a capacidade para estabelecer compromissos” e “responsabilidade pelo ambiente” (Winnicott, 1988/1990), ou ainda “a capacidade de estar só” (Winnicott, 1979/2007). De modo geral, e o como assumimos neste trabalho, maturidade é sinônimo de desenvolvimento emocional, de saúde emocional.

Winnicott foi também contemporâneo de Bion (1897-1979), convivendo na mesma época na Sociedade Britânica de Psicanálise e mesmo praticamente não fazendo citações entre si, compartilharam de estudos semelhantes (Zimmerman, 2004b). Winnicott (1990/2005, p.108) chega a referir Bion como “o grande homem do futuro da Sociedade Britânica de Psicanálise” e ambos também oferecem possibilidades para integrar uma análise potente à compreensão profunda acerca da existência humana contemporânea sem patologizar ou negligenciar sua dimensão humana.

A psicanálise a partir de Winnicott de modo algum nega a possibilidade de diálogo com Freud ou Bion, entretanto Winnicott (1971/1975) enxerga como um obstáculo e um refúgio a tentativa de explicar os fenômenos psíquicos a partir da hereditariedade, algo como “uma reafirmação do princípio do pecado original” (p.116). O abandono de toda especulação

metapsicológica em Winnicott abre caminhos para pensar o sujeito na relação inter-humana. (Fulgencio, 2012).

A pulsão de morte, assim como a sublimação em Freud, são conceitos de particular importância a este estudo, compreendidos na relação com o ambiente, na cultura, abrindo em Winnicott (1971/1975) a possibilidade para se discutir enquanto agressividade e criatividade. É somente a partir da sobrevivência do objeto, que não retalia ao receber os impulsos agressivos do bebê, que o objeto é colocado para fora da área de controle onipotente e assim, “cria-se um mundo de realidade compartilhada que o sujeito pode usar e pode retroalimentar a substância diferente-de-mim dentro do sujeito” (p.151).

Para Fulgencio (2012), Winnicott ao avançar a elaboração metapsicológica freudiana relacionada a pulsão de morte, propõe “alternativas para pensar tanto os fenômenos agrupados por Freud como movidos por uma compulsão à repetição quanto o problema de saber qual é a origem da agressividade e da destrutividade no ser humano (p.475)”.

Para Fulgencio (2012, p.478):

Não se trata propriamente de voltar à situação traumática, mas ao momento anterior ao trauma, em que as defesas em relação a essa situação ainda não tinham sido erguidas (ou seja, voltar a um momento em que se desfazem as defesas), para, então, retomar o processo de amadurecimento a partir deste ponto. Mas, para que isso ocorra, o paciente precisará regredir ao momento anterior a esse colapso da situação traumática, quando ele era sustentado pelo ambiente, o que lhe dava uma ilusão de onipotência. Esse momento é atualizado nas suas relações (eventualmente na sua análise) e, com base nelas, a repetição (procurada) da mesma situação de colapso pode, então, ser vivida noutras condições, ou seja, pode ser experienciada sem que a pessoa seja aniquilada. Sendo assim, o indivíduo pode, então, ser integrado, e seu

amadurecimento prosseguir. Por um lado, essa regressão diz respeito ao retorno a uma situação de dependência, atualizada com o analista; por outro, à necessidade de retomar o momento anterior ao que as defesas foram erguidas.

Quanto à sublimação, o próprio Freud (1910/2013) oferece a base para relacionar sublimação à criação, relacionada não mais, ou não apenas, a dessexualização pulsional, mas o desejo do saber, talento artístico, ou a mais importante: capacidade de realização. Assim como descrito por Kupermann (2003), situando Freud após a segunda tópica:

O processo sublimatório é concebido como independente do recalque, como uma saída criativa do aparelho psíquico na qual haveria uma mudança no objeto da satisfação pulsional, consistindo sublimação, portanto, não uma dessexualização do objetivo das pulsões, mas na criação de objetos para a satisfação erótica do sujeito que pudessem ser, ao mesmo tempo, partilhados culturalmente (p.68).

Embora em Freud o termo sublimação não se identifique com o winnicottiano enquanto criatividade, “ambos procuram trabalhar sobre uma problemática teórica similar, qual seja, a inserção do sujeito na ordem da cultura” (Birman, 2008, p.24). Criatividade em Winnicott (1970/2011; 1971/1975) está associada ao viver e a capacidade de criar o mundo, sentir-se capaz de criar o mundo, criar a si-mesmo no mundo. Não apenas ligado estritamente à experiência do bebê, mas algo que perpassa toda a vida do indivíduo saudável.

Enfim, a psicanálise é teoria extensa e vasta, com inúmeras possibilidades para aprofundamento e interação com outros saberes para compreensão da subjetividade e constituição de si-mesmo. No que diz respeito à sexualidade, Freud, ao se recusar classificar a homossexualidade entre as perversões sexuais, como pode ser observado em sua famosa

carta à mãe de um homossexual (Freud, 1935, citado por Jones, 1979), abre caminho para que outros diagnósticos de “anormalidades” encarem a própria subjetividade e legitime a transgressão à norma.

Assim como no contexto da primeira infância observada por Winnicott (1988/2012), a compreensão da vivência de um ser humano para além de um diagnóstico de “Disforia de Gênero” (American Psychiatric Association, 2013) é aspecto original que leva acima de qualquer elemento científico ou biopolítico, o investimento no humano e a compreensão a partir da relação humana com seu ambiente facilitador e suficientemente-bom.

Nesse sentido, a psicanálise, na contemporaneidade, estaria disposta a avançar e compreender a sexualidade assim como Freud se dispôs fazer com as históricas de sua época, e o desenvolvimento humano a partir da relação humana assim como destacou Winnicott? Estaria a sexualidade atual, campo conceitual amplamente estudado por diversas áreas do conhecimento, revelando através de sua diversidade, como as transexualidades, algo muito além de aspectos sintomatológicos, mas base libidinal para a criação, uma potente expressão genuína de um verdadeiro *self*, uma potencialidade plural para a vida?

Seguindo a metáfora com o universo criativo da pintura e das artes que permeia esta dissertação, conseguir o resultado da gradação de tonalidades é algo difícil, mas possível por uma técnica chamada *Têmpera*, que por intermédio da sobreposição de pinceladas e cruzamento de traços, linhas claras e escuras, consegue o resultado de matiz (Graham-Dixon, 2011). Este foi também o processo para construção deste trabalho, a sobreposição teórica e metodológica. Da mitologia até aqui, o enfoque deste capítulo foi apresentar um olhar amplo, intercientífico, procurando traçar alguns pontos históricos e teóricos entre a medicina e filosofia, chegando à psicanálise.

Esse movimento serviu para podermos avançar aos próximos passos desta investigação, para a compreensão contemporânea do matiz transexual sem buscar o enquadre

categórico ou taxativo, mas o fluido existir em que o gênero é tocado e relacionado com todo mundo vivido, um matiz da sexualidade.

3 A ESCOLHA DOS PINCÉIS: instrumentos para a pesquisa psicanalítica

O que moveu esta pesquisa foi, a partir do posicionamento de despir-se de um olhar psicopatologizante, buscar a compreensão da vivência transexual na relação com seu ambiente para a constituição de si-mesmo.

Esta pesquisa analisou de modo qualitativo, através do recorte longitudinal, a história autobiográfica do primeiro transexual operado no Brasil, João W. Nery. Para isso, foi utilizado o método de investigação em psicanálise proposto por Rezende (1993) e Silva (1993), a fim de proporcionar o rigor científico necessário para o desenvolvimento desta dissertação.

3.1 Exegese, hermenêutica e interpretação em psicanálise

Tendo os objetos psicanalíticos enquanto campo de pesquisa, ao menos três possibilidades para investigação são possíveis: a investigação feita através dos textos psicanalíticos, nos livros; a pesquisa clínica, no consultório, em situação analítica, por meio da escuta em associação livre e da transferência; e a pesquisa do mudo vivido, foco deste trabalho, enquanto uma atitude de pensar vivências através de uma postura hermenêutica (Rezende, 1993).

A partir do campo de pesquisa, para Rezende (1993), a leitura do pesquisador pode se dar em níveis de exegese, interpretação e hermenêutica. O exegeta é aquele que decodifica buscando sentido nas palavras, sem deixar-se entrar na situação enquanto participante. O intérprete é o que dá significado a partir da relação particular entre a escuta e a transferência na clínica. O hermeneuta não necessariamente é clínico e se difere do exegeta, pois percebe a relação entre o sentido observado com sua própria vida, se entregando a vivência

transferencial, envolve-se com as palavras vividas pelo outro, a ponto de que “sua leitura-viva completa o sentido dado pelo autor” (p.110).

A palavra hermenêutica advém do grego *hermenèuein*, que significa interpretar, exprimir. Inicialmente vinculada pelos gregos à compreensão de seus poemas e posteriormente, com seu desenvolvimento dentro da tradição judaico-cristão, passando à interpretação dos textos bíblicos (Mohallem, 2006; Santos & Hellmann, 2010).

No século XIX, a partir do rigor filosófico de extração kantiana, seu escopo foi sendo alargado para a reflexão do ser no mundo. O conceito hermenêutico foi sendo associado à base metodologia das ciências humanas, opondo-se a uma compreensão positivista e experimental. A hermenêutica enquanto compreensão metodológica objetiva uma reconstrução dos fatores objetivos e subjetivos de um discurso falado ou escrito. Não apenas uma compreensão do texto, mas a compreensão do autor (Braidá, 1999).

A hermenêutica não busca explicar exhaustivamente; não procura o fundamento último do ser, por visualizá-lo como pertencente ao horizonte histórico-linguístico, ao qual todos pertencemos. Por isso, nosso interpretar não pode almejar uma explicação extenuante, pois como intérpretes estamos implicados no mesmo enredo que o interpretado. A interpretação é, assim, sempre incompleta, transitória e multiforme. (Mohallem, 2006, p.173).

Para ser intérprete e hermeneuta é necessário a própria vivência, e mais, a observação dela, sua experiência que começa no divã, não de um divã material, mas da postura clínica, ao encontro com o mundo interno, as angústias, pulsões de vida e de morte, sofrimento, paixão, por fim *phatos*. É nesse sentido que a psicanálise está interessada na dimensão humana e se diferencia da medicina enquanto uma nova postura frente o sofrimento humano.

Freud (1895/2016; 1908/1976) ao analisar a sexualidade de suas primeiras pacientes históricas não se ateuve os sintomas e revolucionou a medicina ao parar para ouvir a expressão do significado sintomatológico pela palavra, possibilitando a obliteração de uma vivência marcada por uma moral sexual civilizatória. Dessa maneira, é possível compreender que o interessante para a psicanálise, desde sua origem, não é o aspecto quantificável, ou a psicopatologia sintomática, mas sim, assim como compreende McDougall (1983; 1995/1997), aos caminhos subjetivamente trilhados para resolução de certos conflitos internos, ou simplesmente o interesse no ser humano como propõe Winnicott (1987/2012).

Segundo a perspectiva de Mezan (2006), Freud é um pensador da cultura. Freud não foi apenas um leitor de obras culturais, mas pensava e participava ativamente das palavras-vividas, dando-lhes novos sentidos a partir de sua própria compreensão a ponto de não ser possível pensar a contemporaneidade sem levar em conta o inconsciente individual e sua relação com o ambiente, que “está sendo considerada hoje como uma das frentes avançadas da psicanálise: não mais, ou não apenas, uma psicanálise individual, mas uma psicanálise da cultura e das culturas” (Rezende, 1993, p.113).

Freud foi ao mesmo tempo um exegeta, que souber ler livros, e um hermeneuta que soube pensar as vivências e as condições humanas de sua cultura, pensar e dialogar com outros saberes como medicina, antropologia, história, arqueologia e mitologia. E por fim, um intérprete e clínico que soube escutar seus pacientes em atenção flutuante e lhe viabilizar uma nova interpretação da sua experiência, até então inconscientes sem possibilidades para tornar-se terapêutica (Rezende, 1993).

Tanto o hermeneuta quanto o intérprete valem-se, metodologicamente, da interpretação dos significados da linguagem e esta é a base da compreensão e investigação qualitativa. Tanto o hermeneuta quanto o intérprete levam em consideração a subjetividade humana e se aproximam, metodologicamente, a partir do momento em que a pretensão seja

compreender e não explicar causas e efeitos tal como a visão positivista (Santos & Hellmann, 2010).

Todavia, como nos transmite Lustoza e Freire (2006), o limite epistemológico para uma leitura hermenêutica psicanalítica está justamente na metapsicologia psicanalítica, determinando e fornecendo interpretações do psiquismo em termos causais. A investigação hermenêutica propõe que a experiência vivida seja compreendida sem reducionismo, seja psicológico, social ou biológico. Assim como corrobora Birman (2014): “a essência do sujeito da psicanálise (se é que há alguma) é justamente a sua impossibilidade de substancialização” (p.93).

A posição assumida por esta pesquisa vem ao encontro do compromisso de que o conhecimento seja construído a partir da reflexão da experiência vivida, assim como destaca Rezende (1993): sem a pretensão de fazer do conhecimento produzido, dessa vivência (*mathos*), uma “*maheis universalis*”, mas formular um conhecimento único que a partir de uma experiência original possa “aprender” sobre a condição humana, desvelar a experiência, desnudar o mundo vivido (p.116).

O intuito é o de encontrar questões e não respostas, pois, pesquisar é interpretar e interpretar é investigar (Bion, 1973). Através de um posicionamento hermenêutico pretendemos destruir ídolos para então reconstruir a palavra autêntica, da criatividade e da generosidade amorosa para humanizar o sujeito do inconsciente como destaca Rezende (1993).

É a partir dessa proposta do conhecimento subjetivo, da compreensão hermenêutica do mundo vivido, que este trabalho se ancorou. Abrimos mão da metapsicologia e assumimos uma postura compreensiva da diversidade afetiva e sexual a partir da interlocução de diversos discursos entre os pensadores de textos vividos, campo entre as ciências filosóficas,

educacionais, humanas, sociais e médicas, para ampliar e produzir um saber que se aproxime da complexidade da vivência e que acima de tudo não negligenciasse sua dimensão humana.

3.2 Acesso aos tons da vivência de João W. Nery

Rezende (1993, p.107) cita Bion em que diz: “não leia livros, leia mentes” e retira de tais palavras o significado “não se contentem em serem exegetas”. Compreender que os textos são vividos e não apenas escritos é oportunidade para pensa-los, envolver-se com seu sentido, tal como um hermeneuta, acrescentando ao texto uma teoria do mundo vivido.

O sujeito que abriga a posição daquele que fala de sua vivência, que fornecerá a matéria prima para esta pesquisa é João W. Nery. Esse foi nossa fonte de investigação por ser considerado o primeiro transexual MpH operado no Brasil; por sua generosidade e disponibilidade em socializar para a sociedade sua história de vida com tantos detalhes, de modo singular, sem conotação espetacular ou interesses midiático-econômicos; fornecer material para investigar aspectos longitudinais, com inesgotáveis possibilidades para, ao adentrar seus escritos, contemplar os objetivos deste trabalho.

Para a elaboração da presente pesquisa foi utilizado como fonte de investigação principal a experiência de vida a partir da palavra escrita por João Nery, sua mais nova autobiografia “Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois” (Nery, 2013)²³, somada ao artigo “João W. Nery – A trajetória de um trans homem no Brasil: do

²³ “Viagem Solitária” é uma releitura do livro “Erro de Pessoa”, primeiro livro em que João Nery conta sua história de vida. Ambos os livros são autobiográficos, entretanto no mais recente, assim como esclarece o autor (Nery, 2011), foram acrescentadas as contribuições contemporâneas dos “movimentos pós-gêneros como o *queer*”, foram retirados e substituídos os termos que reportavam a transexualidade enquanto patologia; foram demarcados os nomes reais dos protagonistas que na primeira versão não puderam constar, enfim, a história foi somada e por essa razão, este foi o material escolhido por oferecer um maior detalhamento do mundo vivido de João, indo ao encontro dos objetivos propostos por este estudo.

escritor ao ativista” (Nery, Coelho, & Sampaio, 2015), que oferece detalhes ainda mais ressonantes de sua história em constante processo de maturação.

Para a execução do presente estudo, não houve a necessidade do registro ou avaliação pelo sistema do Comitê de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP), uma vez que esta pesquisa se enquadra enquanto pesquisa que utiliza informações de domínio público, assim como discriminado pela Resolução que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016²⁴). Tais especificidades foram levadas em consideração para serem rigorosamente respeitadas às condutas éticas preconizadas pela resolução federal que estabelece os procedimentos adequados para pesquisas envolvendo seres humanos nas Ciências Humanas e Sociais.

Há no material disponível algo suficientemente rico para uma profunda investigação da subjetividade e mundo vivido do primeiro transexual operado no Brasil, nos permitindo, a partir de uma posição hermenêutica, mergulhando nos escritos que elegemos, compreender essa história de luta e superação.

A análise de produções culturais, mais especificadamente dados biográficos e autobiográficos, assumindo a dimensão da narrativa, é um recurso bastante comum à pesquisa psicanalítica fora do *setting* psicanalítico, como aponta Silva (1993). A psicanálise, assim, aposta na importância da produção cultural como uma ferramenta importante de acesso à experiência vivida.

No sentido de desvelar o significado submerso da vivência humana, da polissemia de múltiplos sentidos, assim como compreende Silva (1993) e Rezende (1993), a primeira condição metodológica foi ir a campo, ler e reler sem julgamento, sem levar respostas ou

²⁴ Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

teorias pré-determinadas ou pré-conceitos, para não antecipar a descoberta, não impedir a aventura da busca pelo conhecimento.

Deixar que os dados, em sua variedade e dispersão, repousem por algum tempo em nossa mente. Esta deve ser suportar o acúmulo de estímulo e a ausência de significações. Ter paciência para esperar que o inconsciente faça seu trabalho e que a emergência do significado venha enfim aliviar a angústia do pesquisador (Silva, 1993, p.24).

A partir deste ponto é preciso lidar com a resistência frente certa ameaça da estabilidade do conhecimento já adquirido, balizar por entre a construção da novidade ao mesmo tempo em que se procura a manutenção do já conhecido pela ciência estudada, deixando que os conceitos sejam “redescobertos, rearranjados e confrontados tanto entre si quanto em relação aos dados oriundos da pesquisa de campo. O panorama que afinal se descortina pode enfim se oferecer como uma verdadeira contribuição” (Silva, 1993, p.24).

Por fim, a integridade da vivência foi organizada em categorias de análise na pretensão de ilustrar e permanecer fidedigno à complexidade e riqueza da história compartilhada por nosso sujeito; permitindo seu desvelamento longitudinal, sobretudo simbólico, compreendendo os caminhos subjetivamente percorridos que possibilitaram a constituição de uma vivência fora dos moldes imperados pela norma binária ao sexo e gênero.

3.3 Eleição das categorias de análise para o pintar

A partir dos passos já apresentados anteriormente de acesso à vivência do sujeito desta pesquisa, emergiram as seguintes categorias, analisadas a partir da escola britânica de psicanálise, sobretudo de paradigma winnicottiano, em diálogo com a teoria *queer*.

Categoria I

Tons de rosa: infância e tempo de desencontros

Nessa categoria, houve o relato das primeiras vivências que demonstravam o desenvolvimento de um sujeito que caminharia por locais pouco trilhados no sentido de sua identidade de gênero. Discutimos nela os caminhos criativos em desencontro com o esperado socialmente.

Categoria II

Tons de azul: puberdade e tempo de inseguranças, sofrimentos e a descoberta de novos tons

Através dessa categoria, pudemos compreender o momento de descobertas afetivas e sexuais que trouxeram angústia por não ser compreendida na esfera pessoal, familiar e social. Questão fundamental para a elaboração dos conflitos sentidos por conta de uma condição sexual totalmente fora da norma binária ao sexo e gênero.

Categoria III

Tons de transgressão: adulez

A temática maior desta categoria foi o percurso para mudança de sexo e toda riqueza desse trajeto tão original da história de nosso sujeito, principalmente para a época em que aconteceu. Uma construção que em muito depende de desconstrução de barreiras binárias ao sexo e gênero.

Categoria IV

O abraço do tempo em cores do arco-íris

A adultez e velhice foram a temática desta categoria. Nela tivemos a oportunidade de compreender a vivência transexual longitudinal, abordando elementos e olhares de uma vida que continua abrindo possibilidades para o viver.

4 O PINTAR: nos horizontes da análise

Antes da análise, faz-se necessário apresentar um pouco da história de João Walter Nery.

João nasceu em 1950 no Rio de Janeiro. É reconhecido como o primeiro transexual MpH operado no Brasil, em plena ditadura militar, época em que este ato era considerado crime. Em 1984 publicou seu primeiro livro, “Erro de Pessoa: João ou Joana?”, em 2011 publica seu segundo livro “Viagem Solitária: memórias de um transexual trinta anos depois”, no qual recupera histórias e sentimentos de sua vida, desde a infância até a velhice, perpassando pela cirurgia de redesignação sexual.

João formou-se em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e especializou-se em Sexologia pelo Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia (IEDE). Foi mestrando em Psicologia da Educação pela Universidade Gama Filho (UGF), lecionou em três universidades e manteve consultório de psicoterapia, ainda com uma identidade social feminina.

Fez a mamoplastia masculinizadora e a pan-histerectomia durante a ditadura militar em 1977, vinte anos antes das cirurgias serem legalizadas. Aos 37 anos, assumiu a paternidade da gravidez de sua mulher e contou para o seu filho a sua própria história quando ele tinha 13 anos. Seu filho se casou e se formou em Engenharia Mecânica.

Após a cirurgia, por falta de uma legislação própria para a condição transexual e por sua iniciativa, João tirou uma nova documentação para poder se articular socialmente. Como consequência, perdeu todos os seus direitos sociais e civis anteriores, inclusive o currículo escolar e profissional, tornando-se socialmente um analfabeto (Nery, Coelho, & Sampaio, 2015).

Atualmente, com 67 anos, João passa por um tratamento de câncer no pulmão. Em uma publicação nas redes sociais divulgada pelo Jornal Extra em 25 de outubro de 2017²⁵, João atribuiu o câncer pelo uso de cigarros desde quando tinha 15 anos de idade. “Com a vida que eu tinha, desde a época que nem sabia que era trans, quando a discriminação era muita e o nível de ansiedade era alta, o cigarro era uma fuga”, diz ele.

Ainda nessa publicação, João fez questão de demonstrar sua força e vontade de viver, dizendo não se permitir ficar deprimido. Esclarece que se ausentará, fará o tratamento e voltará para continuar militando pelo que acredita.

4.1 Categoria I - Tons de rosa: infância e tempo de desencontros

João foi o “*terceiro e único filho*” de uma prole de quatro. Sua mãe “*dedicava-se ao magistério infantil com esmero, empregando os métodos didático-pedagógicos mais modernos*”. Seu pai, nas palavras de João, era “*comandante de avião, usava a farda mais linda e imponente que já vi*”. Na rotina familiar era a mãe que comandava:

(O pai) como eterno viajante, era também um eterno visitante - de quem tínhamos sempre saudades – e, conseqüentemente, desobrigado do chato cotidiano. Este cabia à mamãe, defensora árdua do direito de a mulher trabalhar fora. Resolvia tudo na falta do velho, desde as ordens para a empregada até a solução dos trâmites bancários.

Sempre atenta aos deveres, era mulher seca, econômica e coerente nos seus métodos educacionais. Com base nessa lógica, podíamos prever, exatamente, como iria reagir. Quando negava determinada coisa, sabíamos que a negaria sempre. Nada

²⁵ Recuperado de <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/trans-que-inspirou-gloria-perez-em-forca-do-querer-esta-com-cancer-no-pulmao-21989360.html>

variava conforme seu humor. Essa coerência nos dava segurança. Já papai era mais camarada, brincalhão e imprevisível (Nery, 2011, p.29).

Nessa fala introdutória em que João nos apresenta seu perfil familiar, é possível perceber a dinâmica de uma família nuclear em que a mãe era a responsável pelo cuidado dos filhos e seu pai, por conta do trabalho e seu pouco tempo de convívio com a família, obtinha uma postura mais amigável, menos comprometida com a tarefa de educar.

Ao ter na memória a figura de uma mãe “*coerente nos seus métodos educacionais*”, “*lógica*”, João compreende que a estabilidade e coerência emocional da mãe foram fatores importantes ao seu desenvolvimento emocional infantil. Essa é exatamente a função da segurança familiar compreendida por Winnicott (1965/2011) como fator fundamental que auxilia a criança a conhecer o mundo que aos poucos vai sendo expandido na medida em que é apresentado pela família. Por meio do estabelecimento dos limites, segundo Winnicott (1965/2011), os pais livram a criança do inesperado, criam as condições necessárias para que ela desenvolva a continuidade no tempo, a integração e a manutenção do estado de unidade, se desenvolva emocionalmente.

Para Winnicott (1971/1975) nesse estágio inicial do desenvolvimento, muito importante na medida em que constitui a base para todo o desenvolvimento posterior, o papel da família é oferecer total apoio e cuidado, assim como assegurar e estimular que a criança, ao passo do desenvolvimento, explore o mundo através do brincar, possibilitando que a criação de seu mundo interno a partir da realidade externa, “usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna” (p.85).

João, que até então ainda era Joana, “*adorava brincadeiras consideradas de menino*”, (Nery, 2011, p.34).

Sempre adorei dirigir. Aos seis anos, pedi um jipe ao Papai Noel. Uma semana antes do Natal, brincando na garagem da casa, dei de cara com um carrinho igualzinho ao que havia pedido. Fiquei alucinado! Saí correndo para contar à mamãe que havia chegado antecipadamente o meu presente! Engasgada, negou que fosse o meu. Deveria ser da criança que havia morado antes na casa. Desconfiado, fiz uma marquinha na traseira do jipe e no dia de Natal fui conferir. Lá estava ela!

O jipinho era movido a pedais, e fazia questão de manobra-lo exatamente como um carro normal. Levava um tempão para estacionar. E foi nessa que quebrei o aro do volante. Ficou só uma barra de sustentação, e não podia mais virar o corpo nas curvas. Lavava-o todos os dias, usando um pedaço de estopa com querosene, como papai fazia com o dele. Rodei até os 13 anos, quando as pernas não cabiam mais dentro do jipinho e tinha de coloca-las sobre o capô, com alguém empurrando.

Meu segundo veículo foi um navio. Ficava ancorado na parte de baixo da casa. Era um banheirinho pequeno e velho, com uma privada. Suas paredes eram cobertas de azulejos amarelinhos e rachados. Nessa época, eu tinha muita prisão de ventre. Para não me angustiar com a demora no banheiro, arranjei um jeito de ficar lá bastante tempo sem me entediar. Sentava no vaso, ou melhor, no banco da cabine do capitão, e tocava em determinados azulejos, sempre na mesma ordem. Depois esticava o pé e batia em alguns no chão. Segurava então o pino que trancava a janela, torcia-o duas vezes para a direita, tornava a largar, esticava a mão para cima, puxando o apito do navio, que era a válvula, e pronto: começava a se locomover.

Outra pilotada era na Vemaguet do papai, uma caminhonete 1959. Virava avião, ônibus ou navio, conforme a vontade (Nery, 2011, pp.29-30).

Tudo isso era encarado como diversão, brincadeira, fazia parte do jogo entre fantasia e realidade comum na infância, elemento que mesmo oportuno para seu desenvolvimento, na sua época era pouco comum que a família concedesse a abertura para que uma menina brincasse com brinquedos tidos como “para meninos”.

Brinquedos e brincadeiras não possuem gênero, são apenas instrumentos que possuem na função do brincar sua maior finalidade para o desenvolvimento humano. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (Winnicott, 1971/1975, p.88).

Para uma aproximação à ideia do brincar, é útil pensar na *preocupação* que caracteriza o brincar de uma criança pequena. O conteúdo não importa. O que importa é o estado de quase alheiamente, aparentado à *concentração* das crianças mais velhas e dos adultos. A criança que brinca habita uma área que não pode ser facilmente abandonada, nem tampouco admite facilmente intrusões.

Essa área do brincar não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo.

A criança traz para dentro dessa área da brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança põe para fora uma amostra do potencial onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa (Winnicott, 1971/1975, p.85).

Não apenas as brincadeiras e brinquedos "de meninos" chamavam a atenção de João, mas também tudo o que fazia parte do constructo relacionado ao gênero masculino. João identificava-se principalmente com o pai, repetindo seus gestos e comportamentos, mas

também se identificava com outras figuras masculinas de seu convívio, como o agregado da família, seu Sebastião:

Homem humilde, pintor de paredes, morava na parte coberta da garagem. Tornou-se um agregado da família, fazendo pequenos serviços para retribuir a moradia gratuita: consertava o ferro elétrico, pintava a casa ou lavava o carro.

Fascinava-me sua engenhosidade simples e criativa. Observava-o no seu pequeno e organizado alojamento. Construiu prateleiras, onde guardava pequenos objetos: o copo com a escova e a pasta, a saboneteira - encaixava ao lado - , um pacote de biscoitos, que me impressionava porque nunca acabava – tinha comedimento para guloseimas, coisa que eu não entendia.

A família tinha ficado na terra natal. Enviava um dinheirinho quando podia. Seu bom humor era constante. Quando chegava, ligava o rádio. Ficava na garagem, sem perturbar ninguém. A única coisa que me enchia o saco era me tratar por “senhorita”. Embora pudesse compreender que era assim que manifestava seu respeito, sentia-me tremendamente incomodado.

Numa terça-feira chuvosa, em que não tinha nada para fazer, tentei encarnar a figura de seu Sebastião. Aproveitei sua ausência, entrei em sua “casa” e repeti ritualmente o que ele costumava fazer. Deitei-me em sua cama, liguei o rádio e fiquei olhando um tempão para o teto. Achei cansativo. Ensaboei o rosto (ele não usava creme de barbear) e raspei-o com o aparelho que estava em cima da pia. Em seguida, lavei-o e pentei o cabelo. Segurei o pente com as duas mãos, do mesmo jeito que ele (Nery, 2011, pp.37-38).

Outra figura de um entusiasmo performático do gênero masculino foi um colega da escola, Carlos Alberto, dele João copiava o modo de se pentear, o garoto tinha um topete que João invejava, “*ele virou a espécie de um ídolo para mim. Passei a usar, igualmente, goma no cabelo e a fazer um topete duro*” (Nery, 2011, p.39).

Tais embrionárias memórias afetivas nos sugere que, mesmo apenas querendo simplesmente brincar, imitar os garotos e homens mais velhos, sua história de vida não corresponde à moda estatística e desvela aspectos originais, até certo ponto, frente os performáticos papéis de gêneros nos quais João internalizava a partir da relação com sua família e o *ethos* cultural na qual estavam inseridos.

Geralmente, crianças adoravam ganhar roupas novas nos dias de festa. (Eu) entrava em pânico quando mamãe nos carregava para a costureira. Relutava. A única coisa que conseguia reivindicar era que, pelo menos, o vestido tivesse gravata e bolsos. Mamãe não entendia ou fingia não entender. -Mas, minha filha... - e eu consertava mentalmente para “meu filho” -, é tão bonitinho esse modelinho! Toda vez a mesma coisa. Você acaba me aborrecendo. Que mania de gravata! (Nery, 2011, p.32).

Conforme crescia, João considera que se afastava da zona de conforto oferecida pela “*licença da infância*” e, aos poucos, as exigências para “*virar mocinha*” foram aumentando, com a imposição de não poder se comportar tal como gostaria, a partir de sua identificação com o gênero masculino. No contexto intrafamiliar, as contradições ao gênero começavam a aparecer e João era perspicaz em percebê-las:

Apesar da minha vivacidade, do casarão, das três irmãs movimentando o ambiente, fui uma criança só e triste. Na pracinha, perto de casa, onde costumava brincar, era ridicularizado. No colégio, não tinha grupinhos e, em casa, não era compreendido. O que gostava nunca podia ser claramente expresso. Numa espécie de revolta, cansado de dissimular, andava sujo, com roupas largadas e despencadas. Quando podia, não penteava os cabelos nem escovava os dentes. Era um ser sem vaidade. Só me sentia bem quando de shorts e camiseta. Não compreendia o fato de ser obrigado, nas refeições, a colocar a camisa para sentar à mesa, enquanto papai estava livre para fazer tal opção. “Será porque era o dono da casa?” Preferi pensar assim. Meu sentimento em relação a papai era ambivalente. Eu o adorava, mas, ao mesmo tempo, ficava decepcionado porque não me incentivava a imitá-lo em nada. No dia em que lhe contei que gostaria de ser piloto, ele respondeu:

- Aeromoça é uma péssima profissão (Nery, 2011, p.32).

Por ter nascido com vagina e demais órgãos internos e externos correspondentes ao sexo feminino, João foi precipitadamente reconhecido enquanto menina, como Joana. A lógica heteronormativa, reducionista e compulsória segundo Butler (1990/2003), estabelecendo um padrão entre o sexo biológico, a identidade de gênero e o desejo afetivo e sexual, demandava de João um posicionamento de sonhar apenas a partir da parcela correspondente aos sonhos e papéis do gênero feminino, todo um modelo do “ser mulher”- mesmo sendo ainda apenas uma criança- no qual João não se identificava e se distanciava ainda mais conforme a pressão para ser Joana aumentava, a ponto de provocar sofrimento.

Esse é o sofrimento “vindo de fora” compreendido por Porchat (2014a, p.119), o sofrimento criado a partir de um mundo binário, que desde as mais simples relações e discursos humanos, dissemina, reforça, valoriza papéis e todo um aparato pronto e

determinado ao sexo e gênero, do comportamento ao desejo, perpassando por toda vivência afetiva e sexual de um modo geral.

Em resposta a esse mundo binário, o pai também começava a não incentivar mais que Joana o imita-se. Isso era decepcionante para João. Aeromoça, para a época, realmente não era uma profissão estimada. Assim como ser piloto enquanto mulher não era nem uma possibilidade considerada pela aeronáutica. Entretanto a questão não era essa, o que entristecia João era o fato de não ter seu desejo acolhido, nem mesmo o profissional, não ter sua potencialidade criativa reconhecida.

Para Winnicott (1965/2011) a criança possui um impulso criativo que deve ser correspondido pelo seu ambiente familiar, ou então corre o sério risco de desaparecer. O sucesso dessa vivência criativa depende da aceitabilidade do ambiente às necessidades da criança. O impulso criativo de maior força, que temos condição de compreender perante a história escrita de João, é sua espontaneidade ao brincar e comportamento para além do esperado dentro da norma binária ao sexo e gênero, que mesmo em pequenos gestos, inicialmente foram correspondidos por seus pais pelo simples ato de permitir que João brincasse, mas que, aos poucos, devido às possibilidades culturais de sua época, foram colocados no patamar da reprovação.

Certa vez, na pracinha perto de sua casa, local em que brincava com os amiguinhos do bairro, João estava caminhando com sua mãe quando alguém gritou “*Maria-homem! Maria-homem!*” (Nery, 2011, p.34). Foi um momento de muita angústia, pois não queria e não estava preparado para entrar em contato com essa provocação, ainda mais por estar acompanhado de sua mãe. João relata que sentiu vergonha e tristeza. “*O bolo na garganta cresceu. Tentei segurar as lágrimas, que teimavam em sair. Abaixei a cabeça. Não voltei mais à pracinha*” (Nery, 2011, p.34).

João não se sentia compreendido por ninguém, realmente sua espontaneidade era pouco aceita e reconhecida. Pelo contrário, com o passar dos anos, conforme estendia seu mundo ao convívio extrafamiliar, despertava estranhamento às crianças que já tinham internalizado a norma binária ao sexo e gênero. João não, sua expressão de gênero não podia ser enquadrada tal como a maioria, fazia-se um novo nuance de tons nunca antes enxergado, que causava estranheza aos outros e sofrimento a João.

Havia um abismo entre como me viam e como me sentia. Adorava brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado. Gostava de me vestir como os garotos, tentando rivalizar com eles. Era ignorado. Tremia e me apaixonava pelas meninas, mas era impedido de me declarar. Meus sonhos eram ser um super-herói, mais tarde casar com uma princesa e ser pai. Era incompreendido. Passei então a esconder meus sentimentos e minhas aspirações (Nery, 2011, p.34).

As brincadeiras foram sendo limitadas ao quintal de sua casa, perderam a tonalidade colorida, a diversão, seus gestos criativos não foram reconhecidos em prol ao que deveria ser, seguindo a regra imperdoável e impermeável do binarismo ao sexo e gênero.

Contudo, seu desenvolvimento prosseguia. Aos sete anos, João relata sua primeira paixão:

Foi uma coleguinha de turma, com cara de índia. Tímida e com um jeitinho que me desajeitava todo.

Minha paixão se resumia em olhá-la. Absorver o frenesi da proximidade, fosse na fila da entrada, fosse na carteira da sala. Descobrir do que gostava para agradá-la. Ser sobrinha de uma das professoras do colégio a tornava mais importante. Nessa

época, a escola ainda não era meu escritório, mas, por causa do súbito amor, passou a ter um novo brilho (Nery, 2011, p.39).

Para Winnicott (1988/1990) o alcance da capacidade aos relacionamentos interpessoais para além da relação com a família é indício de desenvolvimento emocional saudável e diz respeito ao cumprimento da função familiar de fornecer as bases para que a criança se desenvolva ao ponto de avançar ao relacionamento com outros.

Ainda que a existência do ambiente doméstico seja muito importante neste estágio, não é essencial, apesar de tudo. Talvez seria melhor dizer que ele se torna gradualmente menos essencial, à medida que o tempo vai passando e a criança se torna capaz de usar situações triangulares substitutas²⁶, nas quais poderá extravasar e exaurir a dimensão total dos sentimentos dos quais ela é capaz (Winnicott, 1988/1990, p.174).

Assim como a família, a escola representa um local que possibilita significativas experiências para o desenvolvimento e também é responsável pela transmissão da cultura, influenciando o entendimento das crianças acerca do mundo, valores e normas sociais, sendo então um ambiente adequado e indispensável para o investimento de diálogos acerca da afetividade e sexualidade. No período vivido por João, não havia a possibilidade de se pensar a escola, muito menos a universidade, como o *lócus* para a reflexão acerca de uma educação

²⁶ Situações triangulares em um primeiro momento pode trazer uma conotação edípica e normativa à relação da criança com seus cuidadores principais, entretanto, a obra de Winnicott no que se refere ao complexo de Édipo obtém alguns pontos distintos da compreensão original de Freud. O que nos interessa é a ênfase de Winnicott (1988/1990) para a relação humana e afetiva entre a criança e seu ambiente, a contínua oferta de cuidado, um ambiente doméstico saudável para que a criança se sinta segura para brincar, sonhar, criar, tornar-se capaz de tolerar a frustração e avançar ao relacionamento interpessoal com outras pessoas além de seus cuidadores. Assim como considera Dias (2003): a questão central na situação edípica por Winnicott não é a ameaça de castração, mas, “pela instauração da realidade, uma legitimação da potência da criança” (p.289).

emancipatória e sexual. Entretanto, na contemporaneidade, é aspecto importante e amplamente debatido (Zerbinati & Bruns, 2017), que mesmo podendo contribuir para minimizar o sofrimento, angústia, indagações e exclusão de outros tantos Joãos e Joanas, tanto no contexto intrafamiliar quanto extrafamiliar e institucional, é, ainda, elemento silenciado em muitas escolas, assim como demonstra Brancaleoni e Oliveira (2015).

Inevitavelmente, a escola oferece um importante local para que as primeiras oportunidades da construção de vínculos sociais fora da família sejam vividas. Na história do pequeno João, mesmo com algumas dificuldades e momentos de exclusão no grupo, a possibilidade de fazer dessa experiência oportunidade satisfatória para socialização demonstra elementos saudáveis do desenvolvimento emocional, assim como nos convida a prosseguir a próxima tonalidade de sua vivência.

4.2 Categoria II - Tons de azul: puberdade e tempo de inseguranças, sofrimento e a descoberta de novos tons

Ao observar a vivência de uma criança que começava a reconhecer e compreender o mundo dividido entre polos muito bem delimitados ao gênero, um mundo cheio de rótulos em que a criação além das fronteiras rígidas era muito pouco correspondida e valorizada pelo ambiente familiar e extrafamiliar, como foi possível compreender em “Tempos de Desencontros”, destaca-se a vitalidade de João para viver conforme seu próprio desejo. Será possível viver de modo minimamente genuíno nesse contexto com o passar da infância? Essa foi a história analisada a partir daqui.

Dona Arthalides era nossa velha professora. Boa e dedicada, poderia ter se aposentado havia alguns anos. Mas continuava firme em sua missão, por verdadeira

vocação. Não tinha um seio por causa de um câncer. Em substituição, usava uma espuma num lenço, pois na época não existia silicone nem próteses sofisticadas. Eu perdia metade do que ela dizia em sala, observando se os dois seios se mantinham simétricos. Um dia, ficou nítida a diferença. Sem que ela percebesse, o peito posição escorregou e ficou peto da cintura. Senti uma pena mesclada com a curiosidade de ver de perto aquele sobressalente (Nery, 2011, pp.39-40).

João se identificava aos papéis de gênero de uma maneira única, diferente da esperada por todos, propondo movimento, menos enrijecimento às normas afetivossexuais. E então, talvez, um gênero com potencial criativo e transgressor, na medida de suas possibilidades, à heterossexualidade compulsória compreendida por Butler (1990/2003). Desse modo, desde muito cedo João era curioso quanto a possibilidade de uma identidade ao gênero não binário. Qualquer comportamento que transgredisse a norma para o sexo e gênero lhe causava intriga, como o corpo de *Dona Arthalides*. É como se a existência de uma mulher sem seios representasse uma abertura para a possibilidade de um corpo e de uma identidade de gênero além dos padrões cisheteronormativos. Em última análise: a validação para um homem sem pênis.

Infelizmente as coisas não foram tão simples assim.

Fui crescendo sem saber exatamente o que havia comigo e como tudo acabaria. Mas era patente que, toda vez que eu aparecia, uma confusão se formava.

Percebi, então, que o “sem sentido” e o “sem valor” da minha angústia me tornavam um estrangeiro neste mundo tão cheio de categorias. A ironia era precisar de um rótulo, do que todos tentam fugir (Nery, 2011, pp.44-45).

João foi crescendo sem saber o que havia de “errado” com ele. O mundo cisheteronormativo é impiedoso aos que dele querem fugir. Assim como o sofrimento “vindo de fora”, há um “sofrimento vindo de dentro”, que atinge quem não apresente uma coerência entre o sexo anatômico, a identidade de gênero, o desejo e a prática sexual, pois “são excluídos da matriz de inteligibilidade e se tornam um gênero não inteligível”, uma esfera do abjeto, são jogados fora, deixam de existir até mesmo enquanto sujeitos (Porchat, 2014a, p.120).

O padrão ao gênero já está fechado e não aceita novas produções. Os sujeitos não-inteligíveis ao sexo e gênero pertencem ao limbo. O horizonte do abjeto somado ao momento da adolescência em que o sujeito, trans ou cis, está em um latente processo de constituição, em uma energética busca pela descoberta pessoal, “ser alguém em algum lugar” como dimensiona Winnicott (1984/2005, p.123), pode desencadear ainda mais sofrimento e sentimento de não pertencimento.

O sofrimento transexual dimensiona a força quase que terrorista para uma consonância esperada entre o genital de nascimento, a expressão e identidade do gênero e a orientação do desejo. Para se tornar sujeito é preciso existir conforme uma regra e uma regra inclusive corporal e de gênero, que leva uma grande parte dos sujeitos, cis ou trans, a abdicarem de um potencial criativo ao sexo e gênero para viver dentro das possibilidades inteligíveis de expressão sexual.

Sabia não possuir um pinto tão grande como o dos outros meninos da minha idade. Mas alimentava a esperança de que ainda crescesse. Deitava na cama e ficava puxando o meu “pinto”, para ver se aumentava. Ao acordar, a desilusão! Tudo continuava na mesma. Aos poucos fui sentindo vergonha do meu corpo. Não ficava nu

diante de ninguém. Era como se tivesse um defeito físico, um aleijão. Não trocava mais de roupa na frente das meninas e me envergonhava quanto o inverso ocorria.

Muito pequeno, tomava banho com Van (sua irmã mais nova). Ensaboávamos no chão do banheiro e ficávamos deslizando de barriga para baixo, de um lado para o outro. Depois, por exigência minha, passamos a fazê-lo de calcinha, embora o atrito do pano no piso dificultasse a brincadeira. Havia certo cuidado para que a peça molhada não grudasse no meu corpo, não o delineasse nem mostrasse a lisura frontal. Era como se quisesse dizer a todas as pessoas que o meu físico não era quele, ou melhor, fazê-las entender que meu corpo mentia contra mim (Nery, 2011, p.33).

(...)

Ouvia dizer constantemente que, quando entrasse na adolescência, me tornaria uma mocinha. Só de escutar essa palavra, sofria um baque. Soava como uma punhalada na minha impotência. Não poderia fazer nada para evitar essa terrível sina. Isolava-me num canto, num choro perdido de criança desamparada.

Apesar de não querer acreditar, o fato se tornou categórico. Depois dos 12 anos, não haveria mais saída, diziam-me todos. Essa tinha sido a idade escolhida para o término da infância.

Quando completei o 12^a aniversário, não quis nem acordar. Seria meu último dia de Peter Pan. No outro, já deveria ser uma moça. Que massacre!

Não me lembro o que aconteceu depois. Só sei que vivi numa angustiante expectativa de quando isso iria realmente acontecer.

A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira “monstruação”. A ideia de quilo ter vindo de dentro de mim me repugnava, Evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente, não podia ver.

A dose foi cavaluar. Acompanhando a monstruosidade, os seios insistiam em nascer. Aí foi demais! Como se já não bastasse todos me tratando no feminino, não entenderem minhas vontades, não poder fazer nada do que os outros meninos faziam, ainda tinha de aguentar o que me brotava do corpo, à revelia.

As evidências do meu próprio corpo me obrigavam a ser visto como uma mulher (Nery, 2011, pp. 46-47).

(...)

Minha crise corporal foi dolorosa e confusa. Ao mesmo tempo que meu corpo era eu, também não o era. Quando tomava banho, por exemplo, sentia que não dava banho em um corpo estranho, mas em mim, queria me sentir limpo. Quando havia um machucado, tratava dele, poderia ser até com uma postura de médico, mas com a finalidade última de ficar bom. A própria gesticulação – os trejeitos das mãos e do rosto – transmitia o que sentia e queria dizer. No entanto, era por intermédio desse mesmo corpo que as pessoas me confundiam com uma mulher!

Comecei a fazer ginástica sozinho, já que não existiam as academias. Adquiriti uma boa musculatura, chegando mesmo a uma grande desproporção entre os ombros largos e os seios. Senti-me mais integrado ao meu corpo. Ao me olhar agora no espelho, esforçava-me para só ver o que me envaidecia. Uma vez, experimentei colocar dentro das calças um objeto cilíndrico, para sentir a prazerosa sensação de ter um pênis grande. Deleitei-me por uns instantes, até pressentir que, se não tirasse imediatamente, iria cair numa profunda depressão, por saber que aquilo era um objeto artificial, que não me pertencia e que não podia comandar, o qual em breve sairia dali para ir novamente para cima do móvel! Às vezes, algo me impulsionava a recoloca-lo, mas a consciência da realidade e a dor do ridículo predominavam, e não o fazia. Daí ter mantido por muito tempo a posição de que jamais usaria nada

artificial para o ato do amor. Teria de me virar com meus próprios recursos. Queria que, no dia que acontecesse, fosse tudo muito natural. Mas como se o “desnatural” estava em mim carimbado? (Nery, 2011, p.52).

João sofria por adentrar ao discurso regulador do sexo e gênero sem a possibilidade de abertura criativa além da inteligibilidade. Com isso, qualquer representação do considerado como “feminino” era tudo o que João não podia se aproximar e o sofrimento foi gigante quando seu corpo se impôs, como sua primeira “*monstruação*”, pois esse corpo biológico era compreendido, indiscutivelmente, como um corpo de mulher.

Existia uma cobrança interna que é a resposta sem possibilidade de crítica à sociedade que cedo ou tarde demandavam um posicionamento “normal”, recaindo novamente na essência natural ao gênero, muito distante de uma constituição desde a infância enquanto “coalizão aberta” (Butler, 1990/2003, p.37). A força performática para começar a se portar como “mulher” era vivenciada com muita angústia e a obrigação externa para ser “mulher” despertava uma obrigação interna para ser “homem”, seguindo o modelo pronto e cisheteronormativo, algo distante de um si-mesmo espontâneo.

A menstruação, os seios, o corpo de um modo geral impunham a João um conteúdo e um papel pronto para ser seguido. Na tentativa de confrontar o corpo de características femininas, na necessidade de responder a partir do esperado para o gênero masculino, a dificuldade inicial para encontrar caminhos criativos fizeram com que João passasse por vivências de extremo sofrimento, se distanciando do mundo e de si-mesmo.

Winnicott (1971/1975) analisa o processo para constituição de si-mesmo como a origem da sublimação, fundamental enquanto ato criativo. Assim como organiza McDougall (1983), a criação erótica e sexual diferente do modelo heteronormativo pode ser compreendida como um fenômeno que emana do ato criativo, obtendo relação ao ato

artístico. Tanto o movimento de criação sexual, quando o artístico, ambos possuem em comum a coragem para ir além do observável e do culturalmente concluído, transgredindo para fazer ouvir o desejo.

Pelos caminhos da compreensão naturalizante para o sexo, gênero e desenvolvimento psicosexual enquanto algo rígido, seria muito fácil jogar o desejo apresentado por João e seu sofrimento no enquadre da perversão ou psicose. Entretanto, a lucidez e a história integral de João nos faz poder pensar em outros caminhos, como compreende Arán (2006):

Diante dos dispositivos da sexualidade tão bem definidos na modernidade por meio da naturalização de sistemas normativos de sexo-gênero, como também da naturalização do sujeito do desejo, a transexualidade será sempre excluída das possibilidades subjetivas consideradas normais e legítimas. É necessário, portanto, certo estremecimento destas fronteiras excessivamente rígidas e fixas — tais como as do simbólico e das estruturas de poder — para que a transexualidade possa habitar o mundo viável da sexuação e sair do espectro da abjeção, seja como transtorno de identidade de gênero, seja como psicose. Desse modo, estaremos mais livres para compreender as diversas formas de identificação e de subjetivação possíveis na transexualidade (p.59).

O mundo binário leva ao sentimento de inadequação aos sujeitos fora dos padrões inteligíveis. O sentimento de inadequação, algumas vezes, leva muitas pessoas transexuais até a necessidade de se enquadrar em outro gênero, dentro de um determinado padrão estabelecido. A história de João transmite sua angústia e a impossibilidade de reconhecer seu corpo, sua identidade, por não haver referência além do modelo corpo/sexo/gênero. O

caminho cisheteronormativo era o único conhecido, logo o ideal a ser sonhado e a promessa para enfim ter seu sofrimento amenizado, ter um lugar para chamar de seu.

4.3 Categoria III - Tons de transgressão: adulez

João sofreu por não se encontrar em lugar algum, suas palavras desvelam a dimensão de seu sofrimento e a coragem de não seguir caminhos ilusórios, mas uma realidade dolorosa que pela dor poderia ser significada:

Como uma máquina que não para, necessitava estar sempre ativo, entretido com algo, para não viver o drama tão intensamente. Parado, facilitava que fantasias catastróficas brotassem facilmente, vestindo-me então com um manto de autocomiseração. Movimento por um conturbado e ambíguo sentimento de autodestruição, com a necessidade de reagir ao reflexo do meu corpo desnudava-me diante do espelho. Algo me dizia que precisava ir ao fundo do poço, sem esquivas. Não temer nem a minha própria voz. Lúcido da minha insatisfação, como um alter ego, abria um diálogo entre mim e aquela imagem no espelho, numa provocação impiedosa.

Seu castrado! Gritava, contorcendo-me todo. Ninguém melhor do que eu para poder dizer do doído que sentia, sem escamoteações. Precisava me enfrentar. Ver-me nu, com os defeitos ali expostos, sem escudos para conseguir combater a pusilanimidade que me tomava por completo. – Vai, continue fantasiando, tapeando a si próprio por migalhas de aplausos. Jamais será uma mulher como as outras! (Nery, 2011, p.61).

João era algo original, ainda não nomeado. Realmente não poderia ser uma mulher como as outras, nem um homem como os outros, e tudo bem não o ser, afinal ninguém é. É possível compreender que o modelo ideal do que é ser homem ou mulher é uma ilusão. É uma ilusão acreditar em uma substância do ser, como explana Butler (1990/2003). Todo ser humano, contudo, é convidado a descobrir suas potencialidades em trânsito ao conhecido para uma criação erótica, sexual, criativa, subjetiva, entranhada no mais ancestral desejo. É um movimento de criação que requer coragem para ir além do culturalmente pronto, um caminho rumo a si-mesmo, muitas vezes solitário, no escuro, mas um verdadeiro caminho tendo o desejo como guia.

Todavia, a cisheteronormatividade impossibilitou que o impulso criativo ao gênero apresentado na infância e na adolescência de João pudesse ser legitimado, acolhido e correspondido. O binarismo ao gênero e ao sexo faz com que o modelo ideal do “homem verdadeiro” seja muito difícil de ser rompido, até mesmo por João. Houve a exigência de um longo, sofrível, mas possível tempo até a maturidade.

Aos 19 anos, ingressei na faculdade. Acabei optando por Psicologia, pois os labirintos da mente me atraíam. Entrei com a garra de qualquer calouro que pensa um dia se tornar famoso.

A instituição me fascinava. Dessa vez não precisava usar uniforme com saia, nem chamar os professores de senhor. Podia até matar aula no próprio pátio, na cara de todo mundo. Tornei-me um aluno brilhante. Lia desesperadamente, querendo recuperar o tempo perdido. Estudava matérias que me interessavam, assuntos extracurriculares e teorias acerca da sexualidade. Por meio das pesquisas de antropólogos culturalistas americanos, descobri que a conduta sexual humana é

determinada e padronizada de acordo com a própria cultura e, por essa razão, pode apresentar múltiplas variações.

No ambiente liberto e emancipado da universidade, tornei-me mais seguro e capaz de não dissimular tanto o que sentia. Estávamos entrando na década de 1970. A moda agora permitia a maneira unissex de se vestir, o que um grande alívio. Pouco a pouco fui tornando minha figura mais ambígua, embora isso ainda incomodasse muita gente (Nery, 2011, p.71).

No mundo vivido de João, a faculdade foi um momento importante para o florescer cognitivo e para compreender teoricamente a relação entre a sexualidade, a cultura e sua própria vivência. Também foi um momento oportuno para a construção de novos vínculos, alguns muito duradouros e significativos.

O conhecimento, assim como compreende Zimerman (2010, p.151) é considerado uma função psíquica que faz a mediação entre o pensamento e a realidade, algo como “dar ordem ao caos”, muito parecido com a função da segurança familiar descrita por Winnicott (1965/2011), relacionada aos primeiros anos de vida da criança, possibilitando ordenar uma desordem também interna que possibilitará o agir sobre o mundo e transformá-lo. Após a dependência total em que o ambiente deve proporcionar total adaptação à necessidade do infante, essa adaptação total vai sendo aos poucos desnecessária e a desadaptação traz movimento cognitivo. É então que o intelecto começa explicar, admitir e antecipar a desadaptação e transforma a desadaptação em adaptação total novamente (Winnicott, 1988/1990).

Em termos evolutivos da humanidade, no início, o homem precisava de crenças e de verdades acabadas, sob a forma de mitos e preceitos religiosos, a fim de

apaziguar, sob a angústia diante do desconhecido e do caos. Com o advento da filosofia, começou uma inquietude no sentido de conhecer as verdades relativas aos mistérios da *cosmogonia* (origem e formação do mundo), do nascimento, vida e morte, etc. Os filósofos e os incipientes cientistas induziram a que os homens, em determinados momentos, não ficassem simplesmente conformados e apáticos e que, pelo contrário, fossem capazes de “reintroduzir o caos”, para exercitar o uso da capacidade para pensar, a fim de criticar verdades já sedimentadas e insatisfatórias, abrindo dúvidas e incertezas quanto ao “já conhecido”, ou seja, buscando novos conhecimentos (Zimerman, 2010, pp.151-152).

Este seria o caminho que João começaria também a percorrer, desenvolvimento cognitivo possível graças às suas experiências na infância de poder incorporar a formação de núcleos básicos de confiança, podendo então, nesse momento, construir o valor de um amor ao conhecimento, assim como sua mãe professora e seu pai militar.

As relações afetivas, os vínculos, aparecem de modo muito significativo na história de João, que se envolvia e compartilhava experiências afetivas com familiares, amigos e companheiras sempre com muita delicadeza e esmero. Tal como compreende Zimerman (2010), vínculo é aspecto humano fundamental para o desenvolvimento da personalidade, pois “o ser humano constitui-se sempre a partir de um outro”. A qualidade vincular do jovem e do adulto demonstra como foram as primeiras relações vinculares importantes do bebê, fixadas na mente do bebê e que, quanto mais significativas e primitivas, mais refletirá na possibilidade interna para novos vínculos.

Do vínculo do conhecimento ao vínculo erótico, João descobria na universidade um novo mundo para ser vivido.

Sempre na tentativa de compensar o choque que causava, tornei-me um excelente colega. Conversava com todos e dava cola nas provas. Ninguém podia negar a minha contagiante simpatia. Fui eleito representante de turma e reivindiquei a favor dos menos privilegiados. Como estávamos sob um regime ditatorial, a diretoria da faculdade fechou o diretório acadêmico (Nery, 2011, pp.71-72).

(...)

Esmolava aceitações. Vivia à sobra de um estigma de solução ignorada. Assim caminhava: com uma tristeza de valente alegria. Alheado do que sabia por não saber o que era.

Carregava um infecundo viver de esquivas. A sátira pungente de me sentir um homem eunuco, sem a permissão da deformação!

Como me entregar ao amor com este corpo tão sem consenso, pleno de mutilações?

Já não esperava mais, quando, finalmente, pude brindar este anelo tão desejado.

Dolores tinha a mesma idade que eu e era da mesma turma na faculdade. Transpirava sensibilidade por todos os poros. Uma mulher bonita, pequena e com o dom do movimento. Traços do rosto um tanto exóticos, seios pequenos e rijos e uma jovialidade que a tudo contaminava. Enquanto conversávamos, puxava da bolsa qualquer pedaço de papel para rabiscar seus croquis. Ensinou-me uma nova maneira de ver a realidade. Não através do evidente sol, mas pelo esboço das sombras que os objetos projetavam. Trabalhava no Museu Nacional da Quinta, desenhando a bico de pena, no microscópio, hemípteros, uma classe de insetos.

Nosso relacionamento se tornou uma densa mistura. Começou no dia em que me deu para ler um calhamaço de poemas seus. Fui descobrindo aos pouco o ser maravilhoso que era. Quando me dei conta, estava apaixonado.

(...)

À medida que mais me envolvia, surgiu a necessidade e querer me certificar de como era visto por ela. O velho problema de talvez a estar atraindo não como homem, mas pelo meu deformado corpo de mulher. De uma forma ou de outra, sondava essa dúvida. Não queria uma mulher homossexual, mas alguém tão hétero a ponto de desejar somente homens, que fosse capaz de ter a ilusão, até física, de estar diante de um. Essa necessidade foi se tornando cada vez mais primordial e talvez tenha sido a minha maior cruz e burrice da vida (Nery, 2011, pp.73-74).

(...)

Paulatinamente, foi assumindo um papel ativo na relação. Em decorrência, surgiu um entrave com as barreiras sociais. Não podia demonstrar minha afetividade na rua nem em casa. Era obrigado a mentir, para sair com Dolores. Mamãe costumava dizer, em tom malicioso, que me “fixava” em determinadas amigas. Para acabar com essa farsa, resolvi abrir o jogo. Armei-me de coragem, chamei mamãe ao quarto. Pedi que se sentasse e me ouvisse, sem me interromper.

-Mãe, o que preciso dizer não é algo inteiramente novo. Você me conhece bem desde criança. Lembra que, aos nove anos, e levou a uma psicóloga porque eu me sentia um menino? Pois é, antes disso já me via diferente. Durante minha vida inteira gostei de meninas. A doutora analisou isso como uma conduta puramente imitativa de papai, mas sinto que sou mais do que um macaquinho. O fato é que, hoje, gosto de Dolores...

Dei uma paradinha, mas não tive coragem de encará-la. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, continuei:

-Há algum tempo que estamos juntos. Se lhe conto tudo isso, é porque não suporto mais esta situação de hipocrisia aqui em casa. Não faz meu estilo mentir e continuar a dissimular um fato que é tão importante para mim.

Nesse momento, mamãe não aguentou e replicou energicamente:

-Mas, minha filha, o que você sente por “esta mulher” é uma amizade! Amor, a gente sente por homem! (Nery, 2011, p.75).

Após mais algumas conversas e um tempo necessário de elaboração, por fim a mãe de João aceitou a presença de Dolores na casa e também fez a mediação com o pai de João. “O velho nunca se manifestou a respeito” (Nery, 2011, p.77). O apoio compreensivo é esperado e existente na maioria das famílias de um modo geral, como nos transmite Winnicott (1965/2011, p.132): o apoio familiar acontece, “pois a norma é a existência da família e de pais que se sentem responsáveis e apreciam essa responsabilidade com que são investidos”. Entretanto, esse apoio está indisponível em muitas famílias com filhos LGBTs, que obtêm dificuldade e até mesmo a impossibilidade de compreender enquadres para além do normativo em termos afetivos e sexuais, reagindo, algumas vezes, de modo agressivo e destrutivo frente à identidade de gênero ou orientação sexual dos próprios filhos.

Na família de João, como de costume, o que sobressaiu ao final foi o posicionamento compreensivo. O discurso que adentrava o contexto familiar até aqui era o homossexual, porém o maior sofrimento de João não estava relacionado ao seu desejo afetivo, mas sua identidade de gênero que sempre lhe causava um sentimento de inadequação, inclusive no relacionamento sexual. Havia corriqueiramente o entendimento da existência de uma falta e a cobrança por uma coerência idealizada da cisheteronormatividade, às vezes no plano da fantasia de João, outras vezes claramente posto pelo discurso da parceira:

Quando era solicitado a me colocar numa posição “de receber”, sentia-me ameaçado, como se confundido com uma fêmea. Esvaziava-se então a excitação sexual. Daí a necessidade de ter uma mulher dócil, feita para a entrega (Nery, 2011, pp.77-78).

Algumas companheiras sexuais lembravam-no da falta do pênis ao desejar uma penetração que João não se sentia confortável em proporcionar por associar penetração com pênis. Quando sua parceira dizia “*entre dentro de mim*”, não necessariamente estava dizendo “penetre-me com seu enorme pênis”, mas era assim que João compreendia.

A falta do pênis era um fantasma que atormentava João, ao mesmo tempo em que a cobrança social por se portar como “mulher” levava-o ao limite para a loucura, posicionando-se por vezes de modo muito distante a sua sensibilidade comum, para seguir a fórmula da masculinidade ideal e ilusória que precisaria ser quebrada, desidealizada, desidentificada²⁷.

Havia duas forças que atuavam e que começavam a se modificar: uma resultante dos meus próprios desejos e esperanças; outra “induzida” socialmente para ser mulher. Na minha infância e adolescência, embora meu desejo correspondesse aos valores masculinos, a fronteira que me separava deles era praticamente intransponível. Por isso, destruía imediatamente toda e qualquer esperança de realização. Ia me bastando com a fantasia. Tornar-me um homem de verdade era um sonho irrealizável. Daí, minha ansiedade ter crescido à medida que, aperfeiçoando-me no vestuário e na postura masculina, sendo tratado e confundido como tal, a barreira parecia se enfraquecer (Nery, 2011, p.130-131).

²⁷ Essa questão será mais bem discutida à frente, após uma maior explanação do mundo vivido de João.

João obtinha o que atualmente se chama “passabilidade”, ou seja, mesmo ainda sem nenhum tratamento hormonal ou cirúrgico, possuía características tais como as esperadas socialmente para um homem cisgênero e era facilmente reconhecido por estranhos como tal. O medo de ser “descoberto” era grande e é elemento que surge nos dois únicos sonhos em que narra ao leitor:

Andava só de cuecas no meio da rua e, de repente, descobri que estava sem camisa. Saía, então, correndo e nunca encontrava uma porta aberta ou esconderijo onde pudesse me abrigar. Havia poucas variações no pesadelo.

Uma cena com a qual raramente sonhava, e que me impressionava pelo conteúdo violento, era a de um homem desconhecido debochando de mim por ser mulher. Pegava-o com as duas mãos pelo colarinho e, com uma força descomunal, batia seguidamente sua cabeça contra a parede, até mata-lo. Aí acordava. Era como se lutasse contra o irrefutável do meu ser (Nery, 2011, p.83).

A possibilidade de tal luta aconteceu. João chega ao processo de transgenitalização, caminho percorrido por muitos transexuais. Podemos compreender este processo como enquadrado ao padrão estabelecido e não contra ele, entretanto criticá-lo nos parece muito cômodo. Sua luta agressiva para se distanciar do modelo de mulher castrada e reforçar sua imagem masculina, a partir do puro paradigma do patriarcado, pode ser compreendida como uma necessidade, tamanha pressão ambiental de reforço ao enquadre inteligível, ao binarismo de sexo e gênero que sofreu todos os dias em todas as suas relações. Toda sociedade insiste para que o transexual seja homem ou mulher, inclusive a mídia, a família, escola, religião, medicina e também, muitas vezes, a psicologia e a psicanálise.

Assim, não se trata simplesmente de se “enquadrar em outro gênero”,

Não se trata de amar alguém do mesmo sexo e, para isso, querer ser do outro sexo. Trata-se de sentir que não se pertence ao gênero atribuído em função de sua anatomia e ter, exclusivamente como opção, que tentar se adequar ao sexo oposto, pois somente há dois. A ideia aqui é a de que, havendo a possibilidade de outros gêneros – do ponto de vista jurídico e social de modo geral -, o sofrimento fosse amenizado (Porchat, 2014a, p.121).

Nesse momento histórico vivido por João (meados da década de 1970) um gênero indefinido, não binário, fluido, não era uma possibilidade, ainda hoje é questionável pensar que seja, João se submeteu ao início para o tratamento para mudança de sexo. Além de toda angústia enfrentada, a maior “guerra” na verdade foi o processo até a cirurgia propriamente dita. Conseguir uma equipe que soubesse lidar com tal demanda foi tarefa difícil, mas que João seguiu firme mesmo com todas as dificuldades econômicas, técnicas, profissionais e jurídicas.

Um dos primeiros passos para a transgenitalização foi o processo psicoterapêutico de dois anos. Mesmo no final sendo descoberto por João certo desejo por uma “cura transexual” por parte do profissional da psicologia, a psicoterapia auxiliou João a entrar em contato com sua feminilidade e masculinidade, sua história, fazendo com que seu desejo de mudança de sexo se fortalecesse ainda mais.

Os meses de terapia arrastaram-se, desfiados como contas de um terço.

Atravessamos várias fases durante esse longo trajeto. Apresentei fotos da minha infância, debatemos exaustivamente minha conduta sexual em função da

autoimagem, abordamos os componentes masculino e feminino da minha personalidade.

(O psiquiatra) chegou a me levar livros sobre a transexualidade. Baseado em dados propostos pelos autores, debatíamos várias questões. Porém, apesar de sua boa vontade, sentia, no fundo, sua dificuldade em lidar com o tema, mesmo sendo o escolhido para sua pesquisa de mestrado. Imagino que a constatação de que o transexual é refratário à psicoterapia estaria lhe provocando a sensação de frustração e impotência (Nery, 2011, p.168).

De qualquer forma, não posso negar que esses meses foram proveitosos para me conhecer melhor e ter mais certeza do que quero. Agradeço o seu rico tempo gasto comigo e gratuidade das sessões (p.170).

O que se espera da psicoterapia na relação com os aspetos afetivos e sexuais é, primeiro de tudo, a clareza de que o tratamento não deve ter a finalidade de curar ou modificar a condição afetiva ou sexual do sujeito, mas deve de modo compreensivo e acolhedor, possibilitar a reconstrução de sua história pela sua própria história de sofrimento, dor, angústia, paixões, amores, desejos, integrando em uma discursiva inclusiva e emancipatória, sem novas regras ou respostas prontas, mas legitimar o gesto espontâneo, possibilitar que as defesas que, por ventura, ergueram-se enquanto um falso *self* sejam baixadas. O psicoterapeuta deve, assim como propõe Kupermann (2008), promover a emergência dos processos criativos impedidos de criar “estilos de existência singulares” pelo “*ethos* civilizatório” (p.173).

Há de se criar um ambiente terapêutico potente para, enfim, corresponder ao gesto espontâneo e todas as possibilidades e realidades para a constituição de um verdadeiro *self*, a possibilidade para que o sujeito realize, como destacou Winnicott (1987/2012, p.91), “uma

parte de seu potencial”. Para a constituição de algo verdadeiro, as “cópias” devem ser colocadas entre parênteses, assim como as próprias verdades e os “originais”. Na relação com a expressão do gênero, as diferenças sexuais, os papéis de gênero, toda rigidez merece a possibilidade para, ao se desfazer, possibilitar o sublime potencial criativo e a constituição de um verdadeiro *self*.

Assim como nos dizeres de Porchat (2014b):

Não se pode oferecer uma resposta sem saber quem é o sujeito. A medicina e a lei oferecem respostas a um sujeito genérico, enquanto o analista parte de sua ignorância para escutá-lo e tentar apreender quem está falando. Normalmente chega-se à ideia de que quem fala, nesse caso, fala de um lugar de certeza de sua posição transexual, certeza da inadequação entre o que “é” e o seu sexo anatômico. Mas o que o analista oferece, diferentemente da lei e da ciência, é a dúvida inerente à formulação simbólica da “diferença sexual”. Onde não há dúvida, há indício de uma psicose. A análise propõe um ponto de abertura para que o transexual questione a sua intenção (p.114).

Para isso é necessário voltar à reflexão para a formação profissional crítica, indispensável para frutificar compreensões acolhedoras à constituição de um si-mesmo transidentitário:

[...] atualizar a formação do psicoterapeuta acerca das diversidades sexuais e das teorias por ele eleitas é imprescindível, uma vez que ao revisitar seu currículo oculto – guardião de crenças, mitos, tabus e preconceitos – este poderá recriar seu projeto de vida e, em um processo de abertura para a compreensão dos mistérios do

outro – “o sujeito/cliente” –, acolher suas queixas, dores e sofrimentos através de uma escuta competente. Além de ser a clínica o local do acolhimento dialógico do outro em sua singularidade psico-afetivo-sexual, ela é também o lugar do fortalecimento de seu diálogo com a pesquisa com vista a engendrar outros significados e sentidos para as práticas sexuais no decorrer dos tempos (Bruns, 2011 p.72).

Após transpassar tantas barreiras, João chega ao processo cirúrgico propriamente dito, “a ablação dos seios e a feitura de uma neouretra” (Nery, 2011, p.188).

De luvas e com pinças nas mãos, Farina (cirurgião de João) começou a desenrolar as ataduras. Abaixei a cabeça e coleí o queixo no peito. Ele não gostou:

-Fique ereto senão não posso trabalhar!

Supliquei-lhe então:

-Me deixa ver só um pouquinho... Esperei uma vida inteira por esse momento, e agora vai me proibir? É uma sacanagem...

O cirurgião pediu à ajudante que trouxesse um espelho. Quando me olhei, escancarei um sorriso.

-Que tal, gostou? Ainda está inchado e com hematomas, mas daqui a algum tempo, estará novinho em folha! – preveniu ele.

Mal conseguia falar. Fiquei louco de vontade de passar a mão pelo peito: estava lisinho... lisinho... Era realidade! Todavia, continuei só olhando, até que o médico me advertiu:

- Ô, senhor vaidoso, vai me dar licença para retirar o espelho ou não?

Quando saí dali, estava com curativos, mas sem faixa. A camisa colada ao peito, como sempre havia sonhado! (Nery, 2011, p.191).

(...)

Ainda não havia um pênis para eu segurar, e ter de colocar o dedo também me incomodava, mas já dava para sentir o gostinho de como seria futuramente...

Fiquei tão eufórico com a descoberta, que pela primeira vez permiti que Amanda (sua companheira nesse momento) me visse urinar (Nery, 2011, p.192).

A cirurgia correu bem, entretanto, assim como toda cirurgia, é intervenção invasiva que necessitou de sérios cuidados pré e pós-cirúrgico, assim como manter-se preparado para lidar com complicações e resultados inesperados após a cirurgia. Porém, para João, tais problemas ficaram insignificantes frente à concretização de seu desejo tão sonhado. Após a cirurgia, chegou a vez do tratamento hormonal. Ele foi também o primeiro transexual a enfrentar esse tipo de tratamento, até então apenas teórico.

(...) Na prática, nenhum caso como o meu tinha sido ainda estudado seriamente.

Dizia o médico:

- Sabemos das consequências em tese, mas exatamente o que poderá advir dessa inversão, sinceramente, não sei. Por isso, teremos muita preocupação e controle hormonal. Sobretudo, estaremos atentos ao seu fígado, pois há perigo de lesões ou outras complicações, caso sejam ingeridas doses excessivas.

Mais uma vez me arriscaria, submetendo-me como cobaia (Nery, 2011, p.193).

(...)

A operação e o hormônio ainda não tinham provocado transformações tão significativas a ponto de me tornar fisicamente outra pessoa. No entanto, foi a chave para que eu tivesse agora condições de exigir que me vissem e me tratassem como sempre me senti. Antes, ninguém aceitaria. Quando eu era pequeno e ouvia todos se referindo a mim como “ela”, consertava mentalmente para “ele”. Não havia possibilidade de manifestar a minha reprovação. Caso o fizesse, iriam me achar louco (Nery, 2011, p.205).

Mesmo ainda sem os resultados completos dos tratamentos, seu percurso fez com que João pudesse finalmente sentir-se sujeito no mundo. Às vezes, é pelo elemento agressivo que se pode construir. Foi pelo processo cirúrgico e hormonal que João adentrou à ilegitimidade, procedimento necessário para ser aceito, encontrar seu lugar no mundo binário.

Essa vivência pode ser compreendida tal como Winnicott (1971/1975), que destaca a agressividade da criança como manifestações de protesto, um pedido de ajuda, não como crueldade, mas agressividade construtiva, possibilitando o uso do objeto ao sobreviver à destruição, criar a externalidade do mundo. Essa relação observada por Winnicott no contexto das primeiras experiências do bebê oferecem pistas para compreensão de todo o processo maturativo, em um movimento de reedição, a procura das condições necessárias para seu amadurecimento prosseguir. Todo o processo de redesignação sexual fez com que o próprio João reconstruísse algo como o momento inicial quando pôde se perceber no mundo, agora, entretanto, podendo enfim ser reconhecido, dar valor ao seu desejo e aceita-lo, existir enquanto sujeito.

Assim como João, outros começavam a traçar o mesmo caminho ou caminhos parecidos (como o caso nacional amplamente divulgado da modelo Roberta Close²⁸). Poder contar com novas experiências, trouxeram elementos também novos para serem acolhidos, pensados e repensados. Novamente uma construção relacional entre pares e a discursividade é destaque aqui. Auxiliando o pensar e a identidade:

Continuava aguardando uma carta do Farina em resposta à minha, na qual indagava quando poderíamos retomar as próximas etapas cirúrgicas.

Entretanto, as duas cartas que chegaram nesse ínterim não foram dele. Uma era da França, de onde Van me contava suas investigações sobre a transexualidade. Os requisitos pré-cirúrgicos eram fundamentalmente os mesmo daqui, talvez mais minuciosos e dispendiosos. Van descobriu também que grande parte dos operados não ia até o fim do processo cirúrgico. Muitos trans paravam justamente na etapa em que me encontrava: tiravam os seios e a genitália interna, mas não prosseguiram na reconstrução do pênis. Pelo que pude apurar, a causa era a demora e o sofrimento do processo, além do custo alto e do resultado bastante precário (Nery, 2011, p.213).

João também não foi adiante, realizou mais uma cirurgia para a retirada dos órgãos sexuais internos, dando fim a “*monstruação*” e cessou com intervenções cirúrgicas. Tirou nova documentação, o que lhe fez perder todo seu histórico acadêmico e curricular. Tendo que reconstruiu sua história enquanto João:

Dias depois, estava eu, perfilado, diante da bandeira do Brasil, e enquanto prestava juramento de servir meu país em caso de ameaça externa, pensava que,

²⁸ Roberta Close é o nome artístico de Roberta Gambine Moreira, uma modelo, atriz, cantora e apresentadora suíço-brasileira. Roberta foi a primeira transexual a posar para a edição brasileira da revista Playboy em 1984.

enquanto Joana, eu era psicóloga, fazia mestrado, dava aulas em três universidades e mantinha um consultório repleto de clientes. Agora, como João, tinha perdido todo o meu currículo escolar e de vida. Era um analfabeto, sem direito nem aos anos de trabalho em carteira. Não entraria na Justiça porque havia a exigência do término cirúrgico e não correria o risco de ficar à mercê dos juízes, cuja maioria continuava preconceituosa e ignorante sobre a questão da transexualidade.

(...)

Voltei pra Brasília feliz da vida. Papai resolveu fazer um churrasco para comemorarmos juntos o “nascimento” do mais novo cidadão brasileiro. Quase caí para trás. Todos estavam aliviados porque agora eu poderia arranjar um emprego.

Seis meses depois, recebo um telefonema de papai:

-Meu filho, arranjei um emprego para você. Falei com um amigo, e na próxima semana você já pode começar a trabalhar na usina de concreto dele (Nery, 2011, p.234).

Tudo foi se organizando e o reconhecimento de significado especial aconteceu: *“Pela primeira vez era tratado como filho homem e casado”* pela família (Nery, 2011, p.227). O acolhimento e reconhecimento familiar foi o que faltava para integrar sua vivência.

Todo ser humano deseja e necessita ser reconhecido e valorizado pelos demais, sentir que *“realmente existe como individualidade”* (Zimmerman, 2010, p.212). Assim como considera Winnicott (1988/2012): *“Para a maior parte das pessoas, o elogio máximo é serem encontradas e úteis”* (p.92). Winnicott (1971/1975) percebe a capacidade de olhar e reconhecer como um dos atributos essenciais dos cuidadores principais, ou como ele coloca: principalmente da mãe. Uma necessidade para além da infância, como é possível perceber pela história de João.

Winnicott (1971/1975) parte de Lacan (1949) e coloca o papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil, um papel de extraordinária importância para que a criança possa se descobrir enquanto sujeito, e um sujeito criativo.

Quando olho, sou visto; logo, existo.

Posso agora me permitir olhar e ver.

Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo (Winnicott, 1971/1975, p.180).

João se encontrou, foi visto, para isso teve que se distinguir agressivamente de seu não-eu. Ao encontrar-se, criativamente, finalmente pôde ter, simbolicamente, legitimado seu desejo inicial de “*ser piloto*”, não possível ser correspondido no momento da infância. Nesse processo não apenas João se modificou, mas também sua família foi convidada a se transformar, amadurecer, assumir um posicionamento não possível na história de João enquanto infante.

É inevitável o questionamento de como teria sido sua história se no momento inicial, o “*ser piloto*” não tivesse sido interrompido por um ambiente cisheteronormativo, se não houve a marca do abjeto a ser distanciada nesse processo em que o verdadeiro *self* assume uma dificuldade em se integrar com seu ego corporal pela impossibilidade de poder se identificar com um gênero além da norma, de ter correspondido seu desejo e ato criativo, desde os mais simples como o querer ser piloto, simplesmente pela falta do pênis no corpo infantil. A constituição de si-mesmo de João teria percorrido os mesmos caminhos caso houvesse a possibilidade da total correspondência ao seu gesto espontâneo?

Assim como destaca Porchat (2014b):

Se discutirmos as construções do gênero mediante as identificações que pertencem ao quadro do inteligível, dificilmente evitaremos a criação de categorias de normatividade, saúde e patologia. Se, pelo contrário, tomarmos a discussão, partindo do pressuposto de que todas as formas de identificação são legítimas, desfaz-se a ideia de que existam seres abjetos (p.102).

Para Porchat (2014b), esse processo de descoberta e luta pela identidade é legitimado pela teoria “*queer*” com a “ideia de que o corpo não é um fato estático e consumado, mas um processo ativo, algo que pode ser transformado no sentido de que excede as normas ou até mesmo questiona”. Não apenas os transexuais, mas a grande maioria dos seres humanos vive para se enquadrar, ajustar-se ao modelo dimórfico. “Na perspectiva de gênero como ato performativo, homens e mulheres também estão permanentemente se refazendo através do que falam, através de seus gestos, através de seus vestuários e mesmo através de intervenções cirúrgicas em seus corpos” (p.113).

Como o mundo era e continua sendo cisheteronormativo, todo o percurso traçado por João até aqui foi imperativo, mesmo com muito sofrimento, pois possibilitou, e continua possibilitando, mudanças rumo reconhecimento e compreensões inclusivas e acolhedoras de uma subjetividade que se faz pela impossibilidade de se construir tal como a maioria, um ato criativo em que a repressão do desejo parece não ser uma possibilidade saudável.

4.4 Categoria IV - O abraço do tempo em cores do arco-íris: tons de amadurecimento

O adulto sadio é maduro enquanto adulto, o que significa que já transpôs todos os estágios de imaturidade, isto é, todos os estágios maduros anteriores. O adulto maduro tem a seu dispor todos os estados passados de imaturidade, e pode fazer uso

deles por necessidade, por diversão, nas experiências secretas de auto-erotismo ou nos sonhos (Winnicott, 1965/2011, p.129).

Essa categoria de análise diz respeito à compreensão do período de adultez e envelhecimento maduro de João, momento de integração de todo seu mundo vivo, que se inicia de modo dramático com um fato inesperado, como veremos a seguir.

Após muitos anos de relacionamento amigável e companheirismo, Lola, companheira de João nesse momento de sua história, acaba se relacionando com outro homem sem o conhecimento de João, numa necessidade de se “*sentir uma mulher comum*” e acaba engravidando (Nery, 2011, p.248). Inicialmente, tanta informação fragilizou João, entretanto passado a angústia inicial, organizou as ideias e o que, por fim, sobressaiu foi o desejo de ser pai. “*A imagem dela grávida ficou mais impregnante do que qualquer traição*” (Nery, 2011, p.251).

Eu adorava sair na rua ao lado daquela barriga grande. De repente, passei a ser visto como um homem fértil. Minha sogra passou a me olhar com mais respeito. Fiquei mais seguro, orgulhoso e responsável pelo moleque. Eu e Lola nos tornamos cúmplices. Ia sempre com ela fazer os exames pré-natais, como qualquer homem moderno (Nery, 2011, p.254).

Entretanto, como de costume, sendo muito sincero com seus sentimentos, João sentiu medo e pôde conscientizar-se dele antes mesmo do nascimento de seu filho:

Eu achava que meu filho ia querer conhecer o pai biológico quando soubesse a verdade. Teria essa curiosidade, se fosse ele. Poderia ajudá-lo nessa procura. Pensei que algum dia eu ainda seria grato a esse cara.

Meu coração estava cheio de esperança de que pudesse entendê-lo. Tinha receio de nossa cultura estúpida, prepotente e machista. Com certeza eu me empenharia para que transcendesse essa limitação. Não importava se não fui eu quem o tinha gerado. Seria eu quem o ajudaria a se tornar um homem verdadeiro (Nery, 2011, p.354-255).

Segundo Winnicott (1988/1990, p.173), “na maturidade, o ambiente é algo para o qual o indivíduo contribui e pelo qual o homem ou mulher²⁹ individuais se sentem responsáveis”. Foi pela experiência da paternidade, aliada a toda sua história vivida, que a responsabilidade e tolerância para o mundo se apresenta de modo mais enfático e duradouro, agora para a construção de sua própria família.

Mais do que pai dele, Yuri me transformou em pai da humanidade. Fiquei tolerante até com os moleques mais endiabrados. Sem grandes quedas ou doenças sérias, tirando uma bunda assada aqui ou um dedo cortado ali, foi desabrochando sob o olhar maravilhoso de todos. Sem pirraças, nem enjoos, a não ser dentro de automóveis.

Meu filho tornou-se um ser tão belo que parecia um Jessusinho na terra.

E eu, literalmente o José, o pai que o criava, mas que não o tinha feito (Nery, 2011, p.258).

²⁹ Compreendemos “homem ou mulher” enquanto uma representação ampla de sujeito. Uma identidade humana que não se reduz ao sexo ou gênero masculino e/ou feminino.

João cresceu em uma família nuclear e compôs enquanto um homem transexual sua própria família. O modelo de família modifica-se segundo a época e o lugar, entretanto há sempre a evidência de um conhecimento da função de um verdadeiro “cuidado materno-paterno”, ou simplesmente o cuidado humano necessário para o desenvolvimento emocional, assim como expressa Winnicott (1965/2011), podendo ser oferecido por qualquer cuidador principal desde que possa, internamente, assumir a responsabilidade pelo bebê, o que independe o sexo ou gênero.

É consenso entre os psicanalistas, independente da orientação conceitual ou inclinação seja mais para o foco pulsional ou ambiental, que o grupo familiar exerce uma profunda e decisiva importância na formação da personalidade, estruturando seus grupos internos, construindo como o sujeito interagirá e configurará suas relações com outras matrizes grupais e sociais durante toda sua vida (Zimerman, 2000).

Durante toda história de João, mesmo com inevitáveis falhas, sua família esteve por perto, seu pai e principalmente sua mãe sempre aparecem na história de João como figuras que estiveram ao seu lado, acolhendo e cuidando, mesmo nos momentos em que não concordavam ou não compreendiam a transidentidade do filho. A mãe, em especial, foi disponível à entrevista avaliativa do psiquiatra que forneceu o laudo para João e também foi uma das primeiras da família a oferecer apoio frente à paternidade inesperada.

A história de João demonstra que ele obteve a possibilidade de internalizar experiências boas, internalizar a força para enfrentar as dificuldades a partir de seu modelo paterno e materno. Seu pai militar da aeronáutica, sua mãe, uma mulher forte e acolhedora, possibilitaram que João internalizasse as vivências e representações de cuidado, sustentando novas vivências, sustentando sua força para ir além, voar tal como seu pai, sendo forte e cuidadoso como a mãe e posteriormente sustentar também outras pessoas, seu filho, sem ressentimento, mas de modo suficientemente-bom.

Quis criar meu filho como um homem gentil, sincero, sensível, que não tivesse vergonha de chorar. Enfim, decidi adotar todos os melhores valores que na nossa cultura são considerados femininos, sem fazer dele um ser necessariamente efeminado, fortalecendo sentimentos que dificilmente são enaltecidos nos homens. Mesmo sendo um trans-homem, fazia questão de preservar essas características, atitude esta rara em muitas pessoas do meu gênero (Nery, 2011, p.262).

Como um pai transexual, entretanto, João procuraria além de oferecer os cuidados básicos ao seu filho, cria-lo da melhor maneira possível para o acolhimento da diversidade afetiva e sexual. Por todo histórico de João, o significado do tornar-se um “homem verdadeiro” era diferente do discurso popular de sua época e o relacionamento com Yuri, seu filho, seria enriquecedor para ambos.

Nesse momento de maturidade de João, o ideal de um sexo e gênero binário, rígido, perdia cada vez mais o sentido. João agora podia, gradativamente, se distanciar de normas gerais de gênero para se redescobrir enquanto singularidade e procurar ter o mesmo cuidado na educação de seu filho para também lhe proporcionar a possibilidade para a constituição de um verdadeiro e criativo *self*.

Assim como propõe Butler (2004), suspender a necessidade das normas acerca do gênero, dispensar temporariamente o reconhecimento a partir do gênero rígido, possibilita o viver: “Talvez eu sinta que, sem algum reconhecimento, não posso viver. Mas eu também sinto que os termos pelos quais sou reconhecido tornam a vida invivível³⁰” (p.4).

³⁰ Tradução livre

Foi assim que Yuri cresceu sem temer demonstrar seus sentimentos, não gostando de futebol, preferindo dialogar ao invés de bater e sempre muito ligado tanto a sua mãe quanto seu pai.

No meu aniversário de 50 anos, ele estava com 12 e me presenteou com um cartão desenhado, com o seguinte texto:

“Papai, eu desejo que neste aniversário você fique cada vez mais jovem mentalmente e espiritualmente. Eu lhe admiro muito pelo seu jeito sábio de transformar tudo em alegria e de conseguir compreender e perdoar os erros de todos. Você é uma pessoa muito especial, ver a vida de uma forma tão alegre e divertida não é tão fácil. Por isso você sempre será um grande pai, amigo, marido, psicólogo, professor... é por essas e outras razões que eu lhe desejo um FELIZ ANIVERSÁRIO!” (Nery, 2011, p.277).

Foi esse forte vínculo que fez com que João e Yuri se aproximassem ainda mais após a revelação de que João não era seu pai biológico, e também posteriormente, quando em um surto de raiva de Lola, já não mais sendo esposa de João e por medo de perder o filho, revelou que João já havia sido mulher. Em meio a separações, agravada agora pelo desentendimento entre João e Lola e dificuldades quanto a guarda de Yuri, no final tudo se resolveu na medida em que Lola foi se desarmando a partir de um posicionamento mais compreensivo da parte de João, pois também tinha muito medo de nunca mais poder ver seu filho e sabia que nunca poderia recorrer judicialmente para isso.

Neste sentido Yuri foi crescendo e assim como João, “pela recordação do cuidado, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado, com o desenvolvimento da confiança no meio” (Winnicott, 1979/2007, p.46), aos poucos foi

possível construir meios emocionais para sustentar a independência, se distanciando dos pais para trilhar seus próprios caminhos. Segundo João, Yuri namorou, cresceu, se formou em engenharia, casou-se e construiu sua própria família sempre tendo a referência em seus pais, sempre voltando ao aconchego familiar.

João nesse processo também amadureceu e com o passar dos anos seu corpo envelheceu, chegando à crise de identidade que não mais era a de gênero, “*mas aquela que todos temem com a idade, ao constatar a dificuldade do possível fascínio sobre o outro. A face enrugou, os pneus surgiram, os pelas caíram, o pênis não veio*” (Nery, 2011, p.289).

*Considerarei-me por muito tempo um inválido sexual, que precisava de artifícios para poder ter prazer, quando talvez o problema estivesse mais na minha cultura com todos os seus significados, “que fazem de um simples gesto um critério clínico para definir se alguém é ‘verdadeiramente’ um homem ou uma mulher”, com citou Miguel Missé no ótimo livro *El género desordenado* (2010).*

Aos poucos, vou me tornando novamente um inválido, agora com próteses e órteses na coluna, nos ouvidos, nas pernas ou precisando me apoiar numa bengala (Nery, 2011, p.290).

Segundo Winnicott (1972/2010), para um envelhecimento maduro, o adulto precisa aceitar sua impotência e sua imperfeição. Neste momento de maturidade, o processo de desilusão e desidentificação ao ideal de gênero foi fator importante para a maturação e envelhecimento maduro. Para isso, entretanto, assim como no processo de criação, há a necessidade de um trabalho de luto. Kupermann (2017) demonstra que se a criação se mostrar inviável, em função da impossibilidade de realização do trabalho de luto, “a pulsão de morte,

ao invés de contribuir para o movimento de desterritorialização necessário aos processos sublimatórios, alimenta o superego, incrementando sua fúria sádica e mortífera” (p.81).

O resultado do trabalho de luto que tem lugar na sublimação é, assim, a identificação “até certo ponto” com o pai, no sentido em que a criação dos ideais a serem compartilhados entre os órfãos conta com a “estimulação” da instância do “ideal do ego”, herdeira do complexo paterno. Onde o luto e o distanciamento necessário do ímago paterno não são possíveis, encontramos as inibições ao ato criativo (Kupermann, 2017, p.82).

Para todo o processo de maturação de João, todo processo de criação e constituição de si-mesmo, a necessidade da realização do trabalho de luto se mostrou fundamental. A necessidade da realização do luto para com o ideal de gênero, de sexo, “a identificação até certo ponto como pai”, a identificação até certo ponto com os papéis sociais ao gênero esperado em todos os âmbitos da vivência a quem nasça com esse ou aquele aparelho reprodutor, se mostra como um processo fundamental sem o qual a criação parece ser impossibilitada de atingir seu potencial genuíno.

Assim como compreende Butler (2014, p.253): “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados”. A desconstrução do gênero possibilita um processo criativo ao existir, um caminho em que não se pode prever qual a parada final.

Enquanto o tempo passava, o discurso transexual também se modificava e chama a atenção de João, como a notícia do primeiro “homem grávido”. João se posicionou de modo

entusiasmado em perceber que os trans jovens estavam assumindo seus desejos, ousando ainda mais na desconstrução do gênero, sem sentirem ameaçados na sua identidade sexual.

O abraço do tempo atribuiu novos sentidos na vivência de João, não seria um momento de estagnação e espera do término da vida. João continuou nesse processo criativo e de vida quando entrou em contato com a teoria *queer*, e mesmo para ele, houve um período inicial em que “*minha cabeça deu um nó, mas farei também que era mais uma alternativa na desconstrução do império normativo sexual*” (Nery, 2011, p.321).

Segundo sua própria e pertinente descrição:

Essa nova postura questiona as diferenças de gênero baseadas no sexo biológico, heterossexual, ou mesmo nas práticas homo e transexuais. Acredita na multiplicidade de corpos sexopolíticos que se sobrepõe aos rótulos de normal e anormal. São transidentidades: homens sem pênis, gays, lésbicos, cross-dresser, drags (queen e king), trans-gays, etc. A orientação sexual seria uma criação da sociedade, e não algo natural, inclusive a heterossexual. Quando nos referimos ao papel do homem ou da mulher, estamos falando de “gênero” ou papéis de gênero e não de sexo. Há inúmeras formas de transversalidades de gênero (Nery, 2011, p.320-321).

Para Winnicott (1958/2000), o amadurecimento humano só tem fim com a morte, nesse sentido, o desafio do ser humano é continuar se desenvolvendo, amadurecendo. Para isso, é necessário que continue criando, legitimando sua espontaneidade, assim como aceitando sua impotência e imperfeição. Por mais que caminhe, sempre o ser humano será convidado a continuar sua caminhada. João possibilitou e possibilita um viver no mundo original, tendo a criatividade como fonte de vida e o desafio em viver e continuar vivendo e amadurecendo criativamente, além de idealizações e normas rígidas.

A história de João é conhecida e reconhecida tanto pela mídia, quanto pela ciência e também no ambiente político, como o projeto para Lei de Identidade de Gênero (Wyllys & Kokay, 2013) que leva seu nome, assim como diversos outros movimentos de despatologização das transexualidades em que a história de João é referendada. Ao compartilhar publicamente sua história, João colabora não apenas para o conhecimento da transexualidade, mas também para a trajetória de outros trans e se tornou visível em nível internacional:

Deu depoimentos para programas de TV (Nery, 2012) - tais como De frente com Gabi, Superpop, Programa do Jô, Altas Horas, A Liga, Balanço Final, Provocações, Canal Fiocruz, Tabu Brasil, entre outros -, bem como entrevistas para jornais e revistas de circulação nacional e internacionais. Participou como palestrante em congressos, seminários, mesas redondas e ONGs pelo Brasil, divulgando sua história e contribuindo para a reflexão sobre a diversidade sexual e seus direitos. A sua trajetória como escritor produziu efeitos importantes em sua vida: “Nunca imaginei que ao lançar meu segundo livro minha vida mudaria radicalmente. Não mais como um *freak* de Joana para João, mas como um elemento visibilizador de um segmento praticamente desconhecido - os transhomens” (Nery; Coelho; & Sampaio, 2015).

5 GÊNERO, CRIAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DE SI-MESMO: compreendendo a vivência transexual

No mundo vivido por João, a regra do “fato biológico” para demarcação do gênero perdeu espaço para algo maior. A obrigação de renunciar os “objetivos instintuais bissexuais” e aceitar uma “inexorável monossexualidade” como discutido por McDougall (1999, p.14), é colocada em cheque por intermédio de atos de coragem, a partir de dispositivos internos e ambientais de criação que permitiram o enfrentamento às normas repressoras da pluralidade sexual.

Nesse processo, uma nova maneira de estar no mundo foi criada, representando a vanguarda das liberdades individuais ao sexo e gênero, percurso parecido ao caminho das mulheres históricas analisadas por Freud, tal como entende Kehl (2008), destacando a sexualidade enquanto uma força humana que provoca mudanças sociais, revoluções a partir da rica relação entre o interno e o ambiental.

É parte significativa da vivência experimentar criativamente diferentes papéis e personagens que aos poucos vão sendo transformados em um repertório de si-mesmo, constituído pelas infinitas variações afetivas e sexuais, de identificação e desidentificação, a partir de um complexo processo de criação entre o inter e intrapsíquico, intra e extrafamiliar.

Assim como entende Winnicott (1971/1975, p.108): “é através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida”.

O impulso criativo, portanto, é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando qualquer pessoa - bebê, criança, adolescente, adulto ou velho - se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente

alguma coisa, desde uma sujeira com fezes ou o prolongar do ato de chorar como fruição de um som musical (Winnicott, 1971/1975, p.114).

Para Vaisberg (2004), o ser humano na obra winnicottiana é um indivíduo que não vive apenas para a sobrevivência da espécie, “mas para usufruir a vida, para viver criativamente, o que deriva necessariamente da ilusão criativa original a qual, mais tarde, dará origem, paradoxalmente, à possibilidade de ação concreta sobre o mundo” (p.77). Ainda segundo a autora, o mundo segue suas próprias leis, mas para que o ser humano possa alterá-las ao favor próprio é preciso que a “ilusão criativa se transforme em ação” (p.78). João muitas vezes apresentou um discurso ilusório, idealista, mas João também desconstruiu muitos desses discursos, assumiu seu desejo e sua criatividade transgressora, não sem dor e sofrimento.

Assim como considera Winnicott (1971/1975): “é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (p.89). Ao criar, João foi além das possibilidades impostas ao gênero e sexo. Sua criação diz respeito ao caminho para constituição de um verdadeiro *self*, um convite à desconstrução e desidealização de uma identidade de gênero binária, normativa, rígida, sem espaço para criação, logo falsa. Seria ao não ser nem “homem”, nem “mulher” nos modelos cisheteronormativos, que João poderia ser João: viver a partir de seu gesto espontâneo, a expressão genuína do *self* verdadeiro, aquilo que dá sentido a vida. É na impossibilidade de integrar tais aspectos, ao não ter acolhido seu potencial criativo, sua originalidade não binária para o sexo e gênero, que o sofrimento e a expressão de um falso *self* se manifestam.

O sofrimento que vem de dentro transgride para ser amenizado e nesse movimento cria novos modos de constituição de si-mesmo, novas demandas de acolhimento e real cuidado no qual a psicanálise tem muito a contribuir ao promover o gesto espontâneo, a reflexão acerca

das próprias vivências e caminhos para constituição e amadurecimento de si-mesmo. O sofrimento que vem de fora demonstra a importância das ciências que propõem o rompimento com reducionismos binários do sexo e gênero para uma compreensão plural, emancipatória e a necessidade da materialização de tais compreensões em leis e projetos de Educação Sexual que levem tanto em nível do indivíduo quanto das instituições, avanços compreensivos da diversidade afetiva e sexual.

João foi o primeiro, através dele tantos outros traçam caminhos parecidos. Mas na complexa existência humana, na qual a transexualidade é um matiz, nenhum caminho está pronto e cada transexual, assim como cada ser humano, a partir da sexualidade e das relações humanas de um modo geral, são convidados ao constante trânsito a partir dos horizontes possíveis para a constituição de si-mesmo.

A história documentada de João W. Nery possibilitou a hermenêutica da vivência transexual em nível subjetivo e compreensivo, desvelando elementos da expressão de um viver contemporâneo e com potencial transgressor ao binarismo de sexo e gênero. Delicada oportunidade que em certo sentido causa resistência por abrigar doses de destruição necessária para reconstrução e avanço teórico e metodológico no que diz respeito aos estudos do gênero. Nesse sentido, foi alcançado o objetivo proposto por essa dissertação de compreender a vivência transexual distante de um enquadre precipitadamente psicopatológico. Incitamos originalmente um novo espaço para se discutir o gênero enquanto um elemento para a constituição de si-mesmo, reconhecimento e amadurecimento humano.

Os estudos acerca do gênero, em especial a teoria *queer*, ofereceram conhecimentos teóricos para dialogar, possibilitando avançar à díade binária, rígida e naturalizante acerca da sexualidade e do gênero que cria a categoria de abjeto e corrobora para exclusão e impossibilita, muitas vezes, a construção de vínculos acolhedores tanto no âmbito familiar, quanto educacional e mesmo de cuidado, atenção psicossocial e médica aos sujeitos não-

inteligíveis, mais especificamente aos transexuais, foco principal desta dissertação, trazendo contribuições importantes para se pensar o processo de sexuação e identificação para as diferentes perspectivas em psicanálise.

A psicanálise aqui apresentada e discutida, através de seu arcabouço teórico e metodológico, proporcionou a análise além do observável, trazendo sentido relacional e profundo às singulares vivências transidentitárias, legitimando e desvelando o processo de constituição e amadurecimento de si-mesmo.

A expressão da diversidade de sexo e gênero esteve presente desde o mundo clássico, em diversos contextos históricos, ocupando diferentes significações tanto nas ciências humanas quanto na saúde. Não é novo, contudo, tal como expresso atualmente, com o avanço tecnológico e científico, assim como a possibilidade de uma releitura a luz da consciência contemporânea, sim.

O transexual nos provoca, assim como provoca as psicanálises e as ciências de um modo geral para irem além delas mesmas, além da rigidez binária para o sexo e gênero, além de regras não fundamentais. O potencial criativo observado para o desenvolvimento de si-mesmo, e presente na vivência transexual analisada, demonstra um envolvimento para além do metafórico na relação entre a arte e a psicanálise. Assim como a arte, parafraseando Pablo Picasso (1881-1973)³¹, a psicanálise não é feita para ser um instrumento estético ou biopolítico. É uma arma ofensiva e defensiva contra o mal-estar na civilização, um instrumento para instigar e legitimar o viver criativo.

³¹ Ao ser indagado sobre a obra de arte Guernica (1937), Pablo Picasso exclamou a célebre frase: “Não, a pintura não é feita para decorar quartos. É um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo”.

6 NOVAS PINTURAS: horizontes

Toda complexidade da história de João abre possibilidades para a compreensão de novas histórias, de diferentes contextos sócio-históricos, assim como novos aprimoramentos teóricos e práticos, clínicos, educacionais e compreensivos tendo as transexualidades como objeto de estudo e/ou intervenção profissional a fim de possibilitar o fortalecimento na construção de caminhos despatologizantes da diversidade afetiva e sexual, assim como permanentes discursos que reconheçam à diversidade de sexo e gênero enquanto dimensão humana.

Assim como a sexualidade, o conhecimento também é plural e está em trânsito, nesse sentido é profundamente instigante pensar novas possibilidades para demais pesquisas envolvendo o universo afetivo e sexual, em especial no que tange o estudo do gênero e às transexualidades. De modo particular, essa dissertação também nos fornecerá material para novos estudos e produções científicas, consolidando nosso desejo enquanto pesquisadores.

Sabemos que abrangemos nesta dissertação temáticas densas e espinhosas, entretanto necessárias. A realidade que ameaça agressivamente a vida de tantos LGBTs nos intima e motiva ao posicionamento crítico, científico, em certo sentido transgressor, ao desejo maior de oferecer um material que seja capaz de despertar posturas também compreensivas e humanas tanto no âmbito acadêmico quanto popular.

É desse paradigma que acreditamos e reiteramos a necessidade de que o conhecimento aqui produzido abra novos diálogos não apenas nas áreas permeadas pela psicologia, psicanálise, psiquiatria e educação, mas que atinja essencialmente todos os espaços de convívio humano seja na escola, universidade, mídia, hospitais, clínicas, instituições religiosas, governamentais, etc. Nesse sentido, além de artigos, capítulos de livros e demais meios de divulgação científica, será elaborado um material direcionado a toda comunidade,

com a finalidade de popularizar o conhecimento científico aqui construído e estimular a compreensão acerca das temáticas transexualidade e identidade de gênero.

No que se refere à sexualidade, nos resta compreender seu aspecto intangível apresentado desde sua mais distante base mítica, histórica, biológica, psíquica e social. Não há parada, não há conclusões. Acolher seus nuances de tons e o desdobramento possível pela modernidade, como as transexualidades, é revolucionário para se pensar a própria sexualidade, desde que não recaia ao erro de forjar uma pretensão mecânica, ilusória, idealizada, descontextualizada e ingênua do sujeito.

E preciso avançar às novas possibilidades de interface entre os saberes aqui discutidos, assim como investir ainda mais na compreensão profunda de seus limites teóricos e epistemológicos para uma produção intercientífica ética e coerente. Assim como o próprio Freud, que de modo crítico consecutivamente repensou sua teoria, formulando e reformulando suas hipóteses, cabe à psicanálise contemporânea, a partir das novas demandas de inclusão às diversidades e possibilidades de um si-mesmo contemporâneo, a partir da análise ambiental e relacional como proposto por Winnicott, também se movimentar e avançar enquanto disciplina humana, de vida e pensamento potente a compreender, despatologizar, cuidar, reconhecer e desvelar a vivência transexual ou simplesmente os diversos tons de um matiz humano.

Em certo sentido somos todos trans, estamos todos em trânsito na busca de horizontes emancipatórios e reconhecimento de si-mesmo tendo o desejo como guia, a frustração como impulso e o limite construído na relação humana com o outro.

REFERÊNCIAS

- Alves, C. E. R., Silva, G. F., & Moreira, M. I. C. (2016). A política pública do uso do nome social por travestis e transexuais nas escolas municipais de Belo Horizonte: uma pesquisa documental. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(2),325- 240.
- Ambra, P. (2016). A psicanálise é cisnormativa? Palavra, política, ética da falta e a questão do patológico. *Periódicus*. 1(5),101-120.
- American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (DSM-5®). Arlington: American Psychiatric Publishing.
- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, 9(1),49-63.
- Arán, M. (2009). A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. *Revista Estudos Feministas*, 17(3),653-673.
- Arán, M., & Murta, D. (2009). Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Physis*, 19(1),15-41.
- Arán, M., Murta, D., & Lionço, T. (2009). Transexualidade e saúde pública no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4),1141-1149.
- Argentieri, S. (2009). Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação. *Jornal de Psicanálise*, 42(77),167-185.
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bion, W. (1973). *Atenção e interpretação. Uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos*. Rio de Janeiro: Imago.

- Birman, J. (2008). Criatividade e sublimação em psicanálise. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 20(1),11-26.
- Birman, J. (2014). Os paradigmas em psicanálise, In Birman, J., Kupermann, D., Cunha, E.L, & Fulgencio, L. (org.). *A Fabricação do humano: psicanálise, subjetividade e cultura* (pp.17-42). São Paulo: Zagodoni.
- Birman, J. (2016). Sexualidade e narcisismos nos arquivos da psicanálise. O Édipo em questão. In J. Birman, L. Fulgencio, D. Kupermann, & E. L. Cunha. *Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismos e sexualidade na psicanálise contemporânea* (pp.23-41). São Paulo:Zagodoni.
- Braida, C. (1999). Apresentação. In F. D. E. Schleiermacher. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brancaleoni, A. P. L., & Oliveira, R. R. (2015). Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero e educação sexual a partir da concepção de educadores. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 10(2):1445-1461.
- Brancaleoni, A. P. L. (2016). *Do excrementício ao sujeito: humanização da clínica pelo olhar do abjeto*. In Anais VII Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e XIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental.
- Brown, P. (1990). *Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bruns, M.A.T. (2011). Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(1):64-74.
- Bruns, M. A. T. (2013). Transsexuality in the interface with the gender relationships. *Jornal of Nursing*, 7(9).
- Bruns, M. A. T., & Pinto, M. J. C. (2003). *Vivência transexual: o corpo desvela seu drama*. Campinas, SP: Átomo.

- Bulamah, L. C. & Kupermann, D. (2016). A psicanálise e a clínica de pacientes transexuais. *Periódicus*, 1(5):73-86.
- Busnardo, J. O. M. (2012). *Contribuições de D. W. Winnicott para o campo da nosografia psicanalítica* (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Butler, J. (2000). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In G. L. Louro, (org.): *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade* (pp.153-172). Belo Horizonte. Autêntica.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos que Importam: sobre los Limites Materiales y Discursivos del Sexo*. Buenos Aires: Paidós; 2002.
- Butler, J. (1990/2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. New York and London: Routledge.
- Butler, J. (2014). Regulações de gênero. *Caderno pagu*, (42),249- 274.
- Cassorla, R. M. S. (2016). *O psicanalista, o teatro dos sonhos e a clínica do enactment*. São Paulo: Blucher.
- Ceccarelli, P. R. (2003) A contribuição da Psicopatologia Fundamental para a Saúde Mental. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 6(1),12-25.
- Ceccarelli, P. R. (2010). Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões, In C. Rial, J. Pedro, & S. Arende (org.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade* (pp.269-285). Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Ceccarelli, P. R. (2013). *Transexualidades, coleção clínica psicanalítica*. (2ª ed). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chiland, C. (2008). *O transexualismo*. São Paulo: Loyola.

- Chnaiderman, M. (2016). Com qual sexo se faz qual sexo se somos mil sexos. *Periódicus*, 1(5),32-40.
- Conselho Federal de Psicologia (2013, 04 de setembro). *Notas Técnicas Sobre o Processo Transexualizador e Demais Formas De Assistência Às Pessoas Trans*. Recuperado de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Nota-t%C3%A9cnica-processo-Trans.pdf>
- Cossi, R. K. (2011). *Corpo em obra: contribuições para a clínica psicanalítica do transexualismo*. São Paulo: nVersos.
- Costa, J. F. (1998). Sexo e Amor em Santo Agostinho. In M. A. Loyola (org.) *A sexualidade nas ciências humanas* (pp.133-158). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Cunha, E. L. (2016). O homem e suas fronteiras: uma leitura crítica do uso contemporâneo da categoria de perversão. *Ágora*, 19(1),85-101.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dias, E. O. (2008). A teoria winnicottiano do amadurecimento como guia da prática clínica. *Natureza Humana*, 10(1),29-46.
- Eliade, M. (2001). *Mefistofeles e o andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus*. São Paulo: Martins Fontes.
- Farina, R. (1982). *Transexualismo: do homem à mulher normal através dos estados de intersexualidade e das parafilias*. São Paulo: Novalunar.
- Fernandes, M. A., Zerbinati, J. P., Cantares, T. S., & Germano, G. S. (2015). Monitoria no ensino das paixões: acolhimento ao aluno no primeiro contato com a psicopatologia. *Analytica*, 4(6),138-150.
- Ferenczi, S. (1908/1991). Psicanálise e Pedagogia. In S. Ferenczi. *Psicanálise I – Obras Completas* (pp. 35-40). São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (1969/1992). *O que é um autor?* Lisboa: Passagem.

- Foucault, M. (1984). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1982). *Herculine Barbin: O diário de uma hermafrodita*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1973/2002). *A verdade e as formas jurídicas*. 3a. ed. Rio de Janeiro: NAU.
- Freud, S. (1895/2016). *Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1905/1996). *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume VII. Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908/1976). *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume IX. Grávida de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910/2013). *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1929/2014). *Obras completas, volume 17: Inibições, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1920/2010). *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras.

- Freud, S. (1930/2010). *Obras completas, volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Fulgencio, L. (2014). A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico de homem para Winnicott. In J. Birman, D. Kupermann, E. L. Cunha, & L. Fulgencio (org.). *A Fabricação do humano: psicanálise, subjetividade e cultura* (pp.145-159). São Paulo: Zagodoni.
- Fulgencio, L. (2012). Críticas e alternativas de Winnicott ao conceito de pulsão de morte. *Ágora*, 15(esp),469-480.
- Gênesis. (1995). *Bíblia Sagrada*, São Paulo: Loyola.
- Gonini, F. A. C., & Ribeiro, P. R. M. (2014). A sexualidade e sua construção histórica: alguns apontamentos para educadores que trabalham com educação sexual. In Jabonero, M. B.; Bris, M. M.; Arias, A. M.; Bizelli, J. L. *Miradas diversas de la educación en Iberoamérica* (pp.265-277). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- Graham-Dixon, A. (2011). *Arte: o guia visual definitivo da arte – da pré-história ao século XXI*. São Paulo: Publifolha.
- Green, R. (1998). Mythological, historical and cross-cultural aspects of transsexualism. In Denny D. *Current concepts in transgender identity* (pp. 3-14). New York: Garland Publishing.
- Green, R. (2009). The three kings: Harry Benjamin, Jhon Money, Robert Stoller. *Archives of Sexual Behavior*, 38(4),610-613.
- Green, J. (2016). Transgender: why should we care? *Lancet*, 388(10042), 334-335.
- Jardim, J. G. (2016). Deveriam os estudos queer falar em cis-heteronormatividade? Reflexões a partir de uma pesquisa sobre performatividade de gênero nas artes marciais mistas

- femininas. In #4 Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e #2 Encontro Internacional de Estudos de Gênero. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.
- Jesus, J. G. (2012). *Orientação sobre a população transgênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor.
- Jones, E. (1979). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Imago.
- Kristeva, J. (1982). *The Powers of Horror: an essay on abjection*. Nova York: Columbia University Press.
- Kupermann, D. (2003). *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. São Paulo: Zagodoni.
- Lacan, J. (1949). Le stade du miroir comme formateur de la fonction du je. *Revue Française de Psychanalyse*, 13(4):449-455.
- Laplanche, J (2000). *Vocabulo de psicanálise / Laplanche e Pontalis*. São Paulo: Martins Fontes.
- Leite Junior. J. (2008). “*Nossos corpos também mudam*”: sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Leite Junior. J. (2012). Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. *Revista Estudos Feministas*, 20(2),559-568.

- Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, 19(2),17-23.
- Lustoza, R. Z., & Freire, A. B. (2006). Para uma crítica da leitura hermenêutica da psicanálise. *Natureza humana*, 8(1),9-33.
- Macedo, M. M. K., & Falcão, C. N. B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. *Psychê*, 9(15),65-76.
- Marchesini, A. L. S. (2010). *A constituição do si-mesmo: uma abordagem winnicottiana* (Dissertação de Mestrado). Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- McDougall, J. (1983). *Em defesa de uma certa anormalidade: teria e clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- McDougall, J. (1995/1997). *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicoanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.
- McDougall, J. (1999). Teoria sexual e psicanálise, In P. R. Ceccarelli (Org.). *Diferenças sexuais* (pp.11-25). São Paulo: Escuta.
- McDougall, J. (2014). Sexualidade e Criatividade, In M. Selaibe, & A. Carvalho (org.). *Psicanálise entrevista*. (pp.125-134). São Paulo: Estação Liberdade.
- Meireles, C. (1990). *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Martins Fontes.
- Mezan, R. (2006). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mohallem, J. C. G. (2006). Psicanálise e hermenêutica: aproximações a partir da obra de Fabio Herrmann. *Psychê*, 10(19),169-178.
- Mucci, L. I. (2010). O mito de Tirésias revisado: ética & estética na ótica do cinema. *Amaltea. Revista de mitocrítica*. 2,199-207.

- Nery, J. W. (2011). *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Leya, 336p.
- Nery, J. W. (2012). *Entrevistas do João*. Recuperado em: https://www.youtube.com/playlist?list=PL6A63F8F265F760DF&ytsession=AronsOXEm%20T-%20KN747763FgZc34FSrlwULyH_PuEzPSEBat7Cd8mQ9wKQYsrulVQrfS5d6aid1OvE6K0a%20jda0eES7z53g9K6rIzLzGRASopaLOc84iSx2kZhKyFBxmhhERTbxBK6JNMAxpqYVVCg%20fyMi6hPLjuo0pjB4F4wrs8xM8SgEaHqrvdDPjmmI7O3ooryxzQmZWcwzxRe0i6ebGxM%20Q
- Nery, J. W., Coelho, M. T. A. D., & Sampaio, L. L. P. (2015). João W. Nery – A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista. *Periódicos*, 4(1),169- 178.
- Newman, A. (2003). *As idéias de D. W. Winnicott: um guia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Nunes, C. A. (2011). Política, sexualidade e educação. *Filosofia e Educação*, 3(2),4-17.
- Oliveira, M. J. (2014). Uma etnografia sobre o atendimento psicoterapêutico a transexuais. *Revista de Estudos Feministas*, 22(3),839-862.
- Oliveira Neto, J, A O. de, (2006). *Falo no Jardim: Priapéia grega, Priapéia latina*. Campinas, SP: Ateliê, UNICAMP.
- Peres, W. S., & Toledo, L. G. (2011). Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. *Revista Psicologia Política*, 11(22),261-277.
- Porchat, P. (2010). Gênero, práticas “psi” e subjetividades. *Revista de Psicologia da UNESP*, 9(1), 116- 122.
- Porchat, P. (2013). Psicanálise, gênero e singularidade. *Revistafaac*, 2(2),195-202.
- Porchat, P. (2014a). A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4),115-126.

- Porchat, P. (2014b). *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gênero e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juriá.
- Porchat, P., & Silva, G. F. (2010). Intervenções no corpo como marcadores de gênero no fenômeno transexual. *A peste*, 2(2),418-421.
- Ramsey, G. (1998). *Transexuais: perguntas e respostas*. São Paulo: Summus.
- Rezende, A. M. (1993). A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In M. E. L. Silva (org.). *Investigação e psicanálise* (pp.103-118). Campinas, SP: Papirus.
- Rinaldi, D. (2011). O corpo estranho. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 14(3),440-451.
- Robles, R., Fresán, A., Vega-Ramírez, H., Cruz-Islas, J., Rodríguez-Pérez, V., & Domínguez-Martínez, T. (2016). Removing transgender identity from the classification of mental disorders: a Mexican field study for ICD-11. *Lancet Psychiatry*, 3(9),850-859.
- Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Saadeh, A. (2004). *Transtorno de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino* (Tese de Doutorado). Departamento de Psiquiatria, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Salles, L. L. M. (2013). Tirésias e a arte da decifração em Édipo Rei. *Ítaca*, (22),25-37.
- Santos, I. K., & Hellmann, R. M. (2010). Hermenêutica e psicanálise: disparidades e complementariedades na interpretação. *Revista NUPEM*, 2(3),35-48.
- Silva, M. E. L. (1993). Pensar em psicanálise. In M. E. L. Silva (org.). *Investigação e psicanálise* (pp.11-25). Campinas, SP: Papirus.
- Spizzirri, G., Pereira, C. M. A., Abdo, C. H. N. (2014). O termo gênero e suas contextualizações. *Diagn Tratamento*, 19(1),42-44.

- Stoller, R. J. (1968). *Sex and gender*. London: Kamaç.
- Stoller, R. J. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vaisberg, T. A. (2004). *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida-SP: Ideias e Letras.
- Westphal, L. (2015). O Transexualismo como suplência na psicose. *Ágora*, 18(1),11-24.
- Winnicott, D. W. (1958/2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1965/2011). *A família e o desenvolvimento individual*. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1970/2011). *Tudo começa em casa*. 5a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1972/2010). *Holding e interpretação*. 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1979/2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1984/2005). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1988/2012). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1988/1990). *Natureza humana*, Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1990/2005). *O gesto espontâneo*. 2a.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Winter S., Diamond M., Green J., Karasic D., Reed T., Phys G. D., et al. (2016). Transgender people: health at the margins of society. *Lancet*, 10042(388),390-400.
- Wyllys, J., & Kokay, E. (2013). *Projeto de Lei 5002/13. Lei de Identidade de Gênero João W. Nery*. Recuperado de <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1059446.pdf>
- Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. T. (2016). A sexualidade feminina contextualizada no filme “The Witch”. *Leitura Flutuante*, 8(1),77- 81.

- Zerbinati, J. P., & Bruns, M. A. T. (2017). Sexualidade e educação: revisão sistemática da literatura científica nacional. *Revista Travessias*, 1(11),76-92.
- Zimerman, D. E. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. 2a. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. E. (2004a). *Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão*. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. E. (2004b). *Bion: da teoria à prática – uma leitura didática*. 2a. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Zimerman, D. E. (2010). *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed.